REVISTA DA SEMANA

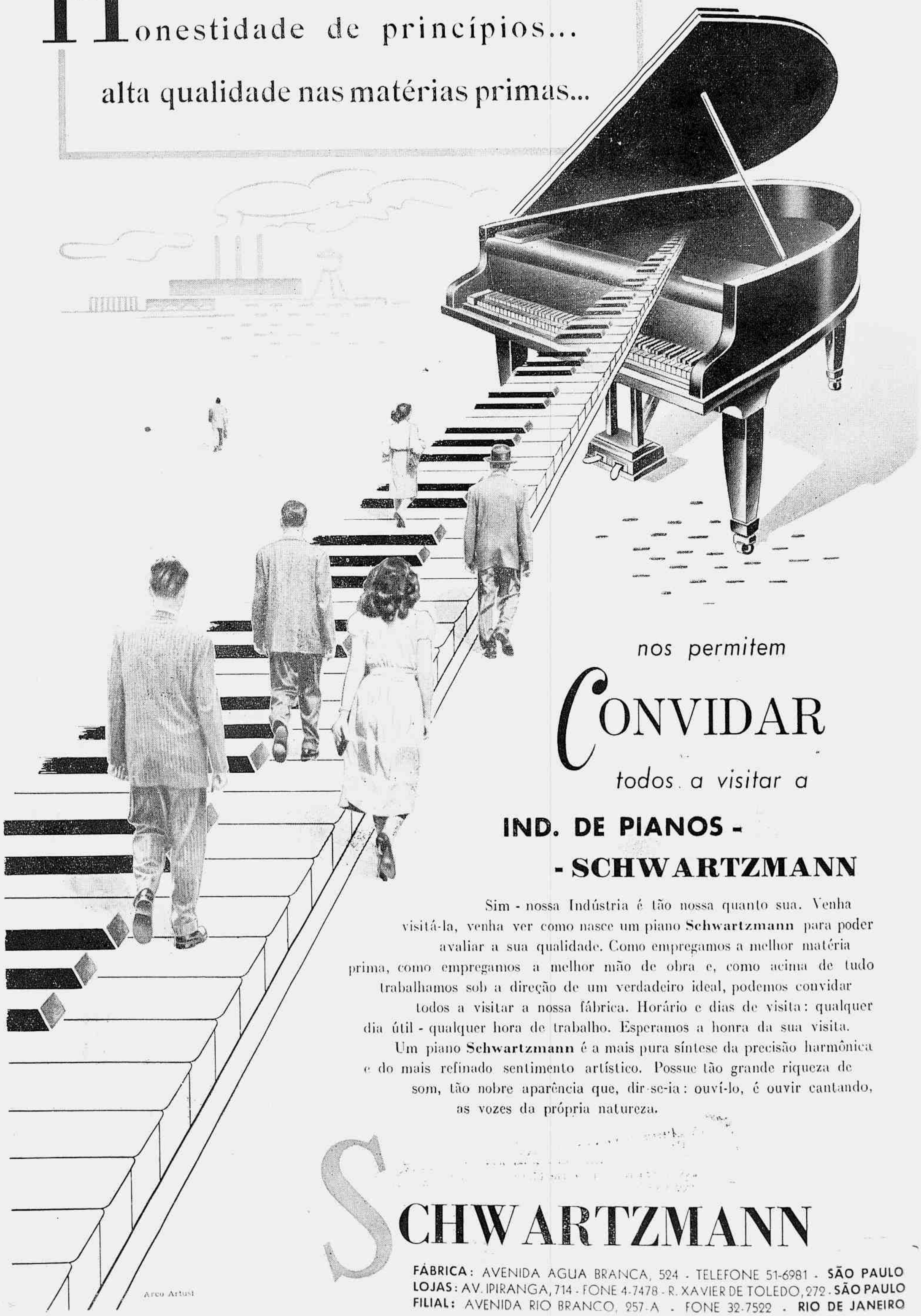
Cr$ 3,00 em todo o Brasil

22-1-49

BIBLIOTHECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO CONT. LEGAL Nº 4

Honestidade de princípios...

alta qualidade nas matérias primas...



nos permitem

CONVIDAR

todos a visitar a

IND. DE PIANOS - - SCHWARTZMANN

Sim - nossa Indústria é tão nossa quanto sua. Venha visitá-la, venha ver como nasce um piano **Schwartzmann** para poder avaliar a sua qualidade. Como empregamos a melhor matéria prima, como empregamos a melhor mão de obra e, como acima de tudo trabalhamos sob a direção de um verdadeiro ideal, podemos convidar todos a visitar a nossa fábrica. Horário e dias de visita: qualquer dia útil - qualquer hora de trabalho. Esperamos a honra da sua visita.

Um piano **Schwartzmann** é a mais pura síntese da precisão harmônica e do mais refinado sentimento artístico. Possue tão grande riqueza de som, tão nobre aparência que, dir-se-ia: ouví-lo, é ouvir cantando, as vozes da própria natureza.

SCHWARTZMANN

FÁBRICA: AVENIDA AGUA BRANCA, 524 - TELEFONE 51-6981 - **SÃO PAULO**
LOJAS: AV. IPIRANGA, 714 - FONE 4-7478 - R. XAVIER DE TOLEDO, 272 - **SÃO PAULO**
FILIAL: AVENIDA RIO BRANCO, 257-A - FONE 32-7522 - **RIO DE JANEIRO**

Velas acesas na Pedra da Onça

DO alto do morro lá do Bananal, desceram aos grupos mulheres e homens, com flôres cheirosas em laços de fita para o ritual Desceram, desceram na calma da noite, chegaram à praia do vento ao açoite e fizeram um sinal. Mocinhas de branco foram chegando, tirando os sapatos, vestindo avental.

Formaram um terreiro à deusa das Águas, a Iemanjá. As velas fincadas à beira do mar, de ondas tão mansas a murmurejar. Triângulo de luzes, cercadas de flôres tão brancas e leves como a espuma do mar. Garrafas de vinho para a obrigação estavam já bentas para a saudação, na regra litúrgica como os Pais ensinaram, da deusa em louvor.

As velas acesas da Pedra da Onça lá em Governador, chamavam do povo a mais viva atenção. E muitos vieram para ver mais de perto o rito selvagem do negro pagão. Nas leis de Umbanda todos são iguais, e o templo que usam é o da natureza, ao pá das mangueiras, no seio das matas, à beira da praia, à luz das estrelas, que Deus semeou com tanta largueza.

Formaram em roda, cantando em surdina, um hino dolente de grande tristeza, de funda emoção. Cambonos de branco falavam baixinho ao seu Pai de Santo pedindo concelhos, pedindo "benção". Nos últimos instantes do ano que morre na noite sem lua da praia deserta lá do Bananal, um grupo de crentes na deusa do mar, vem à beira da praia pedir-lhe favores, pedir-lhe a esmola de um seu olhar.

E a Mãe de Santo vestida de branco com seu avental, tão alvo, tão leve como as margaridas formando um desenho triangular, abriu as garrafas de vinho corado, despejou nas taças que estavam ao lado, na areia morena e começou a cantar:

"Hoje é dia de Nossa Senhora,
De nossa Mãe Iemanjá.
Karunga, eh!
Eh, eh, eh, eh!
Karunga, ah
Ah, ah, ah, ah!"

E aspergiu as cabeças, dos homens descalços, para os batizar.

Quem via, da rua, aquelas mulheres batizando a vinho, cerveja e uisque os novos adeptos de deusas pagãs, pensava, na certa, em mil bruxarias, no mal que faziam, talvez desunindo duas almas irmãs. Paravam, olhavam, receio nos olhos temendo os efeitos de Exu e Iançã; não era macumba, não era "despacho", não era mandinga, não era Xangô e nem candomblé naquela manhã.

Estavam rezando ao Deus de seu credo, à imagem da deusa que os via do mar. Em preces e cantos, pediam a Deus que desse ao Brasil um ano feliz, de luz e de flôres como naquele Altar. Estavam pecando? Ilícito o seu rito? As leis proibiam seus hinos pagãos? Mas era poético, aquêle batismo, com água salgada, com vinho do Pôrto, o Ogan sacerdote, chamando falanges para aqueles irmãos, entrando descalços nas águas do mar.

As velas sagradas ao pé do orixá, luziam, trementes, à brisa do mar, e todos cantavam baixinho, sem vibrar a curimba, sem sons de atabaques, somente nos lábios a sua oração:

"Brilham as estrelas no céu,
Brincam os peixinhos no mar!
Karunga, eh
Eh, eh, eh, eh!
Karunga, ah
Ah, ah, ah, ah!..."

Cabeças curvadas, ao pé do altar, corpos de bruços beijando o terreiro no rito bárbaro de Iemanjá; não era Quimbanda, falanges do mal, linha negra africana de vinganças e pontos para desfazer casal. Tudo era ingênuo, quase primitivo, só Ogan era altivo, benzendo os irmãos na última noite do ano a morrer. Chamavam sereias, chamavam ondinas, chamavam também as caboclas do mar. O chefe era Oxun; Naná Burucu e a formosa Indaia, também lá estavam para os proteger. E elas vieram? E o Arcanjo os ouviu? Sete linhas marcadas por um Orixá. Legião das Sereias, legião das Ondinas, legião das formosas Caboclas do Mar. Derretidas em cotos, as velas acesas da Pedra da Onça estavam a findar.

Lá no alto dos céus uma lua fininha, parecia uma gôndola deslisando no azul; não se via uma nuvem na noite calmosa, e as estrelas em festa pareciam crianças brincando de roda, piscando os olhinhos para o Cruzeiro do Sul

Já era manhã, já de madrugada, quando os crentes então encerraram a festa de seu Ano Bom. Ao longe o clarão do sol já se via tingindo de ouro o cimo dos montes, as ilhas distantes, as serras bucólicas, num hino de luz. Ficamos pensando nas crenças do povo, simplório, nos cultos selvagens, nos ritos pagãos. Sairam felizes em busca dos lares, no peito a esperança de um ano melhor. Teriam razão? Oxum os ouviu? A fé é quem salva, já disse Jesus.

RENATO DE ALENCAR (Especial para **"REVISTA DA SEMANA"**)

SUMÁRIO

SEÇÕES PERMANENTES
Velas acesas na Pedra da Onça (Renato de Alencar) 3
A personagem da semana 8
A semana em revista 8
O mundo marcha 9
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 48
REPORTAGENS
A amizade franco-americana e a curiosidade de um menino francês 4/ 5
Ainda que pareça incrível (Milton Pedrosa) 10/15
A arte moderna não é tão moderna .. 16/17
A tragédia milenar do povo de Israel (John T. W. Smith) 28/33
CONTOS
Qual dos dois? (Tiel Garcia) 6/ 7
O caixeiro imaginoso (Luis Prado) 20
O quarto nº 25 (André Carneiro) 42
LITERATURA
Livros Novos (João Luso) 10
CARICATURA
Bom humor 18
SUPLEMENTO DA MULHER
Nos bastidores femininos 19
Cocktail 22
Para as noites das "jeunes-filles" 24
Detalhes e novidades 26
Interiores 34
Esportes 34
Week-end na cozinha 35
Chapéus modernos 36
Mães e filhos (Anamaria Célia) 37
Blusas modernas 37
Para os dias de calor 38
Três modelos 39
Sugestões de Hollywood 40
NOVELA
A justiça do Ártico (R. O. Case) 44
TURISMO
Bilhetes do meio do mundo (D. G. Coimbra) 46
AVIAÇÃO
Pelas estradas do céu (André Max) .. 47
Música 49
BIOGRAFIA
A vida de Darwin 50
FOLHETIM
Drago 53/54
CINEMA
Cine-revista 56/57
RÁDIO
Broadcast 58
TEATRO
Bonecos da Broadway 55
ILUSTRADORES
Orlando Matos
Armando Pacheco
Osvaldo da Cunha

NOSSA CAPA

Ilustra a capa da da REVISTA desta semana a querida "estrêla" de Hollywood Ava Gardner, que o nosso público irá apreciar muito brevemente em seu novo filme "Venus, deusa do Amor", da Universal - International.

Há já um ano que os Estados Unidos organizaram o famoso "trem da amizade", participando do mesmo todo o povo americano, pelo qual foram remetidos à França nada menos que 9 milhões de libras de produtos alimentícios desembarcados no Havre. Agora coube à Fraça corresponder a êsse gesto de fraternidade, com o oferecimento aos americanos de um "trem da gratidão", compôsto de 49 vagões para carga, do tipo caracteristicamente francês, cabendo um para cada Estado e um para o Distrito de Columbia. A comissão para esta oferta foi composta de oficiais veteranos da França, que decoraram o presente com coisas típicas da França

A AMIZADE FRANCO-AMERICANA

E A CURIOSIDADE DE UM GAROTO FRANCÊS

PERTO de Paris, numa pequena vivenda às margens do Marne, ouvi a seguinte palestra durante minha estada ali, quando um professor universitário da França, procurava responder às perguntas de seu sobrinho, de onze anos.

— São os americanos um povo melhor do que o francês? — Era o que desejava saber o pequeno Paul.

— Os próprios americanos, disse o tio, êles mesmos, não gostariam que lhes fizessem esta pergunta. Acham-se tão bons como qualquer outro povo, mas nunca se envaidoceriam julgando-se um povo melhor, do mesmo modo que também não gostariam de ouvir de outro povo essa mesma expressão de vaidade.

Paul o olhou meio embaraçado.

— Bem, tio Robert, disse êle com os olhos sôbre mim, ninguém na França pensa que os americanos são um povo melhor?

— Eu nunca ouvi de bôca de um francês tal afirmação. Você já ouviu tal? Por que me faz esta pergunta?

— Bem, tio Robert, se êles não são um povo melhor do que nós, qual é o motivo por que podem êles adquirir tanta coisa em Paris e o povo francês não pode?

O tio Robert pigarreou algo embaraçado, enquanto eu procurava penetrar no pensamento de Paul, que olhar era meditativo. Não havia mais de Noel. O menino parecia estudarmos com aquela curiosidade de gente de sua idade quando aguarda um exemplo de uma regra e se refere para isso ao que lhe é ensinado pelos mais que lhe são superiores.

Antes que seu tio Robert pudesse dar-lhe uma resposta satisfatória e plausível, continuou o sobrinho a fazer-lhe pressão:

— Podem os americanos obter tanta gasolina quanto quiserem?

— Bem, não é exatamente assim. Podem comprar durantes galões por mês.

— E nós, tio Robert, quantos galões podemos adquirir?

— Cinco por mês.

— Que sucederia se um americano fôsse forçado a gastar acima de seus durantes galões e precisar de mais?

— Bem, suponho que poderia conseguir mais se precisar.

— E poderia um francês, tendo gasto sua cota, obter suplementos se precisasse de mais?

— Não, meu Paul, não é simples querer de comprar gasolina, mas se fôsse um negócio e realmente precisar de utilizar seu carro, o Governo provavelmente lhe concederia gasolina bastante para que êle leve avante seu negócio.

— Mas, então, os americanos usam gasolina por simples prazer? E não sofrem os americanos se êle não usarem o carro, vendo a gasolina de seu próximo? Os seus parentes, os amigos? E não lamentam-se alguns de não poderem adquirir mais? Pois, se êles podem prender americanos e não podem prender franceses?

Sorria o tio Robert bonachonamente mas seu rosto ficara longe de ser [illegible] e [illegible] que êle tinha de dizer a [illegible] da pergunta.

— Não, meu caro Paul, [illegible] que os americanos são nossos hospedes, e que é nosso dever tratá-los corretamente. Um bom hospedeiro precisa sacrificar sua própria alimentação em benefício do tratamento dos seus hospedes.

— Então é por isto que nunca temos carne, açúcar ou manteiga, tio Robert? Estamos dando tudo isto aos americanos? Pode um americano conseguir carne em Paris sempre que o deseja?

— Sim, mas...

— Pode êle servir-se de presunto com ovos no café, carne de vitela com massas para o almôço e carne de porco com abóbora para o jantar, justamente como usávamos lá em casa quando ainda era eu criança?

Tendo sem esperar por mais uma resposta e olhando-me com dignidade, perguntou-me:

— Que teve hoje para seu almoço mister Jacques?

— Bem, Paul, tive algum toucinho com ovos, respondi meio embabulado.

— Que mais?

Engoli em seco.

— Bem, vegetais, disse eu embaraçado. Não sabia bem certo. Lembrei-me... Bem, tio... Bem, Paul... sentia-me com [illegible] e procurava dar ao Paul uma resposta certa. Tive ainda um suco de laranja, [illegible] de [illegible] mel e depois de [illegible] café com creme e açúcar, torrada com manteiga e marmelada.

Os olhos de Paul arregalaram-se tanto que êle se atirou para a um parqueadas [illegible]

— Suco de laranja! Mel! Manteiga! Açúcar! Não está brincando?...

— Não, Paul, não estou pilheriando.

— Então é que, talvel, o senhor esteja tão doente que o govêrno precise fornecer-lhe a alimentação de acôrdo com a receita médica, não?

O tio Roberto teve que intervir.

— Paul, disse êle. O sr. Cousins não está doente e êle não precisa de certificado médico para essa alimentação: êle é americano, e os americanos têm direito de comer bem aqui, alugar carros, queimar gasolina, e comprar fazendas, o que os franceses não podem. Sei que o fato não sôa bem, mas isto realmente ajuda a França, quando os americanos vêm aqui e compram todas estas coisas.

Paul ficou calmo a ouvir o que seu tio dizia; mas pude observar que uma tempestade estava fervendo em seu íntimo.

— Tudo isto me torna maluco, disse êle a explodir. Ninguém me responde exatamente o que preciso saber. Primeiro o senhor me disse que o povo francês não possui bastante as coisas de que precisa, como carne, ovos, manteiga, mas agora me diz que essas coisas auxiliam a França se nos as damos aos americanos. Não têm os americanos bastante o que comer lá na América? Precisam vir para cá por que não têm o necessário em suas casas? E se êles não têm o bastante na América, para êles mesmos, com que direito vêm êles devorar o pouco que temos?

Paul parecia [illegible] a fazer fogo no seu [illegible] [illegible] perturbado. Sua [illegible] já se tor-

nara em desespêro. Resolveu, porém, dar novo aspecto ao caso.

— Na verdade, Paul, é isto tudo uma questão muito interessante; e estou de acôrdo com você de que minhas respostas não têm muito senso, e bem percebo o que você quer dizer quando diz que está tudo maluco. Mas não há tal. Falei-lhe uma verdade, pois as coisas são como elas são, ou, pelo menos, como o nosso govêrno quer que sejam.

Estas palavras acalmaram Paul. Tio Robert deu um suspiro profundo e prosseguiu:

— Eis o que ocorre: a França não possui dinheiro. Com a invasão ela perdeu quase tudo o que tinha; muitas de suas fábricas, terras e homens. Paris foi salva; mas tôda a França do oeste foi ocupada e vai demorar muito tempo para reconstruir-se. No fim da guerra a França não podia comprar as coisas de que precisava para reavivar suas indústrias. Sua moeda não estava lastreada por suficiente ouro ou prata. Havia grande escassez. Havia...

Paul interrompeu com uma pergunta:

— Mas também não estava pobre a América ao findar a guerra?

— Não, Paul. A América não estava pobre também. Ela não foi invadida, nem suas cidades arrasadas. Está hoje a América mais rica do que ao fim da guerra, porque tôdas as suas indústrias e muitas novas, trabalharam redobradamente, e o povo teve mais dinheiro do que antes para comprar utilidades. O dinheiro americano nunca esteve tão sólido como hoje. Naturalmente um dólar americano poderá comprar agora a metade, ou, talvez, três quartas partes do que compraria antes da guerra, mas isto não é nada comparado com a França, onde precisariamos de sessenta francos para fazer o que fariamos com um só franco, dez anos atrás.

Tio Robert deteve por um instante o argumento nesta altura. Depois prosseguiu:

— Como a América está tão rica e o resto do mundo tão pobre, o de que se precisa no mundo é de dólar americano. Todos sabem que o dólar americano possui alto valor aquisitivo, razão por que tôdas as demais nações do mundo desejam receber em dólar americano, uma vez que com sua própria moeda, compram muito menos do que com o dinheiro americano. Eis o motivo por que há ansiedade na França no sentido de que os americanos venham para cá. Compram o que desejam e pagam em dólares... Podem comprar bifes, manteiga, laranja, mel, creme, fazendas e fantasias. Quanto mais gastarem seus dólares aqui, mais poderá a França dispôr de recursos para reconstruir sua economia.

Por um momento eu olhei Paul como se êle estivesse percebendo essa explicação. Porém, pela fisionomia que fez, vi que não entendia patavina.

— Não compreendo, disse com voz vagarosa. Se os americanos pensam que não são melhor povo do que os demais; se são uma democracia, e se realmente desejam ajudar-nos, por que não se deixam ficar em seu país e enviam para cá os seus dólares? Se são, realmente, nossos amigos, por que temos que lhes dar tudo o de que precisamos antes que venham de lá os seus dólares? Não seria mesmo melhor que êles ficassem lá com seus dólares e nos mandassem alimentos que estão sobrando na América? *Mister Cusans*, posso ver um dos seus dólares, por obséquio?

Ouvindo êsse pedido, remexi no bolso e procurei uma nota de um dólar, passando-a a Paul.

— Mas isto é justamente uma nota de papel, disse êle examinando-a com cuidado. E' mais grosso do que o franco, mas é como o nosso, um papel. Nós os franceses, somos muito estúpidos em estar mendigando, ajoelhados, êsses dólares de papel. Deviamos ser mais orgulhosos, a fazer o que estamos fazendo. Se há uma lei que nos obriga a não comer carne em virtude de sua escassez, então não deviamos fazer exceção nenhuma, a ninguém, nem mesmo aos americanos, pois que êles são ricos. Por que os americanos têm suco de laranja, açucar e manteiga em sua refeição matinal comprados com o dólar, enquanto as crianças francêsas precisam muito mais do que êles de tal alimentação, mas que não podem adquirí-la em virtude da lei?

— Paul! — Fez seu tio em tom severo. — Mr. Cousins foi convidado por amigos universitários meus para ficar aqui conosco, e lhe arranjaram o menu. Alem disso, é falta de boas maneiras estar você a debater êste assunto de forma tão pessoal.

— Permita-lhe continuar, disse eu. Está o garoto a discutir excelente matéria.

— Bem, eu não quís referir-me somente a *mister Cusans*, disse Paul delicadamente. O que quero dizer é que me parece errado querer dar mais importância a êsse dólar de papel do que às outras notas. Se, agora mesmo, eu for à cozinha e colocar êste dólar de papel junto a uma batata no fogão, em pouco tempo o senhor poderá comer a batata, mas não será capaz de achar mais esta nota.

— Seu raciocinio é pitoresco, disse o tio Roberto. Não vou tentar explicar-lhe exatamente o que é o dinheiro e como êle age, exceto, isto é, Paul, que uma destas pequeninas notas de papel pode comprar bastante batata num ano; mas, não me pergunte porque isto pode pode ser assim. Digo-lhe apenas que é isso mesmo. Mas, se você precisa saber o que a França está fazendo para sair de sua crise atual de dólar, e não me exige uma lição acêrca da função do dinheiro ou porque tanto precisamos dele, então terei muito prazer de responder-lhe as perguntas que me fizer. Em primeiro lugar, você foi injusto quando fez crêr que os americanos não são nossos amigos ou que só nos mandam dólares mediante compensação de volta. O govêrno americano tem um plano de ajuda a todos os países da Europa. Os Estados Unidos nos adiantarão dinheiro para que possamos comprar o de que necessitamos, tanto em sementes, como aparelhagem geral de reconstrução, trigo, etc. Bilhões de dólares estão sendo pôstos à disposição dos europeus e a América recebendo muito pouco em troca.

Paul estava, portanto, a ouvir assuntos do Plano Marshall em sua primeira fase. O menino pareceu dominado pela curiosidade da narrativa, acomodou-se na cadeira, inclinou-se para a frente, apoiando o queixo nas mãos, firmando os cotovelos nos joelhos. Ouvia atentamente o tio Robert na explicação do Plano Marshall, o que isso significava em esperança para milhões de gente na Europa.

— Eis aí uma grande coisa que o govêrno americano está fazendo, disse êle, profundamente impressionado. Mas, — perguntou — por que os americanos não procedem com tanta delicadeza como fez o govêrno de lá?

— Que quer dizer você, Paul? — Intervim.

— Quero saber por que vêm os americanos comprar em Paris tôdas estas coisas de que necessitamos e de que êles não precisam, se o govêrno americano está fornecendo dólares à França? Se o govêrno americano sabe de quanto precisa a França para ser ajudada, por que admitir que os americanos tenham melhor tratamento do que os filhos dos países onde êles estão?

O tio Robert lançou-me rápido olhar.

— Acho melhor levá-lo daqui, disse êle meio contrariado.

Enquanto Paul falava eu estava a pensar que, por tôda a Europa as crianças estavam crivando seus pais com idênticas perguntas, e continuavam insatisfeitas com suas respostas. Recordavam-me do que se passara com os americanos em 1948 na Europa, e a extraordinária influência, por exemplo, do cigarro americano cujo prestigio em Londres foi inacreditável. Os garçons ficavam estupefactos quando viam um americano tirar uma ou duas baforadas e jogar fora o cigarro. Êles abriam os olhos de espanto. Recordava-me dos episódios vistos em Berlim, quando os americanos podiam comprar maços de cigarros a nove centavos nos armazens do Exército e trocá-los com os alemães por objetos de preço superior a cinco dólares; era comum, deixarmos, após boa refeição, dois cigarros como gorgeta principesca, menos do que um centavo entre americanos; lembrei-me do que aconteceu numa loja de artigos de couro em Milão, quando o proprietário deixou um cliente italiano esperar por um americano, porque êstes se tornaram os primeiros na Europa. Pensei ainda que, se muitos americanos que viajavam pela Europa se comportavam com discrição e com responsabilidade em razão de sua riqueza e poder, outros, em minoria, não agiam assim e se exibiam como se estivessem a exercer um sagrado direito. Era preciso que instruções oficiais de policiamento em muitos países, olhassem mais atentamente para violações cometidas, de alguma forma, pelos americanos. Nós temos dólares e os europeus não têm. Isso produz nos europeus de vários países, um sorriso externo por entre dentes cerrados, produzindo ressentimentos entre os americanos, especialmente quando suas contas de hotel são infestadas, as notas de restaurantes acrescidas, os táxis cobram em dobro, e no comércio mudam, rápidamente, as etiquetas de preços dos artigos, aumentando com "cargas" misteriosamente complementares as mercadorias ou serviços. E' claro que, com êsses procedimentos, nenhuma das partes está procurando construir o edifício da amizade.

Pensava eu em tôdas estas particularidades, quando Paul me tocou nos joelhos e perguntou se eu ia responder às suas dúvidas, já que seu titio havia desistido de lh'as explicar.

Então eu disse ao menino que ia tentar responder sob o meu ponto de vista, honestamente. Disse-lhe que não havia

(Continuação da página 51)

A América do Norte encheu aquêle seu "trem da amizade" com tudo o que era indispensável à subsistencia dos francêses nos negros tempos do após-guerra. Os francêses, que não têm abundância de víveres, oferecem aos americanos uma coleção de Arte, num dos carregamentos do "trem da gratidão"

A delicadeza dos francêses não foi abalada com as torturas da guerra. Os nazistas lhe destruiram muita coisa material, mas o espirito francês continua intacto. No "trem da gratidão" que ofereceram aos Estados Unidos, as crianças francêsas de 4 anos, ofereceram bonecas às crianças norte-americanas

Qual dos dois?

CONTO DE **TIEL GARCIA** ★ ILUSTRAÇÃO DE **ORLANDO MATTOS**

ERA magra, ligeiramente marcada de varíola; tinha os cabelos lisos, presos em coque. E, apesar de tudo, possuía ligeiro encanto no sorriso languido e nos olhos sombreados de longos cílios.

Vivera sempre de favor em casa dos primos Mendonça. Heitor, o chefe da família, a recebera juntamente com a fábrica de tecidos e os filhos dêle se haviam acostumado a chamá-la de "tia", dada a diferença de idade. E Amália era uma perfeita "tia", sobretudo quando o vocábulo se relaciona à "solteirona": muito devota, não perdia novenas, bordava toalhas de renda para a paróquia, fazia "tricot" muito bem e corava diante de conversas impróprias.

Tinha adequadas prendas domésticas: batia bolos na perfeição, era paciente com crianças e perita em ponto de sombra, e tinha também as maniazinhas peculiares: por da-cá-aquela-palha e criava um gato angorá. Fora levava boatos das empregadas para a patroa, resmungava isso, uma boa criatura. Todos na casa lhe tinham amizade, amizade sincera. Acostumaram-se a vê-la como parte integrante do quadro doméstico, presente a todos os fatos.

Heitor Mendonça havia casado muito jovem, no interior, com uma filha de fazendeiros, um casamento arranjado entre as famílias, mas de ótimos resultados. O casal pregredira no terreno econômico e tivera uma digna prole — três rapazes e duas moças, além dos perdidos.

Quando a fábrica de tecidos tomara incremento e ligara-se a negócios de mais vulto, a família mudara-se para a capital — São Paulo — e Amália, naturalmente, viera com êles. Tomara, sempre, os bebês recém-nascidos nos braços, estivera presente, à formatura ginasial de Zeca, quando êle completara o ginásio; amortalhara a pequenina Lélia, morta em duas horas de convulsões e havia sido operosa, quando muitas vêzes haviam trocado de residência. Chamavam-na quando era necessária uma roupa de festa, passada a tempo, quando era preciso fazer um chá bem quente e para arrumar malas de viagem.

Os Mendonça tinham desenvolvido a vida dentro dum ambiente de pequena alta burguezia; moravam, enfim, numa bela casa, estilo colonial no Jardim América. Eram considerados ricos, mesmo em competições com as grandes fortunas bandeirantes.

Amália vivera todos os acontecimentos da família, sem jamais tê-los promovido. Não tinha destino e roubava um pouco o dos outros. Vivia com intensidade a vida alheia os momentos que lhe ofertavam e apenas resmungava um pouco, quando era relegada para os bastidores. E tinha ainda uma mania: culpava os auxílios domésticos prestados de terem-na impedido de realizar seu maior desejo — ser freira, se bem que jamais tivesse tentado um passo definitivo nêsse propósito.

Enfim, Amália, de quem a pobreza e uma educação demasiada severa, haviam afastado as figuras varonis, fazia parte da clã, da casa, do mobiliário dos Mendonça. Afastara-se dêles apenas uma ocasião: quando afetada por uma enfermidade que os médicos da capital não solucionavam; passara meio ano no campo, numa fazenda em Minas, em busca de melhores ares.

Disseram que era "fraqueza" e de volta, retomou seu pôsto, com as mesmas regularidades e os mesmos hábitos. Poucos na casa a considerariam mais próxima duma criatura de carne e osso do que duma máquina de utilidade doméstica, como, por exemplo, o relógio carrilhão da sala de jantar.

Nenhum acontecimento particular de Amália abalara a vida da comunidade; nenhum era digno de nota; isto é, havia um, um só, que de vez em quando era narrado e fazia-a sentir-se importante como prima-dona de ópera.

Era contado e recontado com tôdas minúcias, em que ela própria se detinha: uma tarde saíra em oopras, acompanhando a prima mais velha, Francisca, já então uma mocinha. Carregadas de pacotes, ambas voltavam para casa, tomando lugar numa fila de ônibus, quando o tráfego de São Paulo começava a tornar-se difícil. Depois de esperarem um quarto de hora, acomodaram-se num dos primeiros bancos. O veículo partiu. Várias quadras depois, quando já nos bairros residenciais haviam saltados alguns passageiros, subiram numa parada meia dúzia de pessoas, entre as quais uma mulher do povo, com uma criança ao colo. Amália sacudiu a cabeça, lembrando os bons tempos de cortezia, ao ver os companheiros conservarem-se indiferentes lendo jornais ou olhando o vácuo, enquanto a pobre senhora procurava a custo equilibrar o pimpolho, entre a bolsa, um casaco e o braço agarrado à correia do teto.

Amália e Francisca trocaram um olhar de reprovação e que renunciou o pensamento foi a primeira, sentada à beira do banco:

— A senhora quer que eu o carregue? — perguntou, tocando na atrapalhada mulher.

Com um mudo agradecimento de cabeça, o garoto foi depositado ao colo da obsequiosa Amália, que assim, ainda na rua, prestava serviço aos outros e que se pôs a carregar o menino, num enganador e, talvez satisfatório quadro de maternidade.

Enfim, aproximaram-se da esquina de casa. Francisca tornou a repartir os pacotes e deu sinal de descida. Amália ajeitou a criança — um menino duns sete meses — e tocou no braço da senhora:

— Vou saltar aqui — disse.

E, então, se deu o imprevisível.

A mulher olhou-a espantada, cheia de surpresa:

— Hein? O que a senhora quer?

— A criança! — disse Amália, confusa. — Vou saltar... é preciso segurá-la... A criança... o seu filho...

Continuou a repetir isso uma meia dúzia de vêzes, numa mescla de susto, incompreensão e receio de escândalo. E a mulher, com o maior cinismo do mundo, simplesmente replicou-lhe:

— A criança? Mas a senhora "tá" louca! A criança é sua!

O ônibus parara à esquina e, cobrador e motorista, na má vontade comum à sua classe, olhavam para trás aborrecidos com a demora. Francisca pusera-se de pé, estatelada e Amália procurava os outros passageiros, num mudo pedido de auxílio. E a mulher, segurando-se com u'a mão e com a outra o casaco e a bolsa, continuava olhando desafiadoramente, pronta a pôr a boca no mundo. Já havia murmúrio à volta, todos falavam ao mesmo tempo, todos comentavam, e Amália pedia desesperadamente que a outra tomasse conta do filho, a quem havia segurado por delicadeza. E, vencendo a timidez, invocou outras testemunhas.

Mas só então percebeu quão próximos e quão distantes são os companheiros duma condução moderna. Entrando aos empurrões, lutando por lugar, comprimidas, as pessoas tornam-se dum modo geral tão preocupadas consigo mesmas que pouca atenção dão aos demais. Ninguém sabia dizer onde uma e outra haviam subido, o que carregavam ou não e já o cobrador achara por recurso chamar o guarda, porque uma não queria descer com a criança e outra não queria segurá-la. A balbúrdia e a confusão eram completas, acrescidas pelo chôro do pequeno. Cada pessoa dava um palpitante discordante. Havia os que queriam que o carro continuasse e os que se interessavam pelo caso. Francisca e Amália, sobrepujavam-se a si mesmas, numa situação em que jamais haviam supôsto encontrarem-se em foco em público e com um guarda a interrogá-las. Apenas repetiam descontroladamente o caso. O policia chamado teve o expediente: deteve as contendoras, tomou nota do nome e endereço dos outros passageiros e deixou o ônibus seguir. Mas um grupo ficara e outro juntara-se na calçada. Amália e Francisca, num recurso muito brasileiro, invocavam, então, o nome e a posição da família; mas o mais que conseguiram foi poderem chamar o carro particular, no qual rumaram com o guarda, a criança e a mulher para o distrito mais próximo, onde pouco depois Heitor Mendonça comparecia afobado

Já o caso se tornou ainda mais misterioso: apesar de logo poderem provar que tinham razão, nada se pôde saber do pobre menino e de sua mãe aparente. Esta foi identificada como sendo uma moça do interior, que trabalhava como doméstica, tendo abandonado o último emprêgo há seis meses (estava registrada numa agência de emprêgos).

Naturalmente estavam todos convencidos que se tratava duma maternidade irregular e duma maneira bem bizarra de enjeitar um filho, mas não foi possível descobrir o hospital onde houvesse ocorrido o parto, nem o lugar de moradia da infeliz. Levou-se o caso avante, por influência dos Mendonça.

A rapariga foi detida, mas interrogada sem violências, porque afinal a sociedade confere o direito de rejeição à prole, exercido até por um grande pedagogo: Rousseau. Nada se obteve dela, a não ser acessos de chôro. Submeteram-na, então, a exames de sanidade mental, mas ao cabo de dois meses, nada ficando provado contra seu juizo, foi solta e deixada em paz.

Quanto ao menino — era louro e engraçadinho — desde os primeiros instantes teve destino. A senhora Mendonça, que correra curiosa ao pôsto policial, acudiu logo com seu instinto maternal e, vendo-o chorar, decidiu que estava com fome. Mandou-o para casa e guardou-o durante as investigações. A casa era farta, a família grande, muitos empregados, o caçula nesta época contava dois anos e era fácil conservar mais uma criança, como cria. Acostumaram-se a guardá-lo e decidiram-se a fazê-lo para sempre.

Amália foi a única que resmungou um pouco: mais trabalho para ela, disse, e parecia de comêço, olhar o pequeno com o susto e os protestos dos primeiros instantes. Mas acabou por fazer menos caso do seu gato angorá e a dedicar ao enjeitado particular carinho. Pelo menos, êle se prendia ao único acontecimento de relêvo na casa, em que ela era a figura central. Suportava até com menos rabugice as caçoadas que os primos lhe faziam, chamando-a de "mãe blitz-screeg" e outras tolices.

— A "tia" Amália é um prodígio — dizia Heitorzinho, o humorista da casa. — Sai para compras e volta com um bebê rosado.

Amália, com o tempo, esqueceu o ridículo do caso em favor do sensacional e ela própria se divertia em contá-lo, mesmo dez anos depois.

Moisés — nome que o pequeno tivera em memória do astuciosamente enjeitado bíblico — ia crescendo forte e desempenado entre as incoveniências e vantagens da situação de agregado, entre os filhos e os serviçais da casa. Brincava com os outros, comia mesmo com êles, mas com a mesma rapidez que gozava estas regalias, era despachado a fazer recados ou pôsto na cozinha a descascar batatas.

Nunca pesou à economia da família, sempre em ascenção e, quando mudaram-se para a magnífica casa do Jardim América êle teve uma cama ao lado da de Joãozinho, o caçula. Como tivesse pendor para o estudo e aplicação, tinham-no tirado da escola pública e pôsto no mesmo curso dos outros — para que desse um bom exemplo com sua fôrça de vontade.

Quanto à Amália, entregara-lhe completamente o coração. Os primos que criara já estavam se fazendo moços, independentes; a fortuna, instalada na casa, tornava quase nulos os serviços domésticos e, portanto, além dos bordados e da devoção, só restava a seu coração de mulher caseira a dedicação aos pequenos.

Havia batizado Moisés e seu sorriso se tornava mais lânguido, quando ouvia-o chamá-lo de "Madrinha".

.....

Os anos rolaram sôbre os anos, quinze ao todo. Os acontecimentos naturais da vida haviam batido à porta dos Mendonça: Francisca e Zeca estavam casados, e com filhos. Francisca quase morrera do primeiro parto, e Zeca perdera uma das gêmeas com dois anos. Leonor, a outra moça, estava noiva pela segunda vez, depois duma decepção em amor, que fôra esquecer numa demorada viagem aos Estados Unidos. E tinha havido uma série de aborrecimentos com Heitorzinho, que saíra um estroina, fizera dívidas de jôgo e, por um casamento forçado, trouxera para casa uma nora que vivia a implicar com a sogra. Heitor Mendonça tivera um ataque de angina, inspirando contínuos cuidados, não se conformando de trabalhar menos, agora que Zeca dirigia a fábrica. Os negócios haviam estagnado numa alta, sem, contudo produzirem o lucro de outras indústrias especulativas, surgidas nos anos em que o Brasil viveu sem legislativo.

D. Adelaide Mendonça, envelhecida entre as preocupações de todos os dias, um tanto achacada de reumatismo, mas com uma balanço satisfatório de felicidade. Joãozinho, por uma prolongada ausência, tornara-se o derivativo de suas queixas. Formado em engenharia, aceitara um lugar numa estrada em construção no interior de Mato Grosso e há dois anos não vinha em casa. Também Moisés, então considerado filho como os outros, assinando-se Moisés Mendonça, estava fora, mas aparecia com frequência. Seguira a carreira da moda — aviação — e ganhava muito numa companhia civil. Nunca mais fôra procurado pela suposta mãe. Tornara-se um rapagão forte, louro, com contrastantes cílios escuros e longos. Era afável, reservado, mas muito grato à família. Tinha casamento encaminhado com uma graciosa moreninha, que ainda mais o atraía a São Paulo e que era muito do agrado de Amália.

Esta continuava no seu pôsto, isto é, de suplente a todos os postos. Os anos haviam arrematado de tocar nela o tipo clássico da solteirona: óculos de grossas lentes, que lhe escondiam o olhar vivo; rugas ao canto

SELECIONADO PELA "REVISTA DA SEMANA"

da boca, que haviam suprimido a languidez do sorriso, usava geralmente roupas escuras sôbre o corpo sem curvas e parecia o modêlo ideal para um retrato expressionista do recato.

De devota passara à carola, não suportava conversas impróprias, consultava a lista da igreja antes de, raramente, entrar num cinema. Seus cabelos ralos continuavam presos em coque, indiferentes à moda e suas mãos teciam no inverno e bordavam no verão. Era mais rabugenta apenas e criava um outro gato angorá.

Os outros haviam vivido o tempo. O tempo, porém, vivera sôbre Amália. Continuava, no entanto, a ser uma eficiente máquina de utilidade doméstica. Era ela quem ficava com as crianças quando a mulher do Zeca ou Francisca queriam ir a algum baile. Era ela quem batia bolos — cada vez mais fôfos — para os chás de cerimônia. Era ela quem dava remédios ao primo Heitor e quem acompanhava d. Adelaide ao consultório médico.

— Queria veranear em Santos, mas tenho de deixar a casa só — queixava-se a mulher do Zeca. — Temos tanta prata, e os ladrões andam terríveis!

— Ora, a tia Amália fica — dizia o marido.

— O Gilberto não pode ir comigo ao teatro. E eu já tinha duas entradas!

— Ora, a Amália vai contigo.

Naturalmente também Amália foi a pessoa indicada para acompanhar d. Adelaide, quando esta cismou de visitar o filho no interior de Mato Grosso, quando êste, por questões de serviço, não pôde realizar uma prometida visita, após quase três anos de ausência. Depois de vários projetos e receios, tudo se tornou ideal quando Moisés, em férias, decidiu-se a acompanhá-las.

Amália que, além de pequenas excursões só fizera a viagem a Minas — vinte e cinco anos antes — preparou-se para o percurso como quem vai a uma grande expedição. Comprou uma mala baú — finalmente arrumava u'a mala sua! — e depositou nela, desde seu modesto guarda-roupa até provisões de boca, como se fôsse defrontar os xavantes.

A família inteira acompanhou-as à estação, inclusive Zilá, a moreninha que, em segrêdo, estava comprometida com Moisés. Amália olhava o jovem casal com visível satisfação: o seu olhar sêco parecia refletir um belo quadro de amor, onde o rapagão e a mocinha, que mal lhe chegava aos ombros, apareciam casados, felizes, com uma trinca de pimpolhos. Um instante êles pareceram-lhe depender de sua proteção, como muitos anos atrás o bebê que ela carregara ao colo, num ônibus. E conseguiu sorrir languidamente, quando foi a ela que Zilá recomendou, debruçada à janelinha:

— Não o deixe namorar alguma índia, "Madrinha"...

O trem partiu, e após uma jornada estafante, concluída num automóvel decrépito, chegaram à localidade, onde João trabalhava. Encontraram-no bem disposto, queimado, barbudo, cheio de otimismo, dissipando os temores da mãe. Pretendia voltar dentro de meio ano, levando um pecúlio. Tudo satisfações.

A cabana era no meio do mato, mas com todos os requisitos modernos para acampamentos de engenheiros. À margem da estrada aberta, reunia-se uma pequena comunidade de gente simples, mas boa que veio oferecer seus préstimos às duas senhoras da cidade. Estas achavam-se muito bem, inconscientemente rejuvenescidas pela sadia vida do mato. Conversavam o dia inteiro, sentadas em cômodas espreguiçadeiras, com trabalhos descansados ao colo: à noite, entretinham-se ouvindo os rapazes narrarem casos de excursões pelos arredores. Amália até rezava menos.

Mas um dia, ao cair da tarde, esta doce paz foi quebrada. Gritos duma turma de trabalhadores atraíram as duas senhoras à porta. E foi horroroso o que viram: Moisés e João vinham carregados, sem sentidos, roupas tintas de sangue. O carro capotara num pantanal e dois roceiros tinham dado com os feridos.

Se fôsse na cidade, d. Adelaide e Amália teriam necessitado de amparo, cairiam sôbre cadeiras e cheirariam sais. Mas ali, nas selvas, seus instintos básicos romperam a frágil crosta das atitudes convencionais e elas foram admiráveis em resoluções práticas. O socorro urgente da companhia prestou os primeiros cuidados e as duas senhoras desdobraram-se em providências. Mas, pela madrugada, era mais grave o estado dos feridos e era impossível a remoção para um centro de recursos. Na manhã do dia seguinte, chegou o médico do vilarejo mais próximo, dêsses médicos do interior, que fazem desde o parto até o exame de olhos.

Felizmente, estava-se na era da penicilina e diante das manifestações infecciosas, êle pediu o medicamento, como meio de salvação. Radiografaram para São Paulo e a resposta foi que Zeca Mendonça alugaria um avião, que o deixaria a uma hora dali. Ao entardecer, êle chegou à cabana, acompanhado de Leonor.

Pela primeira vez, as duas mulheres derramaram lágrimas. Os dois rapazes continuavam mal; João um pouco melhor, ou, pelo menos, consciente. Pela notícia truncadamente recebida, haviam entendido que havia apenas um acidentado. Leonor e Zeca mostravam-se atônitos. Zeca, em seguida aos primeiros instantes, procurou a bolsa onde trouxera as mil unidades de penicilina, as mil unidades de esperanças.

E, ao correr o fêcho, pela primeira vez se deu conta dum imprevisto terrível. Havia apenas dose para um doente! No lufa-lufa da partida, ninguém pensara em sobressalentes. O próprio dr. Tota, que haviam trazido de São Paulo, só então se apercebeu do êrro.

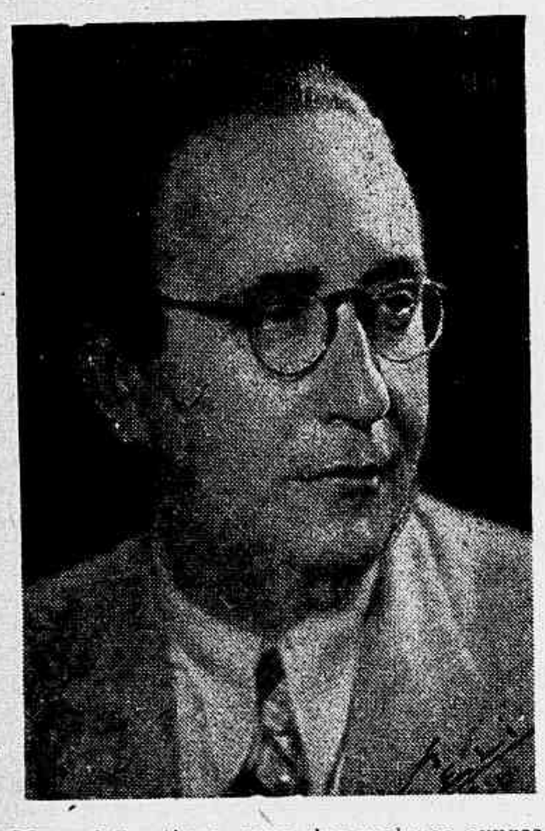
Na sala rústica da cabana, os dois médicos, a família, pessoas da companhia acompanhavam os gestos de Zeca com esperançosa expectativa. A porta aberta sôbre o dormitório deixava ver as duas vítimas, deitadas em

(Continua na página 51)

Manoel de Assunção Santiago é um brasileiro de Manaus, capital do Amazonas, cuja trajetória no mundo da arte se manifestou quando tinha êle seis anos de idade.

Um dia pegou do lapis e pintou, com perfeição, os retratos de seus avós, mandados depois emoldurar por seu pai. Indo residir em Belém, foi estudar no Colégio "Progresso Paraense", concorrendo à exposição de escultura do educandário com um gatinho que modelou, obtendo um "Menção Honrosa", seu primeiro prêmio na conquista da arte.

Daí por diante, sua carreira foi das mais brilhantes e completas. Em 1918 alcançou o maior prêmio na Exposição Oficial de Desenho, quando ainda aluno do professor Teodoro Braga, com o comparecimento de tôdas as Escolas e Cursos Particulares de desenho e pintura. Em 1920, quando ainda só estudava desenho, apareceu na Exposição Geral de Belas Artes do Rio com um auto-retrato a óleo, alcançando menção honrosa de 2.º grau. Formava-se então em Direito, para satisfazer desejos dos seus pais. Em 1923 ganha "Menção Honrosa" de 1.º grau com o quadro "Yara", lenda amazônica, fundou com outros colegas o primeiro salão independente sob o nome de "Salão da Primavera", reagindo contra o academicismo existente naquela época. Em 1924 deu brilho às suas concepções de origem amazônica. Em 1925 agitou-se a imprensa do Rio apoiada pela opinião pública, contra o gesto de um dos membros do Juri do Salão daquele ano, que lhe cortou um quadro tachando-o de imoral. Os demais membros do próprio Juri protestaram contra essa classificação. Mário Linhares publicou um livro sôbre Manoel Santiago e Haydea, sua espôsa, também



Manoel Santiago, uma das maiores expressões da arte da pintura em nosso país.

pintora, sob o título "Nova Orientação da Pintura Brasileira". Em 1926 concorreu ao prêmio de viagem à Europa, perdendo por um único voto para um seu colega muito mais antigo concorrente, tendo êle mesmo opinado a favor do companheiro, despertando admiração do seu professor e amigo Eliseu Visconti.

Em 1927 conquista o prêmio de viagem à Europa, tendo visitado os melhores museus da França, Itália, Espanha, Portugal, Holanda, Inglaterra etc.

Durante vários anos expôs em Paris, alcançando grande sucesso. Em 1932 regressa ao Brasil, expondo no Salão Nacional, fazendo parte de juris de desenho, pintura etc. Um ano depois, aplaudindo o "Núcleo Bernardelli", apoiou o grupo de intelectuais que o organizou e foi seu presidente, amigo e professor. Em 1939 volta a Paris, expondo no Salão de Artistas Francêses o seu belíssimo quadro "Teresópolis-Brasil". A guerra, porém, prejudicou sua estada na Europa e êle teve que retornar ao Brasil quando conquista medalha de ouro com o quadro "Foot-ball-Teresópolis". Em 1940 dá aulas de modêlo vivo e de composição a grande número de artistas, a pedido da Diretoria da Sociedade Brasileira de Belas Artes.

Uma das suas mais admiradas obras é o triptico mural do Salão Nobre do Instituto Nacional do Álcool e do Açúcar, verdadeiramente notável pela concepção do conjunto e impressionante execução. Decorou também o mural do novo Palácio da Alfândega. Em 1947 expõe em Paris. Em 1948 é nomeado para escolher os artistas que devem participar da Exposição de Bogotá e da Bienal de Veneza, e conquista a Medalha de Honra no Salão Nacional de Belas Artes, o maior prêmio instituído em nosso país.

a Semana EM REVISTA

SALÁRIO DE PRESIDENTE

O presidente da República dos Estados Unidos da América do Norte acaba de ser aumentado em seus honorários em cêrca de mil e oitocentos contos anuais. Seus vencimentos eram, até então, de 115 mil dólares por ano, passando agora para a bela casa dos 190 mil. Isso a uns 25 cruzeiros por dólar, é soma que beira os 4 mil contos anuais. Para um presidente da República da América do Norte não é muito, sabendo-se que qualquer artista de cinema de Hollywood, dêsses "bigs" da tela, ganha mais do que isso. Entretanto, para aqueles "astros" e "estrêlas" há uma coisinha terrível a que chamam lá "income tax", a dor de cabeça de quantos ganham dólares. E' um impôsto de renda violentíssimo, levando para o Tesouro Nacional mais da metade dos lucros. Mas estará o presidente Truman sujeito a tais exigências fiscais? Pensamos que não, pelo menos se pegar a tal "income tax" deve ser sob moldes mais suaves, menos drásticos. O que não se pode negar, é que, em todo o mundo atualmente, há uma ansiedade louca pelo aumento de vencimentos ou de honorários. Todo mundo grita. Nessa gritaria imensa e ensurdecedora, não são todos os elementos da sociedade que vão pagar o pato, isto é, os aumentos de salários. Uns se beneficiam com as majorações, embora, por outro lado, a vida suba e êles vejam desaparecer na voragem dos preços altos o seu lindo aumento utópico. O diabo é a classe dos que não recebem aumento de nenhum lado. Êsses, sim, passam a ser as vítimas da benemerência do Estado aos seus servidores. Não aumentam os ganhos e ainda sofrem a agravação do custo da vida. Uma tragédia.

HERANÇAS CADUCAS

Foi intentada no fôro de São Paulo uma ação reivindicatória contra certo cidadão e a Municipalidade da capital paulista relativamente a terrenos situados no bairro Tatuapé onde existiu ou existe o sítio "Califórnia". A reivindicação dessas terras recua ao tempo de João Ramalho, conforme sesmaria de Pedro Goes, de 15 de outubro de 1531! Como vemos, é uma ação com quase 420 anos no costado! Os autores se esforçaram para provar que são herdeiros daquele primitivo habitante do Brasil, até ao barão de Itaum, fundador do sítio "Califórnia". O juiz julgou os autores carecedores de ação, decisão esta confirmada pelo Tribunal de Justiça local. Houve recurso extraordinário, mas o Supremo não conheceu do mesmo por unanimidade de votos. E' curioso relembrar que nos Estados Unidos, há muitos anos, um cidadão de origem suíca, fulano de tal Sutter, havendo explorado justamente certa região da Califórnia, ali descobriu ouro. Houve a corrida para o oeste e tôda a sua antiga fazenda foi invadida por mais de quinze mil pessoas, reduzindo Sutter à mais negra miséria, êle que chegou a ser o mais rico homem do mundo. No mesmo sítio da Califórnia em que êle possuía sua fazenda e descobrira ouro, foi mais tarde fundada a cidade de São Francisco. Passando tôda a zona para o domínio norte-americano, Sutter, que ainda era vivo, moveu ação contra os espoliadores de sua propriedade e exigiu, em processo regular, indenizações que iam, no câmbio de hoje, a mais de um milhão de contos de reis. E' claro que perdeu tudo: tempo, questão e... a vida, inclusive a de seus filhos. E' interessante a coincidência dos nomes iguais entre casos iguais, aquêle norte-americano, e êste em São Paulo. Ambos sôbre a "Califórnia".

CASAMENTO CIVIL

Dizem os constitucionalistas que é gratuito o casamento civil; entretanto, gastando o menos com papéis, sêlos, certidões, um pobre dispenderá, no mínimo, duzentos cruzeiros. Logo é evidente, casamento civil não é gratuito. E quando o cidadão deseja casar-se em casa, por motivos imperiosos? Aí a coisa é séria. Mas, a cerimônia do casamento civil em nossas circunscrições está a merecer novas normas processuais. Ainda sábado, um nosso colega foi ser testemunha de um casamento entre operários, gente humilde, sem recursos para convolar núpcias em seu lar. O ato estava marcado para as nove horas da manhã, pelo fato de, aos sábados, o juiz não casar depois de meio-dia. Muito bem. Às oitos e quarenta, estavam noivos e testemunhas, a postos. Como os estreitíssimos corredores dos escrivães já estavam superlotados de gente, todo o mundo ficou em pé. As nove horas, hora marcada para a cerimônia, o serventuário não havia chegado para as assinaturas. Nove e quinze, nada. Nove e meia, nada. Dez horas... dez e cinco... dez e vinte... Ei-lo que chega. Calmamente tira o paletó, senta-se e começa a chamar noivos e testemunhas. Todos continuavam em pé, fatigados, suarentos, amolados. Duas horas de sentinela forçada à porta da Justiça. Obtidas as assinaturas, subiram todos para o salão grande, sob a presidência de Getúlio, num grande e belo retrato a óleo de W. Rodrigues. Já eram onze horas. O salão estava sufocante de gente a abanar-se. De quando em quando o porteiro anunciava: "Atenção! Atenção! Casamentos de Circunscrição tal na sala tal!" Um "rush" se movimentava, até que chegou a vez do colega. O ato que estava marcado para as nove, terminou faltando minutos para o meio-dia...

SEGURO CONTRA CATÁSTROFES

Em 1947 realizou-se na Espanha uma reunião internacional de técnicos em seguros com o fim de estudar os riscos provenientes de catástrofes e a possibilidade de sua cobertura. Deliberou-se a criação de um Escritório Central para recebimento e estudo de informações estatísticas de todos os quaises que se fizeram representar na reunião, inclusive o Brasil. Eis o que informa um vespertino do Rio, adiantando ainda que, agora, acabam de ser solicitadas ao nosso país, por aquêle Escritório, informes acêrca de catástrofes, a fim de que sejam estudadas as bases para seguros contra as mesmas. O caso ocorre justamente após a desgraça desabada na zona da Mata e no Estado do Rio. O sr. Amilcar Santos, diretor geral do Departamento, que tem de fornecer tais informes, deve estar pisando em brasa, uma vez que em nosso país nada, absolutamente nada, já se fez para estudar-se o fenômeno à luz da estatística. Não basta que se registrem as calamidades. Para efeito de seguro, a coisa é muito mais séria e complicada. Em 1944, um técnico do ramo esteve estudando um seguro importantíssimo e indispensável no Brasil: o contra geadas, no intuito de proteger a lavoura do café. Recorreu à Secretaria de Agricultura de São Paulo e só obteve ali um mirradíssimo folheto com ligeiras referências sôbre os efeitos da queda de gêlo, coisa absolutamente insuficiente para uma base de tarifas. Mas, mesmo que êle conseguisse, nenhuma Companhia por si só ou em grupo, tomaria a cargo êsse seguro. No Brasil, em matéria de seguro de catástrofe é... uma catástrofe!

CORAGEM ALCOÓLICA

Fica em Picadilly Square, em Londres, uma estátua muito admirada de londrinos e de turistas. E' a que exibe à apreciação do povo a figura mitológica e lendária de Cupido, ou Eros, Deus do Amor, com sua aljava e uma flexa distendida num arco reteso para ferir corações de namorados. William Painter, bombeiro hidráulico da capital inglêsa, passando uma tarde pelos arredores, enamorou-se da estátua e ficou e mirá-la, embevecido. Uns amigos começaram a troçar dêle. Painter, que, embora com êsse nome não é pintor de coisa alguma, e sim bombeiro hidráulico, se afobou e disse aos amigos que seria capaz de escalar o pedestal de Cupido e desfechar sua seta amorosa. Duvidaram. Painter afirmou e... lá vai êle. Os que ficaram em baixo se alarmaram. Era capaz de cair e quebrar uma perna, pois a estátua tem cêrca de 15 metros de altura com pedestal e tudo. O homem foi subindo, subindo e chegou lá em cima. Pegou o arco e tangeu fortemente a corda, partindo-o. O tráfego paralizou na praça. O povo se aglomerou. Houve exclamações de surpresas, gritinhos de aflição de meninas nervosas e aplausos de marmanjos esportistas. Mas a polícia também compareceu e, logo que Painter regressou de sua entrevista com o Amor, levou-o ao distrito. O tribunal achou que êle era criminoso e o multou em 48 libras esterlinas, da boa; mas não foi para a cadeia. E' interessante acrescentar que, interrogado, justificou seu ato declarando que só subira à estátua porque uns amigos lhe deram uísque de mais, e postaram dez libras em como êle não seria capaz de escalar o pôsto de Cupido. E lhe mostrou que bombeiro hidráulico também é capaz de proesas... embora perdesse ainda 38 esterlinas.

O SR. DAUDT ENLAMEOU-SE!

Quando a tromba dágua de 15 de dezembro último devastou grande extensão da zona da Mata em Minas Gerais, todos os que iam lendo o noticiário da imprensa não podiam evitar exclamações de horror diante da catástrofe. Mas o assunto não comportava lamentações platônicas; era necessário que alguém tomasse medidas imediatas para visitar a região arrasada pelas torrentes de água daquêle dilúvio de fim de ano. Dentre as atitudes que merecem os maiores elogios, devemos ressaltar a do sr. João Daudt de Oliveira, figura das mais prestigiosas do nosso alto mundo comercial e industrial. O presidente da Federação das Indústrias e das Associações Comerciais não se limitou a expedir telegramas de solidariedade ao governador de Minas; agitou-se com o interêsse e a dedicação de um mineiro que possuíse por ali os seus próprios meios de vida, e se largou para o teatro da calamidade. Desceu de seu auto, arregaçou as calças e se meteu na lama. Conversou com os desamparados, conheceu-lhes a extensão inaudita da miséria a que os lançou a desgraça e não descansou na obra meritória de arregimentar recursos de tôda espécie em favor das vítimas da terrível adversidade. E', pois, com a maior justiça que, nêstes tópicos, exaltamos a pessoa de João Daudt Oliveira, apontando-o ao povo mineiro como um dos seus amigos mais sinceros, uma vez que é na hora amarga da adversidade que se conhecem os verdadeiros amigos. E João Daudt fez jus a êsse título. Sujou-se na lama das enchentes, mas ficou cada vez mais limpo no conceito do povo.

ANO XLVIII — REVISTA DA SEMANA — N.º 4 — 22-1-1949

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA — Diretor-presidente: GRATULIANO BRITO

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..... Cr$ 140,00 Seis meses ..... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ..... Cr$ 170,00 Seis meses ..... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano ..... Cr$ 270,00 Seis meses ..... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Visconde de Maranguape, 15 ★ Endereço telegráfico "REVISTA" - Rio de Janeiro

Tels. - Gerência: 22-2550; Secretaria 22-4447; Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Corresp.: - Na Bahia: J. Machado Cunha, Av. Sete de Setembro, 149, Cid. do Salvador, Bahia. Em São Paulo: Vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Cap. Salomão, 67 - Tel.: 4-1569 ★ Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, à rua Brigadeiro Tobias, 615-2.º andar, sala 217 - Tel.: 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes: — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos - Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Av. Fontes Pereira de Melo, 34, dt. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia. - Constituyentes 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa" - Florida, 299 - Tel.: 32, Av. 9109, Buenos Aires

O corpo de colaboradores da "REVISTA DA SEMANA" está organizado. So publicamos colaboração solicitada pela redação

Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados

OS TRABALHOS SAO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES ★ ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Chiang-Kai-Chek está resolvido a deixar o govêrno em virtude de não restar mais nenhuma esperança contra a vitória dos revolucionários chineses. Oliveira Salazar continua a fazer pressão contra a candidatura do general Norton de Matos. Foram derrubados pelos israelitas, na zona de guerra da Palestina, cinco aviões de combate inglêses. Completa hoje duzentos dias o bloqueio russo em Berlim. Foram levantadas suspeitas contra o novo secretário de Estado Dean Acheson em substituição a Marshall. Dizem de Londres que a Inglaterra pedirá ao Brasil dez milhões de libras esterlinas pela transferência da Leopoldina Railway para o govêrno brasileiro. E' apresentado ao Congresso norte-americano o maior orçamento da história, atingindo cêrca de 42 biliões de dólares. Grassa em Paris terrível epidemia de gripe. O govêrno soviético aboliu todas as subvenções instituídas para as fábricas durante a guerra e tornou sem efeito vários impostos sôbre produtos nacionais. Declarou o presidente do Banco Mundial que dentro de poucos dias será concedido o empréstimo à Light endossado pelo govêrno do Brasil. O govêrno norte-americano advertiu amistosamente o govêrno de Israel com referência à situação na Palestina. Foi iniciado o serviço de desmantelamento de uma das maiores usinas de aço do Ruhr, pelos inglêses. Foi aumentado o preço do açúcar no Rio para mais 30 centavos, quando já se manifestava falta no mercado. Chegam a Cuiabá os primeiros imigrantes espanhóis. Durante o ano de 1948, foi o Jardim Zoológico do Rio visitado por 409.818 pessoas, rendendo Cr$ 1.263.048,00, ou seja, mais de 30% do que o ano de 1947. O govêrno do Ceará aprovou o aumento geral do funcionalismo estadual. Bidault e De Gaulle conferenciaram secretamente. O presidente Dutra assinou decreto concedendo crédito especial de 8 milhões e 500 mil cruzeiros para obras no Vale do S. Francisco. O ministro do Exterior da França, Robert Schuman, visitará Londres, dentro de poucos dias. Avolumam-se os protestos contra a interdição da sede da União Nacional dos Estudantes. O Partido Socialista Brasileiro ofereceu sua sede para funcionar aquela organização estudantil enquanto estiver fechada pela polícia. Partiu para um cruzeiro aos Estados do norte do Brasil o navio "Pedro II", no qual foi instalada pelo govêrno de S. Paulo a Exposição Industrial. Violou a Holanda a Carta das Nações Unidas agredindo a República da Indonésia. Peron propõe a reforma da constituição da Argentina. O líder comunista francês Marcel Cachin protesta contra a idéia de um novo conflito armado na Europa. Anunciam de Nova York que será o Brasil o primeiro país latino-americano a desvalorizar sua moeda. Comandantes dos exércitos nacionalistas nas frentes da China Central enviaram um "ultimatum" ao generalíssimo Chiang-Kai-Chek, impondo-lhe a entrega do poder para acabar com a guerra civil. A fábrica "Ford" reduziu de 10% a fabricação de automóveis e despediu 1.230 operários. Na reforma constitucional da Argentina incluem-se dispositivos para nacionalização em massa de estrangeiros com menos de dois anos de residência ali. Os Ministérios argentinos serão aumentados de 8 para 20. Robert Schuman conferenciará em Londres sôbre a situação na Alemanha, as colônias italianas e a União Européia. Exportou a Rússia, de junho de 1947 a junho de 1948, dois milhões e seiscentas mil toneladas métricas de grãos em virtude de suas grandes safras. Brigadas revolucionárias da Grécia atacaram a importante cidade de Nauossa. Está a Inglaterra disposta a punir militarmente o govêrno judeu em virtude da derrubada de cinco aviões inglêses. Foi assinado um tratado de comércio entre a Inglaterra e a Polônia. Dean Acheson contestou as suspeições contra sua pessoa. São cada vez mais tensas as relações de amizade entre os Estados Unidos e a Inglaterra em face da guerra entre judeus e árabes. Egípcios e israelitas chegaram a um acôrdo de paz na conferência de Rhodes.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

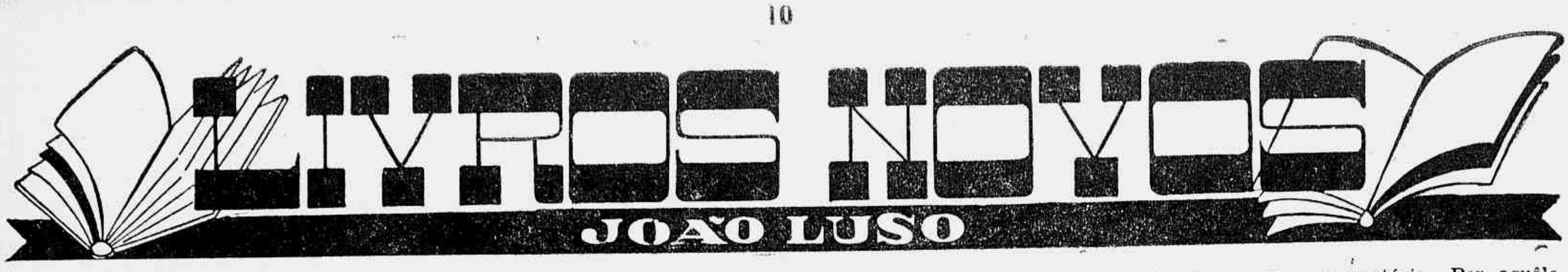
2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação não dá informações pelo telefone ou por escrito sôbre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo seis folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: **Conto para a REVISTA DA SEMANA.**

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.



O DRAMA DOS ESTADOS UNIDOS

★

Reportagem de JOHN GUNTHER, tradução de BEZERRA DE FREITAS, ENÉAS MARZANO, EDUARDO DE LIMA CASTRO e MARY CARDOSO

★

Irmãos Pongetti Editores
Rio de Janeiro
1948

Comecemos por assinalar que esta reportagem se desenvolve por setecentas páginas de amplo formato. O título original é "Inside U. S. A."; e aqui temos, com efeito, a grande nação vista por dentro, com tal penetração e tal minúcia, que os norte-americanos mesmos encontrarão, no correr dêstes capítulos, toda sorte de ensinamentos e revelações.

Não se trata absolutamente de um livro de propaganda, uma dessas edições de luxo e espalhafato, destinadas aos salões de leitura dos grandes navios, dos grandes hotéis, e às quais, jocosa mas bem apropriadamente, se aplica a designação farmacêutica: "Para uso externo". Obra de informação e não de reclamo, certamente não foi custeada por qualquer instituição do gênero do famoso DIP. Para organizar, antes de propriamente os escrever, êstes cinquenta e um capítulos, percorreu o autor todos os Estados da República, visitando grande número de cidades e outros lugares capazes de lhe oferecer dados ou aspectos verdadeiramente expressivos. Estudou profundamente as bases em que assenta a grandeza, o lustro, o progresso do país. Conversou com indivíduos das classes mais diversas e das mais variadas aptidões, apurando tudo quanto, nas suas respostas, pudesse haver de elucidante. Utilizou-se das mais abalizadas, mais solenes opiniões e não desprezou, desde que, para o seu caso, alguma serventia tivessem, as simples anedotas. E algumas linhas do final do livro dão o resultado de todas as observações e a síntese de todos os comentários:

"Cientistas americanos estão atacando sem cessar, em todas as esferas, as fronteiras do incógnito; economistas e engenheiros sociais têm à mão técnicos que podem prever uma crise; não há razão alguma por que o povo americano não possa proporcionar se uma evolução na qual a segurança e a liberdade se combinem... O fato de um têrço da nação estar mal alojada e mal alimentada não é tanto uma desonra quanto um desafio. O que os americanos têm que fazer é ampliar as dimensões do processo democrático. Êste país, ouvi uma vez dizer, está absolutamente "estragado pela grandeza", tendo não só as maiores responsabilidades como as maiores oportunidades jamais conhecidas do homem".

★

A LUTA CONTRA O UNIVERSO

★

Ensaios de MANUEL DE ABREU

★

Livraria José Olímpio Editora
Rio de Janeiro
1948

Começa o autor por nos dizer que êste livro foi escrito ao correr da pena, quando, em vigorosa consciência e perante uma auto-crítica severa, exigiria, pelo menos, dez anos de estudo e meditação. Só assim a obra poderia sair isenta "de todo êrro ou contradição". Observado, porém, tal critério, haveria um perigo: é que, ao cabo de tão dilatadas pesquisas e cogitações, o sr. Manuel de Abreu, "cansado e descrente", resolvesse não escrever coisa alguma.

Evidentemente, foi bem melhor que não tivesse havido, neste caso, nem a ânsia de saber mais nem a preocupação de melhor realizar. Suprimido por excesso de escrúpulo autoral, o presente livro nos faria falta. De modo nenhum se aproxima da categoria daqueles que antes houvessem permanecido, conforme a vaga mas douta expressão, na "massa dos impossíveis". Muitas vêzes, de certo, como se diz que alguém perdeu excelente ocasião de ficar calado, temos vontade de comentar: "O sr. Fulano perdeu magnífico ensejo para não escrever um livro". Mas, agora, bem ao contrário; tendo lido aquela nota liminar e depois do primeiro capítulo, só nos cumpre sinceramente reconhecer: "Que pena se êste livro não tivesse sido publicado!". Não, o sempre citado "currente calamo" não ocasionou, nestas páginas, desacertos nem incertezas que se notem. Tudo — concepções e deduções, idéias e comentários — nos parece, além de espontâneo e vivo, perfeitamente organizado. E o estilo nos conduz, sempre cativante, de princípio a fim.

A nossa tão limitada educação filosófica não permite, em obra, de tal natureza, aprofundar, muito menos discutir. Mas o sr. Manuel de Abreu é um filósofo com queda para a poesia, se é que lhe não assentaria melhor a definição recíproca ou ainda que êle não cultiva as duas ciências, as duas artes conjuntamente. Ora, se, como filósofo, nos infunde solene respeito e um pouco de medo também, a sua qualidade de poeta o coloca entre a gente que mais amamos e melhor julgamos compreender. A sua "Luta contra o Universo" dá-nos a impressão de empreendida e vencida por um alto pensador com a colaboração de um inspirado, imaginoso idealista. Vamos indo por êstes capítulos além, em companhia, ora de um mestre augusto ora de um superior camarada, ou das duas individualidades ao mesmo tempo. Podemos crer que, literariamente, isto é: depois de duas obras de especialização médica e radiológica, e entrando nos domínios imensos da ficção, o sr. Manuel de Abreu tenha começado, como toda a gente, fazendo versos... Pelo menos, as datas assinaladas no anterrosto do presente volume atestam tal prioridade. E o conhecimento gradual do livro no-la faz, cada vez mais convictamente, aceitar como dominante e decisiva. O sr. Manuel de Abreu principiou poeta e poeta continuará — permita Deus que por muitos anos e bons. A sua teoria filósofo-geométrica, vinda da essência das causas para se definir e desenvolver num jôgo de figuras lineares, entre "ser" e "não ser", participa do tratado e do poema. Anda pela tragédia, a epopéia, o salmo religioso, a sátira mais que profana, o romance, a alta comédia e a farsa. Parte de Moisés e chega até Augusto dos Anjos e Graça Aranha. E sempre se patenteia como o autor, na comunhão dos poetas, está, adequada e ditosamente, em família.

★

VERDADES CONTRA VERDADES

★

Estudos e comentários de ADAUCTO ROCHA

★

Manaus
1948

São trabalhos de feição variada, sôbre assuntos que de momento ocorreram. Alguns, pelo movimento rápido e a curta medida, denunciam o destino ao jornal. Começam designando a questão, o acontecimento ou o simples caso que os inspira e velozmente se encaminham para uma conclusão. Às vêzes nem concluem. Em "Haverá um idioma brasileiro?" e depois de várias citações pró e contra, não nos diz o sr. Adaucto Rocha, peremptoriamente, se, no seu entender pessoal, devemos ou não adotar aquela designação. Outros artigos ou trechos de crônica nos deixam numa dúvida que, se não chega a merecer o adjetivo "atroz", tantas vêzes ligado a tal substantivo, está bem longe de nos ser agradável. Assim, abrindo uma das sete séries de sentenças filosóficas intituladas "Reflexões", vêm êstes períodos, formando cada qual um parágrafo — e pedimos permissão para os separar apenas pela pontuação, o que nos parece mais adequado ao espaço destas colunas, além de, pela boa gramática, suficiente:

"O que é a verdade? A verdade seria a vida?... Ou a vida seria a verdade... Seria a morte a verdade? Ou seria a verdade a morte?... Entre a vida e a morte, onde existiria a verdade? Profunda interrogação. Não o saberíamos, como ninguém o saberia jamais. A verdade existiria porque a mentira também existiria"...

Assim o filósofo prossegue, de modo mais ou menos conjuntivo, por cinco páginas; e, na sexta, remata as suas considerações:

"Enfim, o que é a verdade? O que é a mentira? Não o saberíamos como ninguém o saberia jamais. Eis a verdadeira mentira. Eis a mentirosa verdade".

Francamente, para assim terminar, melhor seria talvez não haver principiado. Outras páginas, porém, nos oferecem clareza, desenvoltura e amenidade. Estão nesse caso as da "Psicologia do estilo", da "Tendência cultural e literária brasileira", da "Filosofia paradoxal da guerra", outras ainda das duzentas e cinquenta páginas que integram o volume em geral interessante.

★

ENSAIOS CONTEMPORÂNEOS

★

Páginas de ciência e literatura, de FARRÉS ANTÔNIO S. MICHAÉLE

★

Editora Guaíra
Curitiba
1948

O sr. Farrés Antônio S. Michaéle é um filósofo que passeia o seu espírito um pouco por todas as ciências, especialmente pela história e a filologia.

Neste volume de duzentas páginas aborda nada menos de vinte questões ou assuntos que vão dos problemas de matemática aos costumes e aspectos de certa sociedade ou certa classe de indivíduos que lhe pareceram interessante como motivos de observação e comentário. Por aquêle confronto numérico, se vê que o autor se não demorou extensamente a tratar as matérias abordadas. Consagrou a cada uma certo tempo, como quem tem outras coisas em que pensar, porque igualmente ou com aproximada exigência lhe disputam a atenção. Sente-se, pois, obrigado a pensar e escrever depressa ou para pequenos espaços na distribuição das fôlhas que hão de formar o volume. A leitura, porém, não nos dá impressão de deficiência nem de excessiva precipitação. Os objetos de estudo e apreciação se sucedem, tratados sucinta mas, de certo modo, suficientemente. Não deixamos nunca de ficar sabendo bastante o que o escritor entende acêrca de obras ou indivíduos e o que acêrca dêstes como daquelas deseja que entendamos também.

Possuidor de vasta e complexa cultura, anda o sr. Farrés Michaéle, familiarmente, pelos domínios de Spengler, Einstein, Bergson, Keiserling, Nietzche, Gustave Le Bon, Freud, Ruy Barbosa, Taunay, Mário Barreto, João Ribeiro, Sousa da Silveira, outros vultos da ciência e das letras em geral. Os autores citados no correr dêstes trabalhos vão além de cento e cinquenta — fora as enciclopédias e as antologias. A nós, particularmente nos interessaram as páginas da "Literatura do Império do Sol Nascente", "Fenícia e seus filhos ilustres", "O dialeto americano", "Influência do português nas línguas orientais". Qualquer dêsses capítulos encerra elementos de saber e traços de inteligência, que particularmente apreciamos. E, ligeira, limitada a quatro páginas, a crônica "Exagêro de purismo" acentua a prevenção e a antipatia que se devem manter em relação aos pretensos paladinos do vernáculo possuídos da mania de catar e fulminar estrangeirismos e cuja meia ilustração é bem pior do que a ignorância completa.

★

OS MESTRES DA MÚSICA

★

Breves biografias por ALBERTO MONTALVÃO

★

Rio de Janeiro
1948

O sr. Alberto Montalvão tem já publicado várias obras que bem atestam o seu grande amor à música e o interêsse que lhe merecem todos os musicistas. Pesquisador tão paciente quão apaixonado, deu-nos primeiramente, sob o título "Os rios do Brasil", um volume de que constam oito canções inspiradas na beleza, poesia e lendas dos grandes cursos de água que banham êste país. Veio depois "A história do Brasil em canções", que representa outra bela tarefa de procura e organização. E não é necessário acentuar como obras desta natureza, destinadas à fácil divulgação, quer de uma ciência quer de uma arte, podem contribuir para o desenvolvimento da cultura, a educação do caráter e do sentimento da coletividade.

O presente livro, especialmente consagrado às crianças — como se diz numa nota liminar — compreende trinta e oito biografias, todas elas acompanhadas de fotografias ou desenhos à pena, em nítida reprodução. O autor não observou propriamente um método, pelo menos que, em rápido manuseio, se possa notar. Não há seguimento cronológico; e a ordem alfabética aparece na capa, não dentro do volume. São notícias ligeiras, em forma singela, intuitiva, que os estudantes, uma vez senhores das chamadas primeiras letras, poderão assimilar e, conforme a inteligência e o gôsto, delas tirar não apenas proveito mas também prazer.

Entre os compositores celebrados nestas páginas figuram os brasileiros Alberto Nepomuceno, Barroso Neto, Carlos Gomes, Francisco Braga, Francisco Manuel da Silva, Henrique Oswald, Leopoldo Miguez e Padre José Maurício. Os outros são Bach, Beethoven, Brahms, Mendelssohn, Wagner, etc.

★

RECEBEMOS:

Brasil-Portugal, nº XX do anuário esforçada e inteligentemente dirigido por Sylvio Alves, e o qual, além de variada parte literária, traz grande cópia de enigmas, charadas, logogrifos, etc. Rio de Janeiro, para 1949.

Prometeu, revista ilustrada de cultura, dirigida por Amorim de Carvalho, números de agosto a outubro de 1948, e que trazem trabalhos em prosa ou verso assinados por Amorim de Carvalho, Guido Battelli, João de Araújo Correia, Joaquim Lopes, Augusto Ricardo, R. Caltofen, Fernande Lambert e Francisco Cordeiro Blanco. Pôrto, 1948.

Em cima — A hora da partida de cada condução é anunciada ao microfone pelo funcionário. E ninguém se atrasa. Em baixo — Homens, mulheres e crianças esperam a hora de partida; gente de tôdas as classes e de tôdas as idades

AINDA QUE PAREÇA INCRIVEL...

HÁ NO PAÍS UMA REPARTIÇÃO PÚBLICA QUE NÃO DÁ PREJUÍZO ★ MAIS DE 500 MI LPESSOAS SE SERVEM ANUALMENTE DO FENÔMENO ★ MAS NEM TUDO NO MUNDO SÃO FLÔRES ★ UM REGULAMENTO QUE PROÍBE O BOM-HUMOR

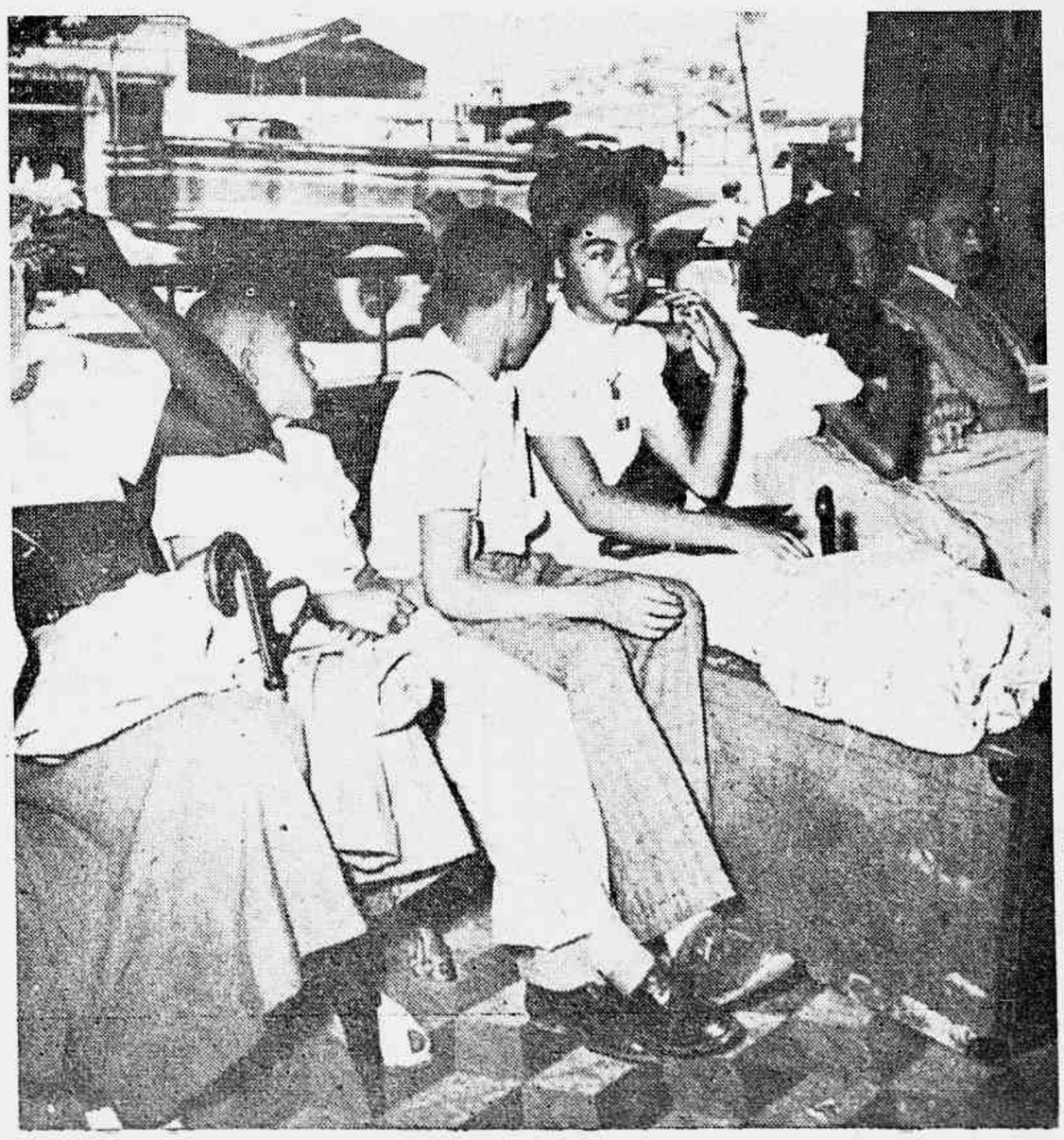
Reportagem de **M. PEDROSA** ★ Fotos de **A. CARDOSO**
(Especial para **"REVISTA DA SEMANA"**)

VEJAM só o que é o acaso, amigos. Fiz uma descoberta e uma dessas descobertas de que o leitor poderá, como o outro, até duvidar: «não, êsse bicho não existe». A diferença é que êste existe, realmente. Trata-se de uma repartição pública, de um orgão do govêrno, que não dá prejuizo. Ao contrário, é fonte de renda. Não é, entretanto, nenhum banco e ainda menos um departamento qualquer destinado à exploração do petróleo, por exemplo. Nada disso. A coisa é mais modesta, pois se trata de uma estação de ônibus. Para ser mais claro: de uma estaçãozinha rodoviária. Adiantarei que o descobrimento se deu realmente por acaso, quando êsse repórter pretendeu viajar para certa localidade mineira, aonde não vai nem trem de ferro nem avião. Pretendo contar aqui, não propriamente a viagem, que nela nada houve de interessante — foi, sim, muito cacête — mas o que se passa no local de chegada e de partida, pois aí é que vi o que narrarei.

Pois é preciso narrá-la e para o fato chamar a atenção geral, uma vez que o próprio govêrno desconhece quase que inteiramente a existência dêsse fenômeno em seu aparêlho estatal.

ONDE FICA O FENÔMENO

Fica na capital mineira, exatamente nos fundos da Feira de Amostras, no espaço apenas de alguns milhares de metros quadrados, essa estaçãozinha rodoviária, a que, em geral, não se dá muita importância, mas que dá lucro ao govêrno. Na sua colorida plataforma, acotovelam-se diariamente, milhares e milhares de pessoas que partem para mais de trezentas localidades diversas do Estado montanhês. Dezenas de caminhonetes, jardineiras ou ônibus dali saem de minuto a minuto, conduzindo médicos, advogados, dentistas,



Em cima — Um gráfico registra o número de passageiros que sobe mensalmente. O diretor explica o gráfico. Em baixo — No dia certo, à hora certa, os concessionários recebem o seu dinheiro. E muitos estão se enchendo

barbeiros, jornalistas, operários, fazendeiros, camponêses, garçons, homens, mulheres, velhos e crianças de tôdas as idades. Vão para Ouro Preto, Peçanha, Nova Lima, Sabará, Lafaiete, Sete Lagoas, Abacté, Itabira, para o norte, o centro ou o sul mineiros. Nelas viajam os que se destinam a visitar as antiguidades de Ouro Preto, as obras do Aleijadinho ou as invocações de Chico Xavier. Cêdo, às cinco horas da manhã, abre-se a bilheteria e tem início o movimento, que se prolonga pela noite a dentro. Do comêço ao fim, as filas funcionam ali como em qualquer parte. Não custa muito uma passagem, pois o seu preço médio é de Cr$ 0,25 por passageiro-quilômetro. Era mais ou menos êste o custo médio de uma passagem em 1942 e assim se tem conservado. Raros foram os percursos que tiveram a sua tarifa aumentada.

Foi em 1941 que nasceu a Rodoviária. A princípio andou assim banzando, desconhecida dos próprios mineiros. Hoje, não há quem transite pelo interior montanhês que não a conheça. E não serão apenas os caixeiros viajantes. Mais de mil pessoas embarcam e desembarcam diariamente na sua plataforma. São cêrca de 30 mil por mês, ou cêrca de quatrocentos mil anualmente. Não é número pequeno, para uma pequena estação, já se vê, mas êste número ainda crescerá.

E' preciso dizer que todo êsse serviço é feito por vinte e sete funcionários apenas. Não vou dizer que são abnegados cidadãos, super-homens, que aguentam uma carga sobre-humana, etc e tal. Nada disso. São cidadãos e cidadãos comuns e não os distinguireis dos demais pequenos funcionários públicos. Trabalham dentro de seus horários e são também tão mal pagos quanto os demais, pois a média de seus vencimentos mensais não vai além de 900 cruzeiros. Também não há técnicos entre êles. Não há no seu meio especialistas em coisa nenhuma. Há, sim, muita cooperação. Muitos dêles continuam como alí entraram, contratados. No início, como é de praxe nessa civilização cristã e ocidental, muitos para alí foram a poder de pistolões. Êstes acabaram desistindo — pois naquilo não viam futuro — ou foram afastados. Ficou um grupo de funcionários que realmente trabalha, e só.

O PARAISO DOS VENDEDORES AMBULANTES

A plataforma da estação é o paraiso dos vendedores ambulantes e isso costuma dar alguma dor de cabeça à direção da Rodoviária. Mas de qualquer jeito, êles enxameiam de manhã à noite ao redor dos ônibus e seus passageiros. São crianças, adultos ou velhos que oferecem suas bugingangas — suspensórios de vidro, bisnagas de matéria plástica, piôrras, pentes, grampos, o diabo. Mas nem só os ambulantes servem aos passageiros. Há lojas que são armarinhos, cafés, restaurantes, farmácias, barbearias, engraxates — e onde se diz engraxate se diz também cambista de loteria — atelier fotográfico, quase contêm tudo que se deseje adquirir, dêsde a lâmina de

barbear aos tabletes de chocolate para o garôto chorão, pois a plataforma é quase uma cidade. Mas é uma cidade cujo movimento às vêzes resulta em contratempo. Eis porque é preciso ter cuidado e não perder a noção do tempo: o ônibus ou a caminhonete sai à hora marcada, não espera por ninguém que se atrase. O motorista obedece apenas aos ponteiros do relógio e ao sinal do «speaker» oficial que anuncia a hora da partida, exatamente à hora de partir. Então, a máquina rola e outra entra para tomar o seu lugar, aguardando o sinal de largada. As localidades a que se destinam êsses veículos teem seus nomes gravados em letras visíveis e alegres nos respectivos frontispícios. Não importa que muitas vêzes os caminhos sejam difíceis e a viatura sacoleje. Esteja certo que no fim chegará ao seu destino, faça sol ou faça chuva, pois o cumprimento do horário constitui ponto de honra para os responsáveis por tais conduções.

E' indispensável ver a estação funcionando para verificar que ela é a única no Brasil. Houve a tentativa de se organizar outra em Juiz de Fora, onde também é grande o movimento rodoviário. E no Espírito Santo há um arremêdo, mas não será a mesma coisa. Ela acontece em Belo Horizonte, do mesmo modo que aí aconteceu a fundação da «Liga contra as sogras», a «Sociedade das jovens casadoiras», a «Escola para noivos», ou as donzelas que viraram homens. É um fenômeno, pois só pode constituir fenômeno repartição pública sem déficit.

Em cima — Os passageiros fazem fila diàriamente e a qualquer hora em frente à bilheteria. Em baixo — E há movimento intenso de remessa de encomendas pelos ônibus que a tôda hora partem de Belo Horizonte

O QUE PARECIA IMPOSSÍVEL

A estação pertence ao Departamento de... Ora, afinal, isso não é importante — a algum departamento terá que pertencer. O que importa é que êsse órgão governamental não lhe dá muita importância. E talvez que nisso não haje muito mal. Mal maior poderá haver se tal órgão resolver faze ralgo para melhorar a estação, pois sabemos que isso seria um arrazo. Ser-lhe-á mais benéfico mesmo o anonimato. Neste anonimato, a Rodoviária fez também uma coisa que a muita gente pareceria impossível: realizou com êxito o problema das relações entre govêrno e particulares. Não foi fácil, no comêço. Havia imcompreensão por parte do govêrno e por parte dos empresários, devido a maneira por que o primeiro queria controlar os segundos. Não, não desejo concorrer para qualquer alteração na estação de ônibus que descobri em Belo Horizonte.

Mas como consegue essa repartição manter-se sem trazer prejuizo aos cofres públicos, quererão saber os leitores. E' simples. A Rodoviária vive de uma pequena comissão que lhe pagam os empresários, em troca do serviço de contabilidade, da venda das passagens, que ela faz, etc. São oitenta e quatro as emprêsas que estão em relação com a Rodoviária. Há empresários que possuem uma caminhonete apenas e os há possuidores de dez e mais veículos. O número de veículos para cada empresário não é limitado. A concessão é dada por um ou mais

Em cima — E' preciso abastecer bem as caminhonetes, pois às vêzes a viagem é difícil e sem possibilidades de socorros pelos caminhos. Em baixo — Sòmente a máquina bem lubrificada é possível resistir à poeira das estradas nem sempre boas

anos e é renovável, bastando que no término do prazo nada conste contra a idoneidade da outra parte. Esta faz apenas uma caução de 500 cruzeiros. Tudo muito simples. Nada impede que o número de concessionários aumente, pois existem, em todo o Estado, ainda muitas localidades não atingidas por essas linhas. E que essas emprêsas usufruem lucros, basta o fato de que um dos concessionários que é vendedor de batatas, já recusou a oferta de um milhão e meio de cruzeiros pela sua concessão. Também não é complicado o mecanismo que põe em funcionamento a engrenagem. Através de um serviço de fichário, a Rodoviária mantem em dia o contrôle de tudo quanto diz respeito ao seu movimento. E' também de sua atribuição o contrôle de horário de saída ou chegada, do preço de passagens, etc. Para facilidade dos serviços, existem em suas dependências garages, oficinas e um pôsto de gasolina, tudo a cargo de particulares.

De tudo isso há uma féria mensal de 450 mil cruzeiros na bilheteria, com pagamento aos empresários duas vezes por semana e pagamento mensal, também em dia certo, ao funcionalismo.

MAS, NEM TUDO SÃO FLORES

Nem tudo parece que sai cem por cento bom neste mundo. Até mesmo da felicidade, quando ela vem, há quem se queixe. Na estação Rodoviária de Belo Horizonte viaja-se com segurança. Pelo menos assim o dizem as estatísticas. Segundo informam estas, de 1941, data da fundação, até hoje, a história da Rodoviária registra, em suas linhas, apenas dois desastres fatais e três outros sem maiores consequências. A não ser para as vítimas de tais desastres, de fato não é má a percentagem, considerando-se que milhões de quilômetros já foram rodados e milha-

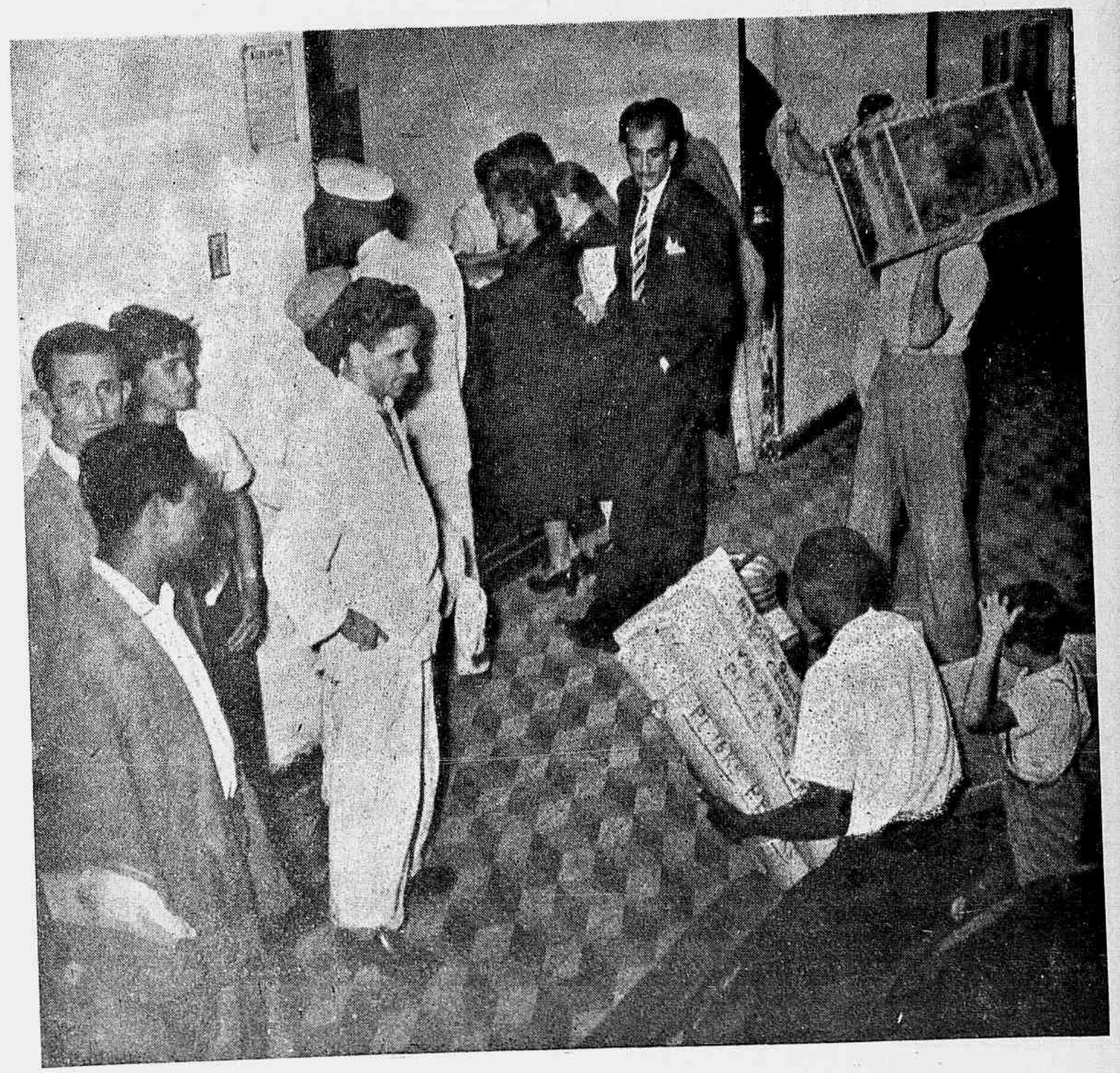
Em cima — Mas as caminhonetes também fazem fila em frente à Rodoviária. O espetáculo é de fato notável. Em baixo — Outras encomendas chegam do interior do Estado: o movimento é realmente grande de coisas as mais diversas

res e milhares de passageiros já correram êsses riscos. Outras observações podem ainda ser feitas, mais ou menos alvissareiras quanto à Rodoviária. Assim, o terreno onde ela se situa pode ser considerado o pedaço de chão em que mais liberdade existe neste país. Basta dizer, que, dêsde a data de sua fundação, até hoje, vem sua direção lutando por um pequeno policiamento na estação e somente agora conseguiu que alí fossem estacionados dois guardas civis. Sob êsse aspécto, quando se pensa em rádio-patrulha, polícia especial e outras «belezas», que Minas já possui, vê-se que essa nêsga de terra é mesmo um local privilegiado.

Mas também nem tudo são flôres neste mundo. Há, sim, a respeito de que fazer um reparo. De fato, os veículos que fazem o serviço de Belo Horizonte para o interior mineiro estão proibidos de ostentar em seus frontispicios aquelas belas inscrições populares, que a gente lia com um sorriso: «Deus me ajude», «Cuidado com a poeira», «Pobre vive é de teimoso», «Vou alí já volto», «Saudades de meu amor» e tantas outras. Declarou-me o diretor da repartição, o sr. Braulio Diniz, jovem bacharel que já foi bilheteiro da estação, que tais inscrições são consideradas propaganda e, como tais, proibidas pela casa.

E' preciso pois protestar contra isso, junto às autoridades, junta à direção da Bodoviária, pois tal medida é um atentado à liberdade de pensamento e de religião — é preciso protestar em nome do bom senso, da religião e do bom humor.

E aí já não importa que a repartição dê lucro. O importante é a liberdade. Principalmente a liberdade de andar bem humorado e isso, em geral, acontece com os choferes que viajam pelo interior com os passageiros, é verdade que isso não ocorre. Mas, isso também já é outra história.



Expressões de terror entre animais, ontem e hoje. Máscara de veado entre índios, e um cavalo de Picasso, sob bombardeio. Notem a concepção das linhas entre essas peças, uma resultante de cerimônia religiosa, e outra sob a ação da guerra total

ARTES PLÁSTICAS

A ARTE MODERNA NÃO É TÃO "MODERNA"

(SÍNTESE DE UM ARTIGO DE **ALINE B. LOUCHHEIM**) -- **Angelus Ravel**

Singular semelhança de linhas geométricas é notada entre êstes dois bronzes, um de 600 anos antes de Cristo, e o outro de 1913

AO celebrar seu vigésimo aniversário, o Museu de Arte Moderna dos Estados Unidos procurou provar que a chamada "Arte Moderna" não é tão ilegítima em suas origens como pode parecer a muitos; porém, possui respeitabilíssima "árvore genealógica" cujos antecedentes têm raízes nas mais profundas camadas humanas e surgiu há 75 mil anos... antes de Cristo!

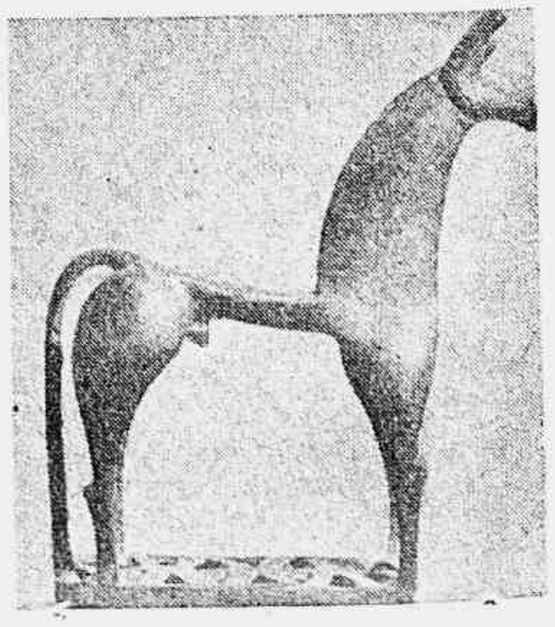
A intenção do Museu é provar aos detratores da "Arte Moderna", a legitimidade dos seus cultores, e dar uma resposta a todos os que andam a dizer que esta Arte é de "loucos" de "confusões", "invencionices" e "chicanas", arte própria de gente balda de talento, que quer apenas impingir suas concepções que ninguém entende.

Para mostrar como essas detrações não procedem, a diretoria do museu selecionou vinte e um exemplares de "Arte Moderna", contra o mesmo número de peças de história antiga, e colocou tudo em posição de confronto, para que o observador pudesse estabelecer paralelos entre ambas as concepções artísticas.

Numa quarta-feira foi aberto ao público a mostra sensacional sob o título de "Aspectos de Arte Moderna", o que despertou indescritível curiosidade de gregos e troianos. Depois das primeiras impressões dos visitantes o assunto passou para a área dos críticos, formalistas, cronistas de arte, e o caso entrou no oceano das discussões provocando cerrados debates.

Nestas páginas reproduzimos figuras de Arte arquimilenária com a idade incredutável de 750 séculos de existência, e que são uma reprodução de exemplares de nossa falada "Arte Moderna" dos Picassos e seus seguidores. E' o caso de repetir: **nada há de novo sob o sol...**

Êsse "show" de artes plásticas veio provar exuberantemente que, por mais estravagante que sejam os quadros de pintores modernos ou de escultores exóticos com seus trabalhos que o povo não compreende, nenhum dêles deixa de ter seus protótipos nos mais recuados tempos da humanidade. O que, por vêzes, diferencia um tanto entre os exemplares dêsse "moderno" atual e o "moderno" de séculos e séculos passados, é que a arte arcaica dos pintores e escultores dos princípios do homem sôbre a



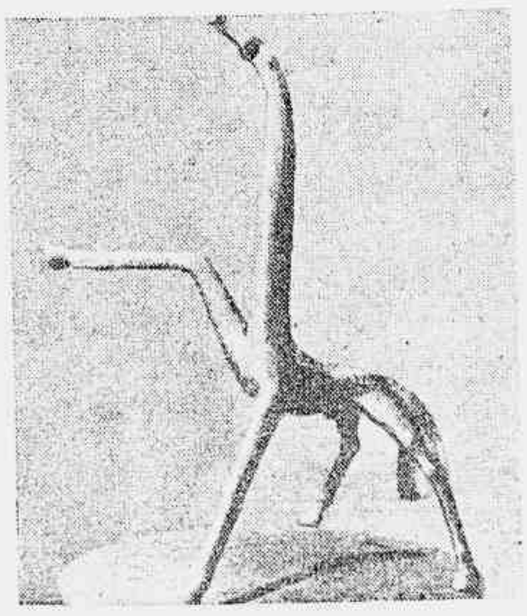
Esta figura de bronze de um cavalo estilizado é devida à concepção artística de um grego no ano 800 antes de Cristo

À esquerda — Esta cabeça de Madona com o Menino Jesus, apresenta traços usados pelos artistas da Síria ou Egito no século IX. À direita — Compare-se agora aquela Madona com êste Cristo de Rouault, pintado em 1932 e veja-se a exatidão das linhas

terra, é, às vêzes, ainda mais "moderna" em suas linhas e abstrações.

Verifica-se, porém, pelos confrontos, que não há, positivamente, provas de herança artística nas linhas que pudessem suspeitar de mendelianismo hereditário nêsses extremos da vida humana no campo das artes plásticas. Objetos e pinturas feitos em épocas tão distanciadas e diferentes uma da outra, não apresentam linhas de parentesco ou de ancestralidade, mas é indiscutível que ambas possuem traços e concepções de semelhança entre si.

O que essa exposição faz notar, entretanto, é a caprichosa ostentação de detalhes que diverte e, ao mesmo tempo causa surpresas. Veja-se, por exemplo, as semelhanças de concepção artística entre a máscara da cabeça de um veado usado pelos índios da América Central, em suas festas religiosas, e a cabeça de um cavalo de Picasso. As mesmas linhas são notadas entre dois bronzes da exposição: um, de guerreiro etrusco datado de 600 anos antes de Cristo, e outro, do escultor William Lehmbruch feito em 1913. Ambas as figuras são esguias, dotadas de efeito emocional perfeitamente iguais na execução artística, representando o etrusco a bravura de um lutador, e o bronze moderno, um homem naquêle isolamento introspectivo da vida do século XX.

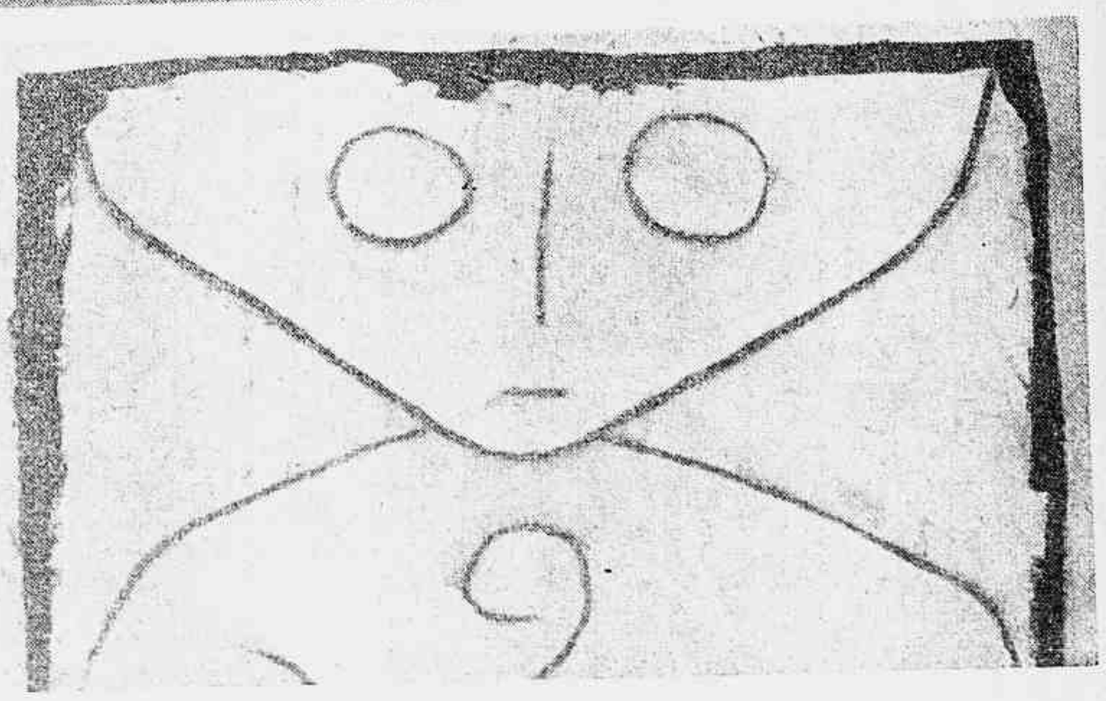


Esta outra, representando o mesmo cavalo estilizado, com as mesmas linhas geométricas é de um americano em 1942

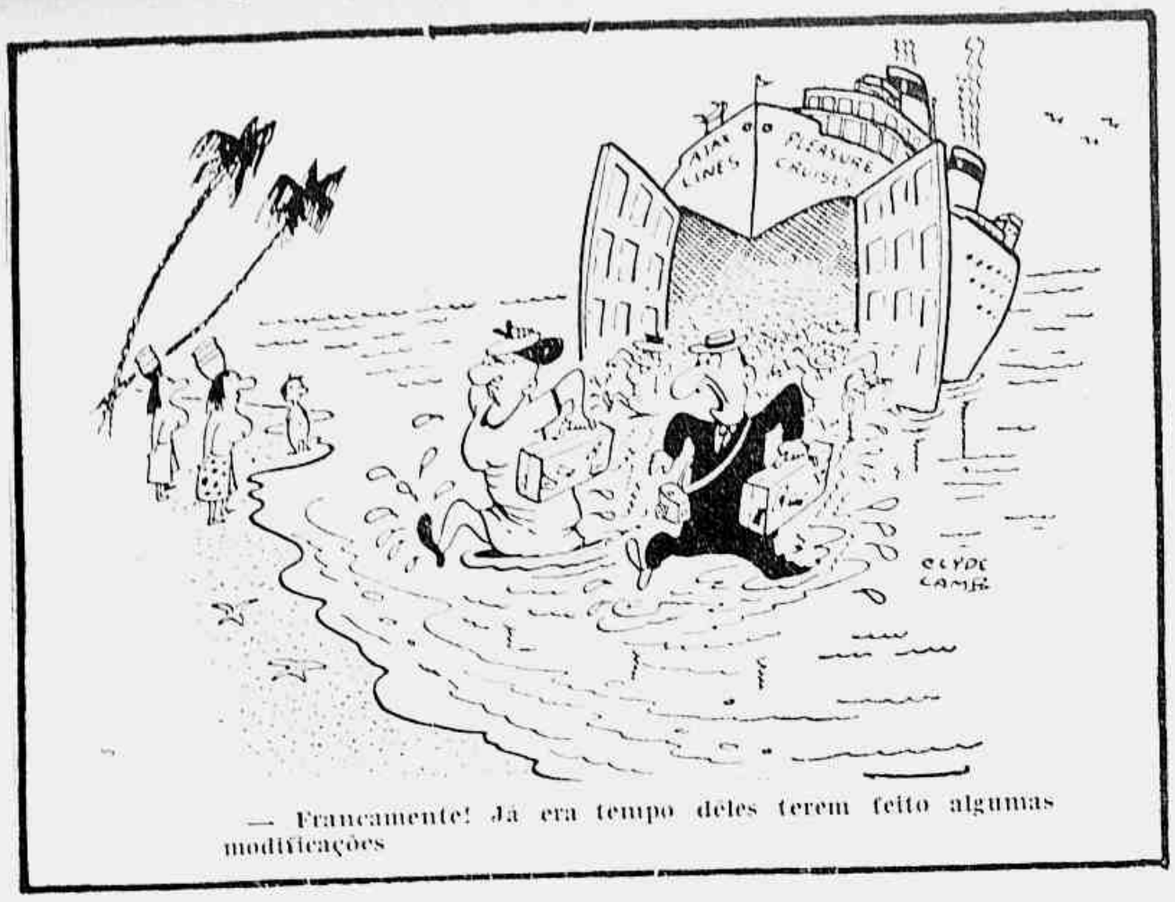
Foi descobrindo tais semelhanças que René d'Harnoncourt decidiu organizar a exposição com peças de arte tão semelhantes e tão opostas na razão do tempo.

O objetivo dessa mostra curiosíssima foi atingido. Técnicos e artistas discutiram, e o povo, durante os quatro dias de exposição afluiu em massa para ver, admirar ou criticar os efeitos dêsse conflito mental. Muitos perguntavam: "Depois que ficar provado que a "arte moderna" não é cousa sem base, e sim um ramo de aristocrática árvore genealógica, que vai resultar de tal prova?"

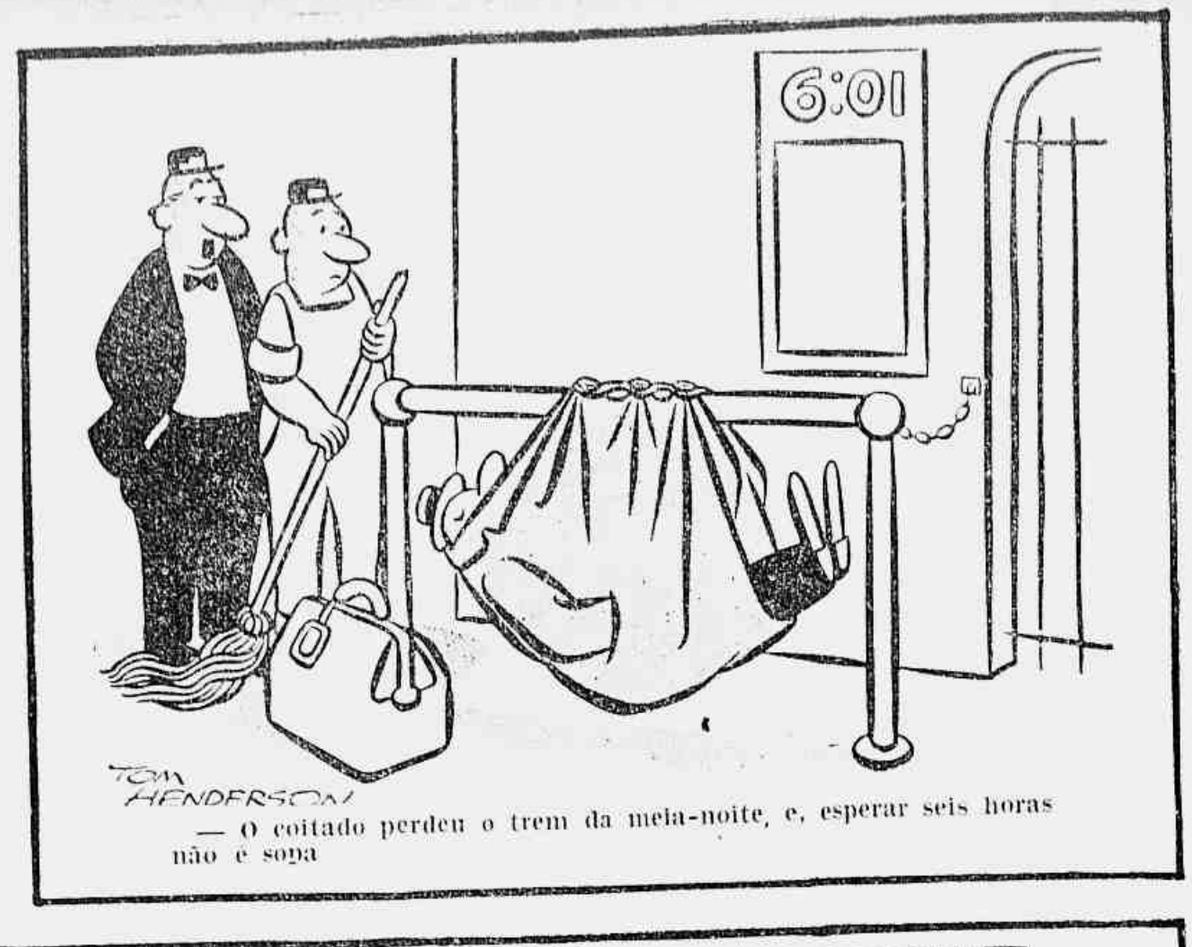
A pergunta é lógica. Depois disso, como passaremos a julgar essa arte? Mais "legitimada" e maior a sua aceitação? Outros perguntam ainda: "Poderá aquela simplória pintura de Paul Klee, em 1937, reproduzindo o rosto de um fantasma nas costas de um envelope, passar a ser considerada uma obra de arte, apenas porque, a 1.500 anos antes de Cristo uns índios anônimos do norte da Argentina fixaram numa placa de cobre um rosto similar por motivos desconhecidos? Para muitos, tais peças de arte antiga não podem dar legitimidade à "moderna" apenas por essas similitudes. A tôdas essas perguntas, o Museu de Arte Moderna responde: não há intenção de, com êsses paralelos e afinidades procurar-se aumentar ou diminuir o prestígio da "Arte Moderna", em sua estética e qualidade. Foi intenção do organizador dêsse "show" mostrar que tudo o que nos parece nêste século uma novidade, já existia desde os primórdios da humanidade. Também não se pretendeu que os motivos de tal produção artística fôssem os mesmos. Também teve essa exposição a intenção de provar que, em suas concepções modernistas, não tiveram os nossos artistas o desejo de causar sensacionalismos perversos e de velhacaria, conquistando celebridade através de exotismos e extravagâncias.



Em 1937 Paul Klee traçou num envelope esta cara; um índio do norte da Argentina, 1.500 anos antes de Cristo traçou cousa parecida

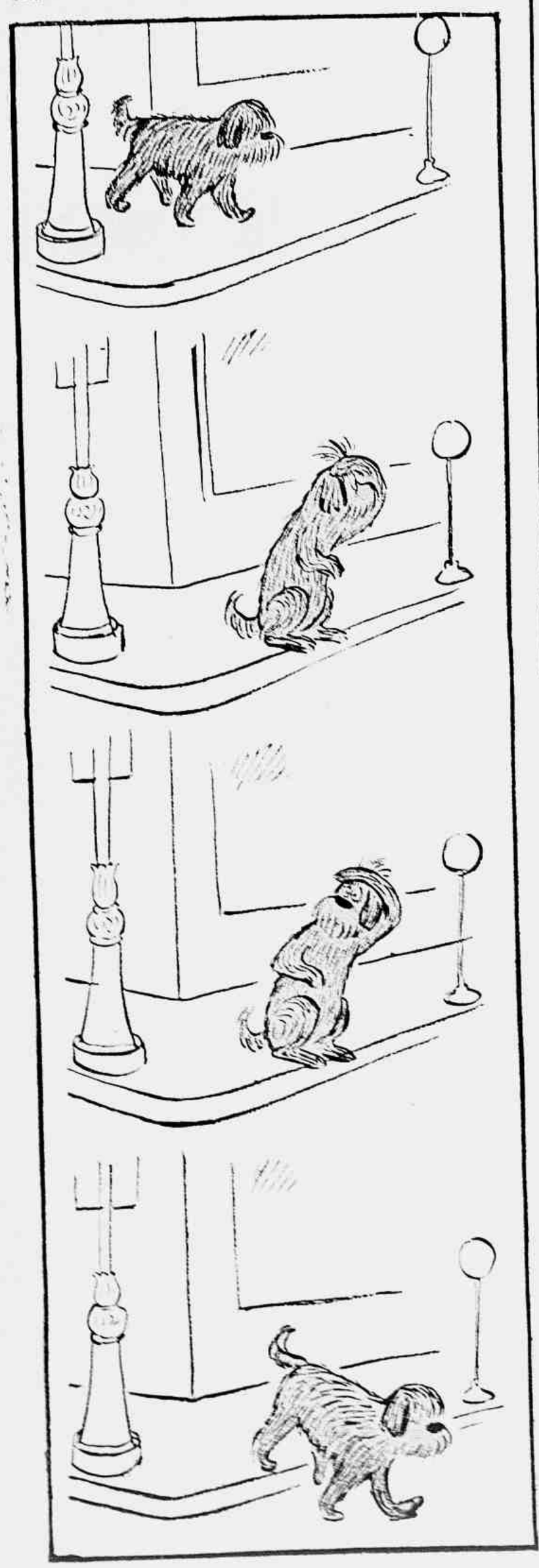


— Francamente! Já era tempo deles terem feito algumas modificações



— O coitado perdeu o trem da meia-noite, e, esperar seis horas não é sopa

BOM HUMOR



— Bom dia, Madame, o almôço está quentinho

— e aqui o hotel onde eu e a Maricota passamos momentos inesquecíveis

Arlene Dahl, encantadora "estrela" da Eagle-Lion, exibe belíssimo "toque" de arminho e flôres, para seu modêlo azul-marinho

NOS BASTIDORES FEMININOS

A BELEZA EM FÉRIAS Quem já não ouviu de uma pessoa que se afasta da cidade para gozar de férias, ou de uma que já se encontra em alguma cidadezinha do interior, a frase tão popular: "é... tirei férias totais..." Descanso o corpo, os cabelos, a pele etc.... Procuram assim justificar a preguiça e a negligência que delas se apoderam, pensando, talvez, que dessa forma ainda beneficiam a si mesmas. São muitas as pessoas que dizem: "me pinto, me penteio e me cuido o ano inteiro, agora quero descansar"... No entanto, muitas das vêzes, nêsses poucos dias de "férias" elas inutilizam todo o trabalho de um ano e, assim, ao voltarem à cidade, terão que recomeçar tudo. Concordamos, naturalmente, não ser necessário usar-se, quando fora da cidade, um "make-up" completíssimo e complicado, qualquer excesso destôa ainda mais nêsses lugares; porém, julgamos necessário manter sempre um tratamento de beleza que mantenha sempre em "forma" os encantos femininos. Os cremes e lações lubrificantes, os óleos estimulantes, são indispensáveis à pele e ao cabelo, pois é sabido que a vida ao ar livre, o sol mais forte dos campos e das montanhas, o vento mais cortante ressecam a pele e os cabelos, deixando os últimos quase que sem brilho. Nunca, portanto, deverá haver um completo abandono. O rosto, as mãos e o colo deverão ser bem cuidados a fim de que a pele mantenha sempre o seu vigor, a sua elasticidade. Os cabelos também merecerão cuidados e, quanto ao "make-up", poderá ser simples, constituído apenas de "baton", "rouge", pó de arroz e estimulante para os cílios. Qualquer pintura para os olhos é contra-indicada; as roupas poderão ser simples mas graciosas e elegantes, evitando-se os vestidinhos caseiros que muita gente faz para as suas férias. Um aspecto natural e agradável deverá ser mantido, mas sem a negligência ou incompreensão de muita gente que resolve dar "férias" também à elegância e à beleza, duas coisas de que a mulher bem feminina e verdadeiramente de "classe" não pode prescindir.

O Caixeiro

CONTO DE **LUIZ PRADO**

NO comércio das nossas cidadezinhas do interior, tal como na extinta Liga das Nações, periodicamente aproveita uma raça em prejuizo das demais.

Veio o italiano, que inflamado dos trópicos acendeu braza de colono, labareda de fazendeiro e fogueira de milionário. Veio o espanhol, que negou fogo, e depois, paradoxalmente, explodiu — mal temperado que é; grande alquimista da História, queima Guatemozin para obter ouro, herejes para conseguir crença, e a êle próprio no afã de purificar-se e ressurgir — raça fenix; o espanhol, pela sua caloria especial, só existe um lugar onde talvez esteja à vontade: o inferno. O português, com uma quéda mórbida pelo carvão, chamou "brasil" à Santa Cruz, amulatou-se e continua até hoje taverneiro por excelência.

Tôdas as raças chegaram à vista da "pátria bruta" e se fazem anunciar à si e às suas mercadorias com fogos de vista — menos o sirio, que só sorri e fia.

— *Sabastiãozinho?* Deixa só *meu* mulher, resto *bôde* levar tudo!

O seu crédito (com surprêsa dos próprios Seabstiãozinhos) nasce alí, desconfiado mas renitente. E as prateleiras sorriem, cheias de panelas, cordas, chitas, sabonetes...

— Arre, Tião, aproveite, tire um vidrinho de cheiro pr'a mim. Nunca *ponhei*... — Leva! Leva! Eh! Marido bravo! apressa o amavel vendeiro.

— Dêsse *marelento* nhor não... quero aquêle de tampinha azul...

— *Bronto!* Que mais?

Daquele dia em diante a roça parece encantada. Tem tudo no armazem, se até crédito! Nha Rita estreou domingo o seu vestido ramado. O compadre João exibiu um canivete novo. O Quinzinho, de doze anos, um chapéu de côco, vermelho, que provocou a tróça do primo, mas no outro domingo o primo também estava de côco vermelho.

E a roça está uma alegria! O brasileiro começa se colorindo para depois vestir-se e calçar-se — eterno botucudo.

Tudo por artes do semita bronzeado que somente no século vinte achou o Brasil em ponto de bala — depois que o caboclo morreu espingardeando na sua gleba, que o italiano levou a fama da exploração, que as outras raças fizeram jardins e o moleque judeu embodocou o juro contra a vidraça do particular e a clarabóia dos orçamentos nacionais.

Há vinte e cinco anos o sirio era turco e mascate, sacolejava uma matraca de páu e fazia-se camelo onde o arabe não dispõe dêle. A corcova era meia dúzia de baús atopetados de rendas e morins inglêses, botões, mimos e utilidades. Pedia que lh'os comprassem. Hoje tem prédio, tem loja, tem freguesia. Alijou a corcova e acamelou o caboclo, fazendo-se a corcova dêle. E é libanês. E se esgalha: o filho é agora industrial, médico, advogado, beletrista, sol a nascer, denso como gema de ovo.

Irá longe também. Tem fibra na raiz e oxigênio no topo. Deitará fronde e à sua sombra e nos seus ramos habitará como num seio a macacama.

Visto essa pesca ser feita sem azol, só com isca, vivem bem — e morrem melhor.

★

O Habib tinha uma cria nacional, parasita genuina do seu progresso — o caixeiro Josefino Fagundos, moço inteligente, culto, e — horror! — poeta! Mercúrio precisa de asas nos tornozelos para correr voando e Josefino tinha-as na imaginação para voar parado — enquanto os freguêses se mediam, se pesavam e se pagavam — alguns até se cobravam dos trocos.

— Eh! Moço, e a *vórta?*

O metro de turco, porrete pacifico que o ex-mascate só derranca nas economias, ora espichava, ora se encolhia, tal qual as asas da imaginação librando-se no etéreo de um projeto literário ou quase a fechar-se sôbre o telhadozinho de um soneto:

Em meus dêdos pousarem docemente,
Senti os teus — brejeiros colibris!

E na dificuldade do equilibrio, pousa não pousa, de repente um malfeitor espantava para longe, com uma pedrada, a idéia esquiva.

— *Siôr* tem botina desta?

E o bruto mostrava a sua, esfarrapada de cinco anos. Josefino debruçava-se sôbre o balcão e olhava-a perguntando invariávelmente:

— Que número?

Quando estava cansado de saber que todo o caboclo calça quarenta e dois. Falta de senso prático!

E ia estremecer a pilha de caixas na prateleira, fazia entrar as botinas velhas, tirava-as fóra, calçava as novas e perguntava outra vez:

— Vai no pé?

Quando também estava cansado de saber que todo o caboclo compra botina na caixa, como estojo de jóias.

Mal despediam-se tornava o pássaro ensaiar arribada:

Em meus dêdos pousarem docemente...

Vinham-lhe à memória os cinco dêdos do pé do caboclo, estilizados debaixo da meia craquenta...

Como há de um poeta versejar num chiqueiro? Mas não se revolta, misero! E a experiência? Josefino fôra tudo em Vila Sêca, amanuense da Câmara, escrivão da Coletoria, funcionário de Cartório... Mas em tudo fracassara porque era a tal mania de fazer resumos contabilisticos rimados, extrair certidões em arcabouços de sonetos, e recordava-se da éra de amanuense quando, abrindo o cenáculo para uma reunião de vereadores anunciou-a desta forma gravissima:

— Atenção! Está aberta a Câmara para a sessão que vai resolver a questão do feijão!

Como a seriedade expungisse nalguns edís ofendeu-se Josefino, que já tinha as orelhas quentes pelo roçar daquele ramo de urtigas. Colérico, voltou-se para o plenário:

— Lamento a falta de consideração!

Isto provocou foi um desatamento geral de gargalhadas. Então revoltou-se brioso:

— Peço minha demissão!

Guardou rancor do público, êsse ente que não tinha corpo nem alma, só estupidez. Que confundia a ocasião de rir com a de não rir, "escoicinhando com a cara" (expressão sua para qualificar o "riso alvar"). E teimou vingança. Comprou um espêlho, travou relações consigo e escreveu um discurso — estava para inaugurar-se o busto de um barão benemerito no páteo do Grupo Escolar — e furou o programa com seu número: "Discurso, pelo sr. Fulano". Havia um trecho — o de ouro — no qual sacudindo a juba e amassando as tiras, dirigiria uma alocução ao sol — êsse outro barão que espargia luz, etc. Pois bem. No tal dia, na tal hora, o barão Sol, com certeza enraivecido por alguma infração da etiqueta gramatical (êle que espargia luz) não veio — e mandou a sogra, uma chuva tempestuosa cheia de trovões e coriscos — a qual definiu a fatalidade de Josefino e fê-lo bradar aos ceus:

— Até os elementos!

O misero Felipe II estava agora caixeiro do Habib, amarfanhando brins, descalçando as botas alheias, elogiando hipo-

imaginoso

ILUSTRAÇÃO DE **A. PACHECO**

critamente o tom dos tecidos e a compor sonetos em surdina. Sua "bagagem literária" estava a presentir bau e um dia comprou um. "No caso de incêndio salva-se", pensou. O poeta era naturalmente mãe.

Porque mantinha-o o Habib? Ora essa! Porque o Habib era sirio. Só por isso. Fosse Italiano, francês, americano e Josefino já teria pedido outra demissão, mesmo sem razão de danação...

O sorriso do sírio é o maior abraço que recebeu até hoje o brasileiro. A única raça que sabe sorrir com a única, que sabe ser abraçada — Maquiavel temperado por Narciso... Tenham fé no futuro do Brasil!

Perdia Habib uns dois dêdos de fazenda em cada venda, mais uns meúdos na conta, mas a freguesia voltava a lográ-lo e teimava fosse por intermédio do Josefino — como pois mandar embora o Josefino?

— Zefino! Chamando aqui...

Já diziam "comprar no Zefino", "no Zefino tem dessa renda"... Que beleza para o Habib!

Mas por Deus, a continuar servindo a freguesia, como servir a literatura? Sim, Josefino Fagundes chamava-se Josefino Silveira de Abreu Fagundes e assinava-se Silveira de Abreu; havia quatro cabeleireiros em Vila e êle cultivava a guedelha hirta; os campos eram tão abundantes de vida terrena, mas sua olheira assemelhava-se a um cantinho de céu azul; o sol desbotava as tricolines do Habib, menos o seu caixeiro, que se desbotava por si; o movimento da loja era um inferno, só para Josefino; a rapaziada profana dava mergulhos no rio, o que Josefino ignorava, e amava nos portões, escuramente, enquanto êle o fazia sob o clarão da lua, e sozinho, como um doido. E' que Josefino Fagundes tinha um grande sonho na vida e realizá-lo era sua ambição máxima, pior, única — tornar-se somente Silveira de Abreu. E consegui-lo-ia quando deixasse o caixeirismo, o zefinismo — quando descobrisse aos críticos do país o seu bau de manuscritos, verdadeira arca de piratas: corôas de reis, colares de rainhas, penduricalhos de gemas coruscantes, bichas, medalhas, miniaturas... Isto, leitor: dramas, comédias, contos, poemas, sonetos...

O mundo inhóspito arranhava-o e o incompreendido, sensitiva pudica, retirara-se para dentro do bau — mas como serpente, que um dia desferiria um bote-revelação.

Sempre a encolher-se, Josefino estava curvado como um velho. Em casa vivia remexendo o baú (que ostentava simbolicamente duas rosas côr de rosa na tampa) e em serviço, atrás, do balcão, catando caixas e rimas, quando um dia o diabo entrou na loja, passou pelo Habib, foi direito ao Josefino, encostou-se nele peito a peito, fixou-o ôlho a dentro, terrível, e perguntou numa vóz divinissima:

— "Seu" Silveira, o senhor tem desta linha?...

Que diabo! Que corpo! Que cabelos! Que expressão de olhos e de voz! Que...

— Hein, "seu" Silveira?

"Seu" Silveira! Depois de vinte e cinco anos é que era batisado o "seu" Silveira!

Por isso — porque já tinha vinte e cinco anos — não podia chorar do sal. E aguentou. Refez-se da pitada, salivou, balbuciando:

— Senhorita... vamos ver... tem, sim...

Quando expôs a coleção de carretéis o diabo foi verdadeiramente cruel. Roçou-lhe os dêdos, perguntou que tal achava esta côr, aquela, e o número, e se era boa mesmo, se garantia...

— Pode crer, senhorita!

— Olhe, "seu" Silveira, se me enganar não voltarei mais!

— Juro-o!

— Quanto é?...

E num risco do olhar:

— ...para mim?

O Habib servia um freguês, distraido.

— Para a senhorita?... Mil e quinhentos...

E num sôpro, com os lábios inseguros:

— Vendemos a três!

— Levo cinco carreteis.

Embrulhou-os Josefino, rápido como um ladrão, pegou o dinheiro sem conferir, depositou-o e recebeu o mais estonteante olhar de agradecimentos do diabo, que se foi, despedaçando-lhe a alma.

Em meus dêdos pousarem docemente
Senti os teus — brejeiros colibris!
Morrer! Eu môrro! De saber somente
Que irás comigo — morrerei feliz!

A lira! Que temperada lhe pareceu! Não era a lira que dedilhava, era uma cabeleira inebriante cujo odor lhe causticava ainda as narinas. E atirou aos ares, impetuosamente, o resto do soneto, quando dêsde às oito horas da manhã não conseguira transpor os dois primeiros versos: Caçou o lapis atrás da orelha e coligiu tudo num papel manilho. Ah! Se vivesse seus dias ao lado "dela", que favos de mel não produziria sua literatura! Releu o soneto. Perfeito. Ocorreu uma idéia: dedicá-lo: "A uma deusa".

Terminado o dia correu à redação d"A Comarca". "Seu" Bernardo, um português prático dono da tipografia e porisso mandante do jornal respondeu:

— Tenho um espaço, o último. Custa-lhe dêz mil reis.

Naquele dia Josefino estava decisivo. Somou dois bolsos do colete com um da calça e pagou. "Seu" Bernardo leu a poesia, alisou o bigode e fechou a porta. Josefino, na rua, começou a esperar pelo domingo.

Mas os poetas são tão distraidos!

Quem seria a deusa? Porque em Vila Sêca não brotava daquele portento. Quem seria?

Era a filha do Cel. Teixeira e interna de um colégio em Taubate. Em férias, assombrava a cidadezinha com sua magnificência.

Mas como lhe soubera o nome?

"Seu" Silveira! Deveria descobrir o dela para a dedicatória. Descobriu: Regina. Correu à casa do "Seu" Bernardo, que chamou-o "asnático".

Mas Josefino gozou e deliciou-se durante o resto da semana em arrancar pétalas à folhinha.

Tudo agora lhe parecia flores...

★

Domingo lá trouxe "A Comarca" na primeira página o *Ad eterna*. E arrasou.

Acharam-no uns nostálgico, outros fatal, sempre por aí; quanto à qualidade, superior. E a assinatura? Silveira de Abreu. Poeta feito.

O caixeiro Josefino Fagundes, êsse estava radiante — quanto o poeta o lamentara semanas a fio.

No dia seguinte estava êle — o caixeiro — no topo de uma escada, o braço esquerdo cheio de volumes e o dinheiro a encompridar a pilha, quando uma voz — a dela abalou-lhe o andaime e as pernas. Espiou. Ela e um homenzarrão. O pai. Atormentou-se. Depois, envergonhou-se. E acudiu-lhe ficar escondido lá em cima.

— "Seu" Silveira!

E o Habib, idiotamente:

— Zefino! Desce! Chamando aqui...

(Continua na página 52)

Cocktail

ELEGANTÍSSIMOS e sugestivos são os modelos para "cocktails" que apresentamos nestas duas páginas. Assinados por grandes nomes da costura francesa, não podemos negar-lhes a elegância das linhas. Na página ao lado temos: à direita, em sêda preta, com decote quadrado, lindíssimo modêlo; saia drapeada na frente terminando com um "apanhado" atrás e grande laço; no lado esquerdo do decote, original rosa em cetim preto. Ao alto, também em sêda preta com incrustações de renda da mesma côr; decote amplo terminando em "V". Em baixo, composto de saia de tafetá preto, com original blusa em sêda amarela com estampados azuis e vermelhos. Nesta página: modêlo em linho azul forte; decote amplo de gola dupla; saia "godet" ligeiramente franzida; cinto do mesmo tecido. À direita: em "ottoman" cinza é esta original sugestão de Marcel Rochas; amplo drapeado lateral, decote vasto e cinto formado por grande pena preta.

MESTAS páginas as nossas jovens leitoras encontrarão algumas encantadoras sugestões para os seus guarda-roupas. São modelos elegantes e bem originais, criados com a preocupação única e exclusiva de orientar a gente moça na escolha de suas "toilettes" para a noite. O material empregado é o mais variado possível, indo da clássica tule ao atualíssimo linho com bordado.

Dianna Lynn, encantadora "estrêla" da RKO apresenta êste modêlo composto de corpete de linho preto com bordado inglês na gola, saia farta, muito original, formada de dois babados, em cetim pérola e "tulle" branca

PARA AS NOITES DAS "Jeunes Filles"

Na foto ao alto — Modêlo em tafetá azul claro, decote descobrindo os ombros, mangas fôfas. Modêlo em "piqué" branco, saia "godet" com "movimento para trás. Em cetim estampado tom sôbre tom. Gola alta. Saia "godet" caindo em pregas soltas

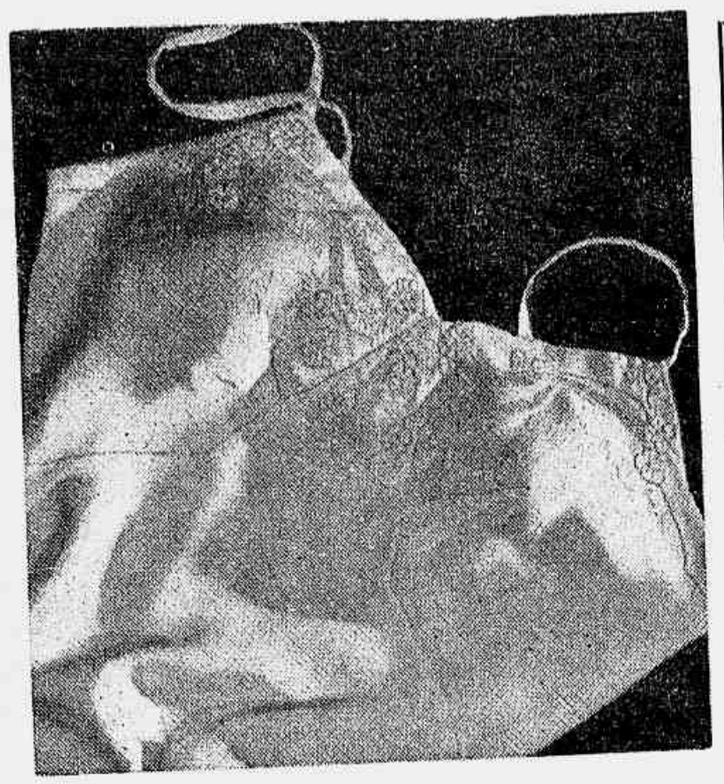
...

Em "cassa" azul com "pois" brancos, é bastante juvenil êste modêlo, gola ampla em fustão com fita de veludo enfiada

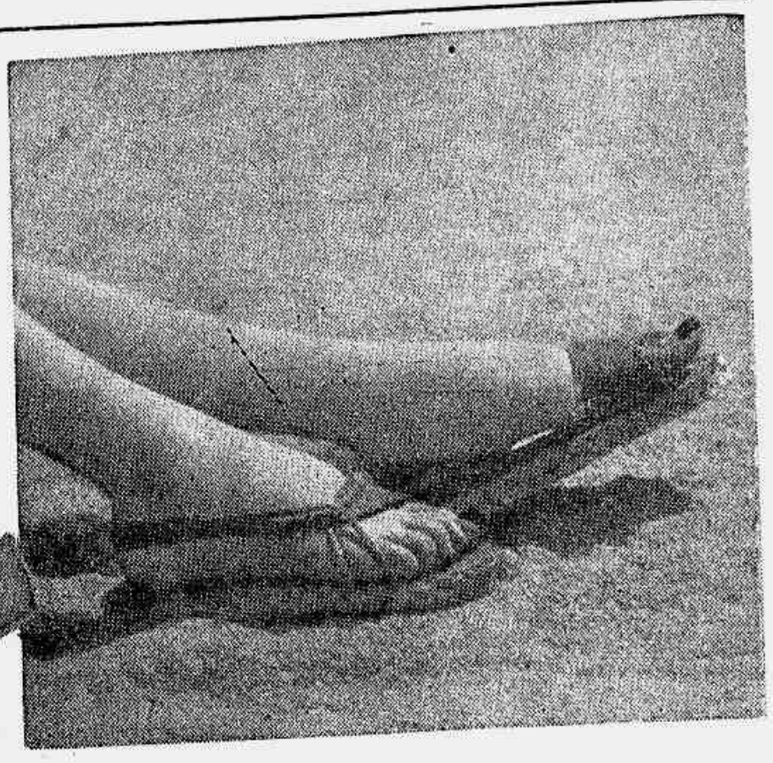
Na foto acima — Novamente Diana Lynn, da RKO, apresenta um modêlo em jersey branco, com saia formando túnica mais curta na frente, deixando aparecer uma outra saia de cetim. Corpete justo, decote quadrado arrematado por "bouquets" de "muguet". À direita — Maria Montez, a beldade da Universal-International, exibe um luxuoso modêlo para a noite em cetim, desenhado para ela por Pierre Balmain

DETALHES E NOVIDADES

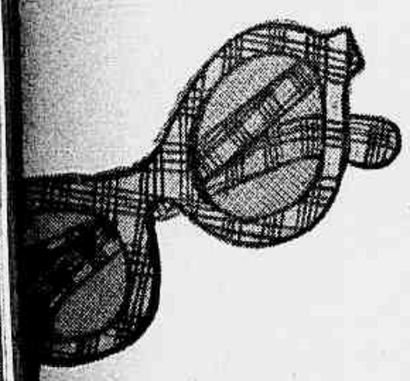
Uma novidade em matéria de joias é êste colar de ouro com quadrados de onix e letras de pequenas pedras formando o nome da sua portadora



Combinação de cetim com incrustações e crivo



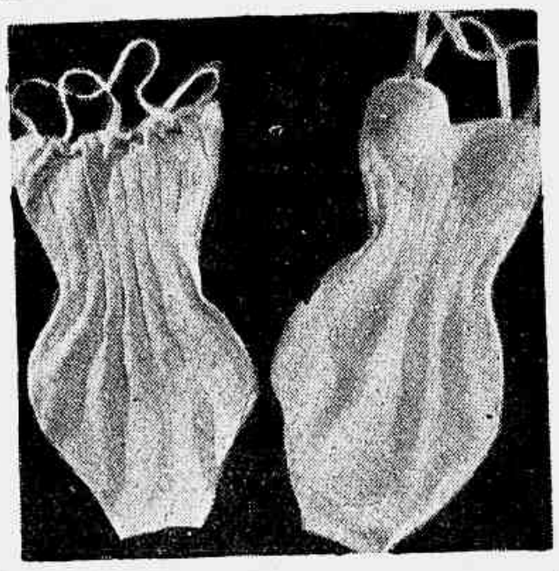
O seu sapato para a praia poderá ser igual a êsse, em lona vermelha e sola de corda



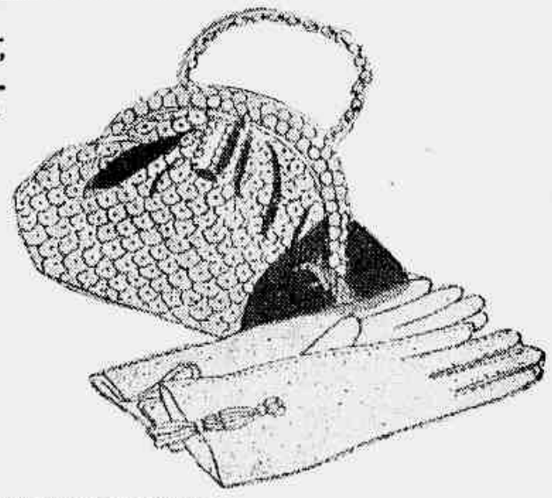
Óculos modernos esportivos em material plástico, com estampado escocês em côres vivas

Para você que vai viajar, aí estão dois casacos práticos e elegantes

Lindo, êste "maillot" em "tricot" vermelho e branco para menina



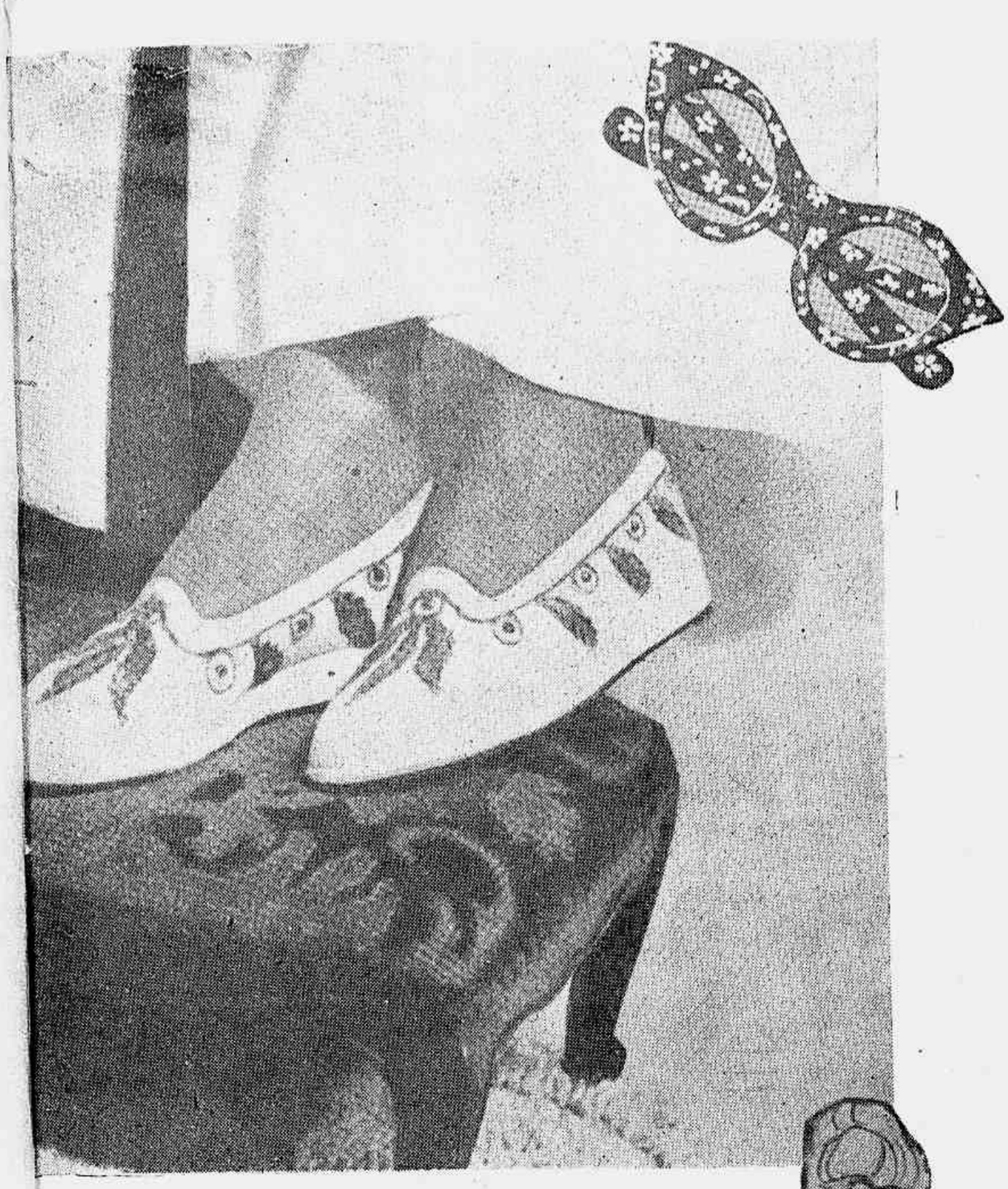
Faça você mesmo o seu "maillot" em "tricot"... Aqui estão dois novos modelos



Para uma "tolilete habillée", sugerimos esta bolsa bordada e luvas com franjas

Para os dias de sol, elegante chapéu de panamá com aba pespontada

Sapato de veludo e pelica, com larga pulseira, elegantíssimo é a última palavra em novidade para "tollette"

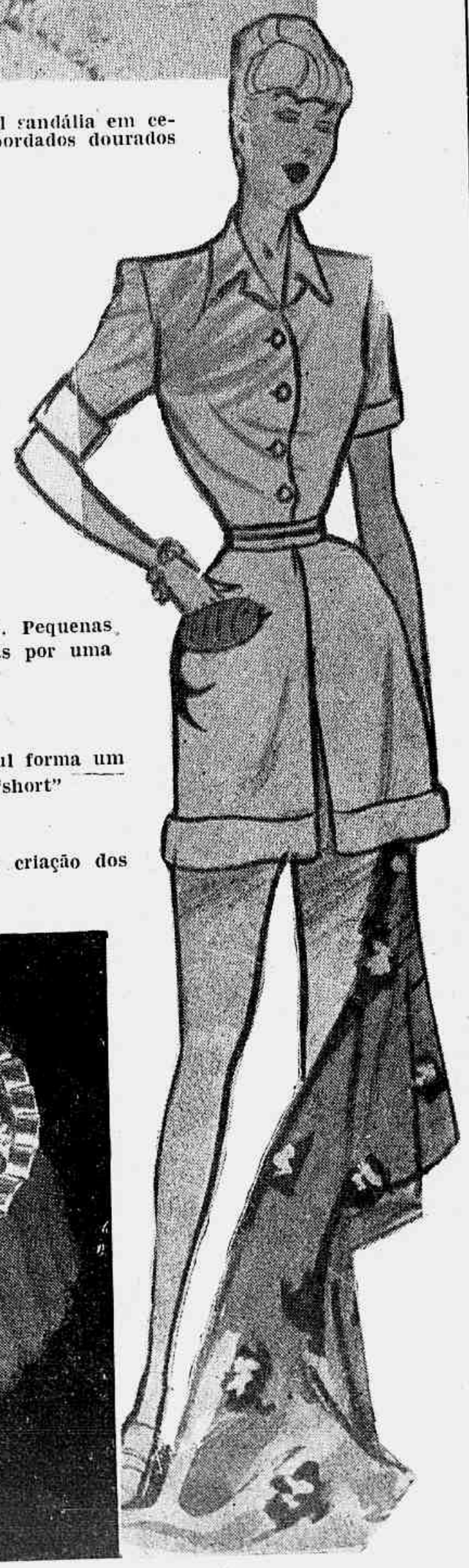


Elegante e original sandália em cetim branco com bordados dourados

Uma coleira moderna e interessante. Pequenas fivelas de pérolas ou pedras, ligadas por uma fita de veludo

Um peixe em tecido vermelho ou azul forma um bolso interessante para o seu "short"

Notável êste relógio pulseira, última criação dos joalheiros franceses

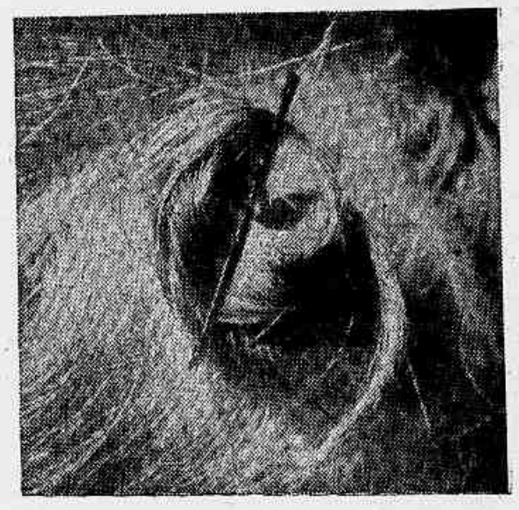


Faça você mesma o seu «MIS-EN-PLIS»

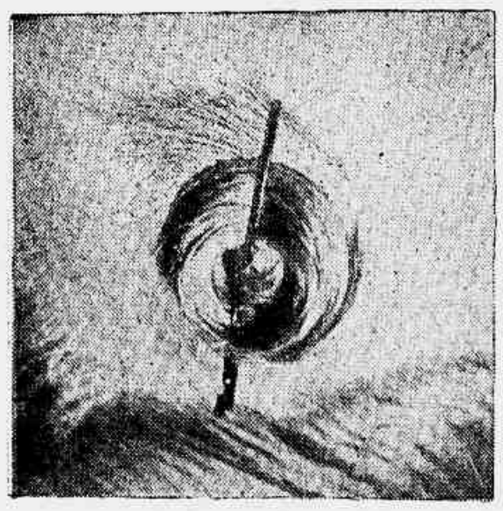
1 — O cabelo deverá ser enrolado numa só direção para cada lado

NEM sempre se dispõe de tempo suficiente para se ir ao cabeleireiro, mas isso não deve impedir que você tenha sempre a sua cabeça muito bem penteada. Experimente fazer você mesma o seu "mis-en-plis" e êle sairá muito bom, se você seguir as indicações abaixo:

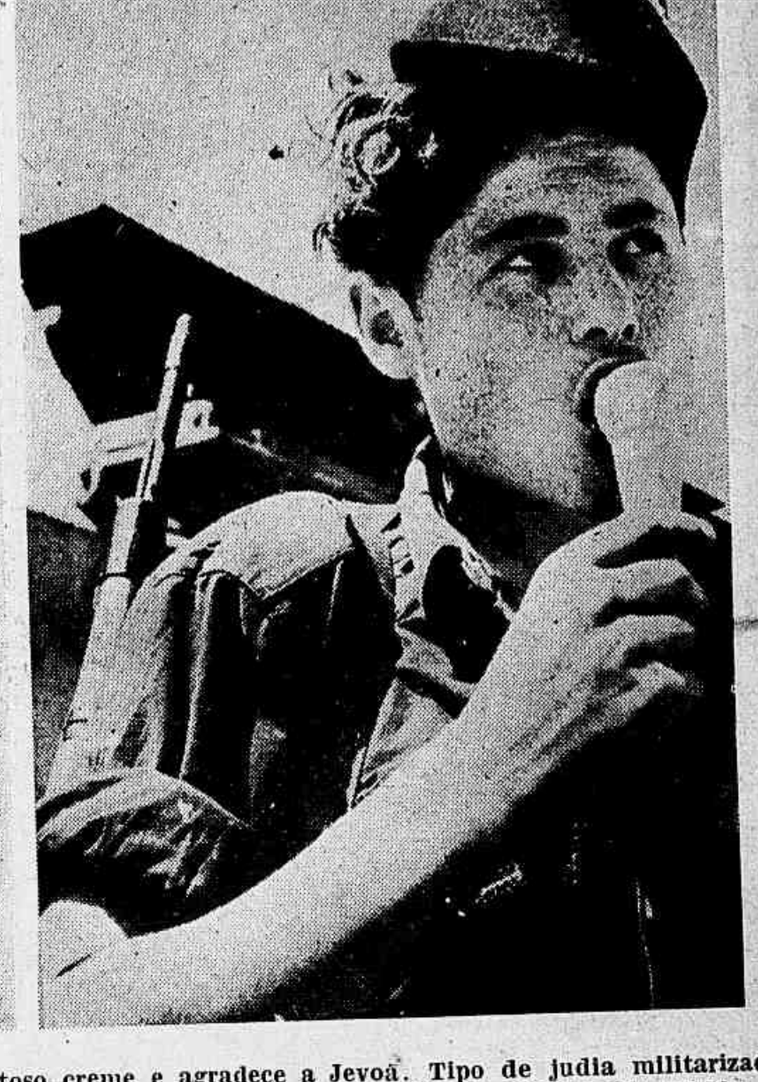
2 — O cabelo não deverá ser enrolado assim, porque não foi dividido e resultará depois de sêco, num cabelo rebelde. 3 — Assim também não serve, pois está solto e torto



4 — Êste também não está bom porque não é redondo. O cabelo enrolado assim, dificilmente dará um bom penteado. 5 — Êste está errado porque as pontas não foram enroladas. Será difícil penteá-lo e as pontas ficarão sempre "espigadas"



6 — Assim também não serve, pois o cabelo enrolado não foi colocado no lugar devido, isto é, junto ao couro cabeludo. 7 — E' assim que se deve enrolar o cabelo. Depois de dividido em partes iguais, foi enrolado de maneira firme, o círculo está perfeito e junto ao couro cabeludo. Depois de sêco, o cabelo estará pronto para fazer um lindo penteado



Da esquerda para a direita — Depois de três meses de guerra, êste jovem judeu na linha de frente saboreia apetitoso creme e agradece a Jevoá. Tipo de judia militarizada pertencente ao Corpo de Fôrças Auxiliares, e que desempenham tôda sorte de trabalho. Na poeirenta estrada de Jerusalém, êste "chauffeur" conduz seu carro protegendo-se contra as ondas de pó

A TRAGÉDIA MILENAR DO POVO DE ISRAEL

Texto de **JOHN T. V. SMITH** ★ Fotos **KEYSTONE**

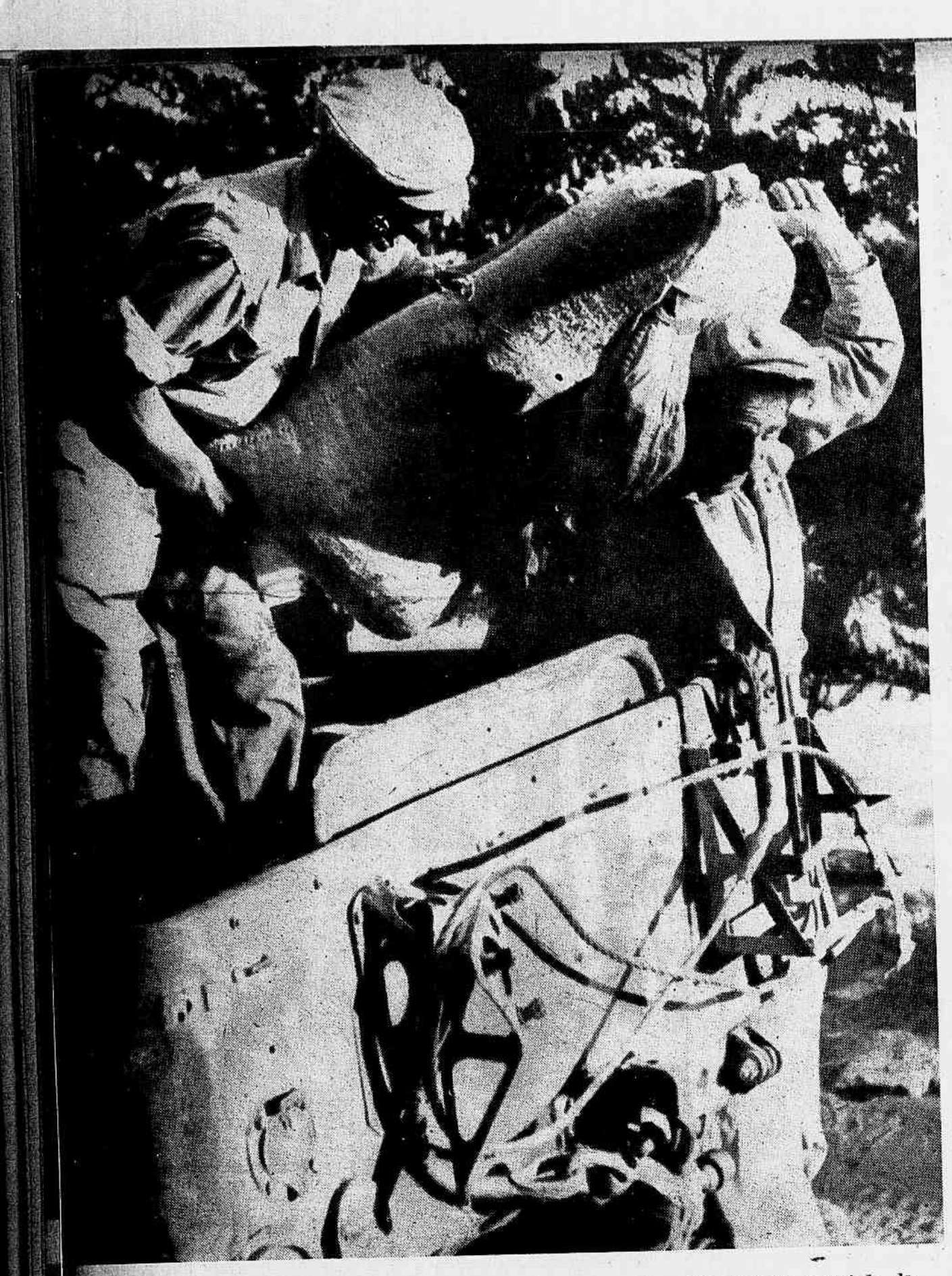
Não há povo mais castigado pelo destino do que o israelita. Registra a História tôdas as fases de sofrimento dessa raça de pastores e profetas, de sábios e artistas, de comerciantes e inventores, mas não há, evidentemente, uma explicação absoluta e satisfatória acêrca dos ciclos de suas perseguições e adversidades.

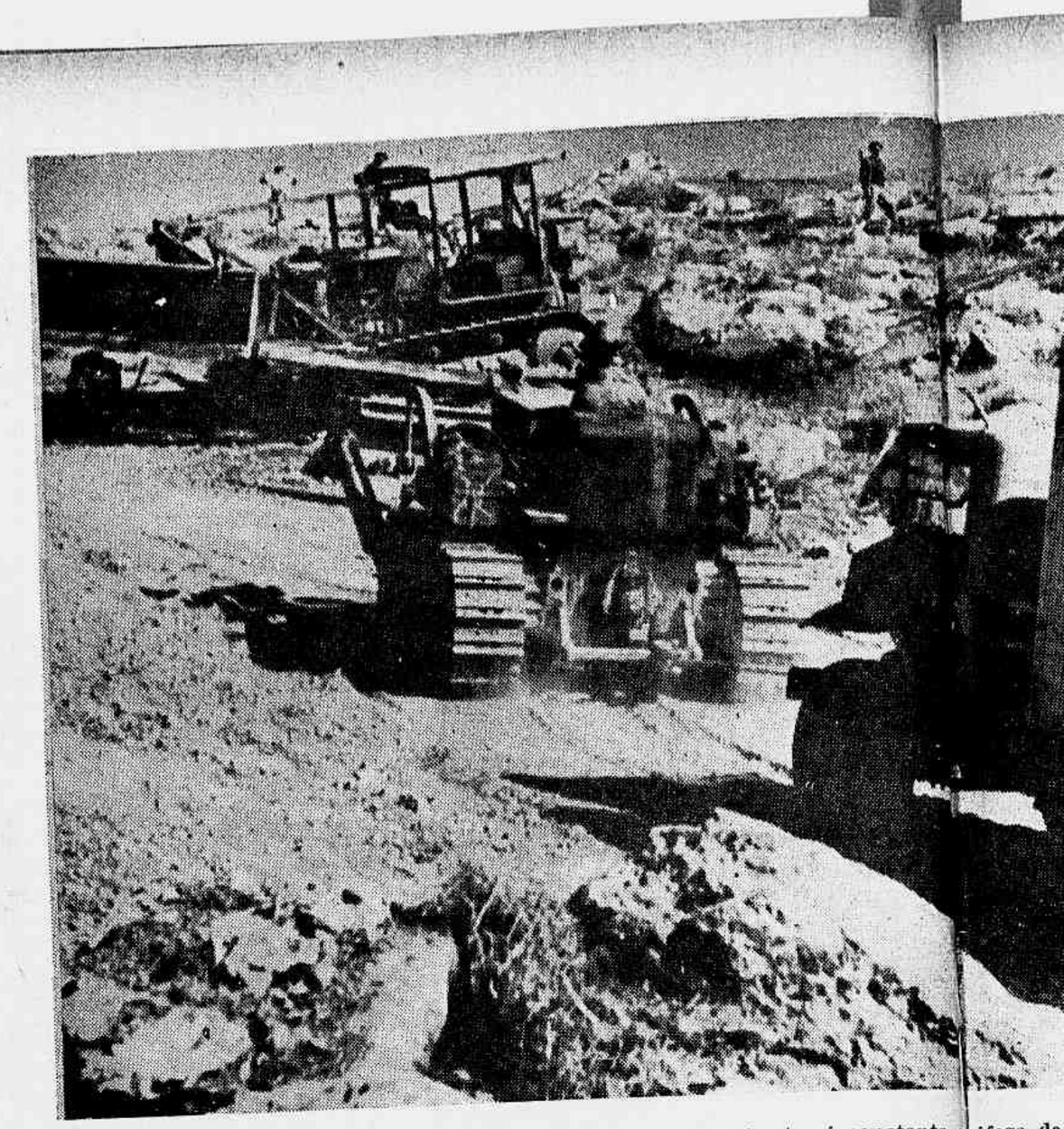
Como se iniciou o Povo de Israel? Segundo a excelente obra de Frederico Pinkuss, intitulada «O Caminho de Israel Através dos Tempos» as origens dêsse povo ainda se conservavam desconhecidas até fins do século XIX, quando em 1895, o orientalista Hugo Winkler desvendou provas históricas da maior importância. Ao sul do Cairo, numa distância de cêrca de 300 quilômetros, descobriram-se nas ruinas de Tel El Amara, 360 tábuas de barro queimado com inscrições cuneiformes. Estas taboas por Hugo Winkler chamadas de «Cartas de Tel El Amara» datam do século XV e da primeira metade do século XIV antes da era de Cristo, e representam a correspondência dos Faraós do Egito, Amenofes III e IV.

Através dessa descoberta foi que se ficou sabendo então quais as origens do povo semita, identificando-se a tribu nomade Sa-Gaz ou Chabiru, posteriormente, Ibrim, Ivrim ou **Hebreu.**

Essa tribu emigrou de suas terras à procura de pastos ricos e de melhores condições de vida para seu povo, isso há mais de 2.000 anos antes de Cristo. Nesse grande movimento migratório diz o citado autor, vinha também aquela tribu semita a que chamamos hoje, Hebreus e Israel. Sua história está contida nas pá-

Na página à esquerda — As mulheres da Palestina estão decididas a manter a independência de sua terra e treinam para a guerra. Em cima — Prisioneiros árabes num campo de concentração da Palestina, trabalham sob as ordens dos judeus vitoriosos





Nos campos devastados da Terra Santa, é constante o áfego de

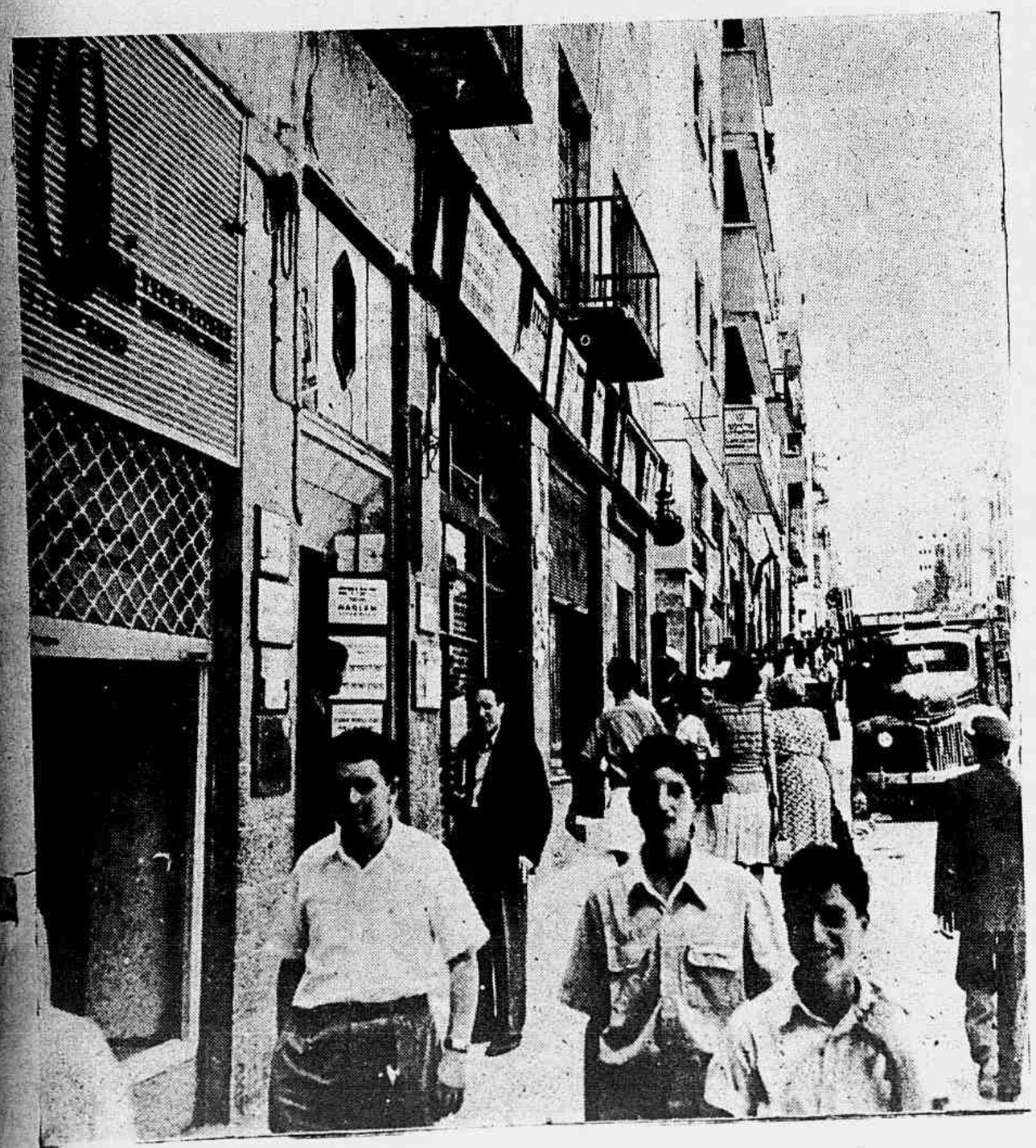
ginas do Velho Testamento. O próprio Abraão que não dirigia tribus nomades, retira-se de Ur, na Mesopotamia para o Egito em virtude das precarias condições de vida na Palestina. Espalham-se pelas bôcas do Nilo e fundam uma nova pátria em Gosem, perto do Canal de Suez. Alí, porém, são perseguidos e atacados pelo faraó Ramsés II, poderoso e agressivo rei cheio de odio mortal contra os israelitas.

A causa dêsse odio contra os hebreus, talvez nascesse de fundo religioso. Como sabemos os hebreus eram monoteistas, crendo num só Deus verdadeiro, e os povos do Egito, eram adeptos de politeismo o mista e seu modo de vida muito distanciava dos povos que emig vam da Palestina.

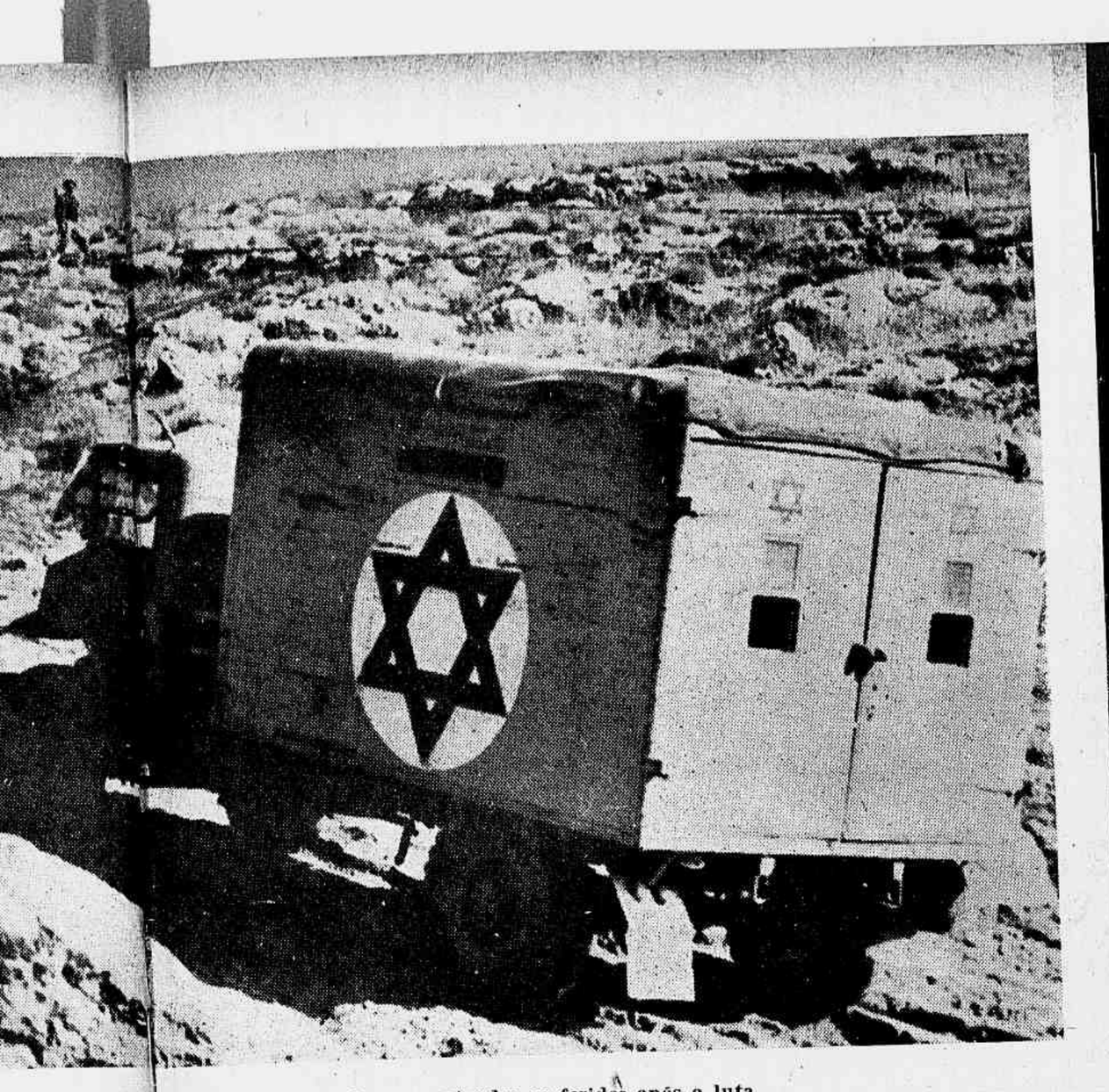
Foi quando apareceu a figura Moisés. Dirige-se ao seu povo r ne-o e inicia a fantastica marcha los desertos em busca da Terra Promissão. E' o famoso «Êxodo» que nos fala a Biblia, num dos liv do Pentateuco. Durante quare anos aquêle pastor de almas at vessa os desertos sem fim c minando sua evangelização com Tabuas da Lei que recebeu de D no Monte Sinai. O profeta e lí dá então ao mundo o decálogo q

ainda dimer Matar «Não Entre mesm tudo povo sinan De gem Saul, ta Je estar de anos Salo

Ao alto — Israelitas transportando sacos de víveres para Jerusalém durante o período do armistício que durou pouco. Em baixo — O comércio está funcionando na rua Ben Yeruda, e o povo aproveita os momentos de trégua para suas compras



A esquerda — O correspondente do "Observer" de Londres pede permissão às Irmãd o firma a luta na Palestina é a organização israe a



, é constante

áfego de ambulâncias para atender os feridos após a luta

politeismo
e vida muito
vos que emig

ceu a figura
o seu povo
stica marcha
sca da Terra
noso «Êxodo»
a, num dos liv
urante quare
de almas at
sem fim
galização com
recebeu de D
profeta e lí
o decálogo

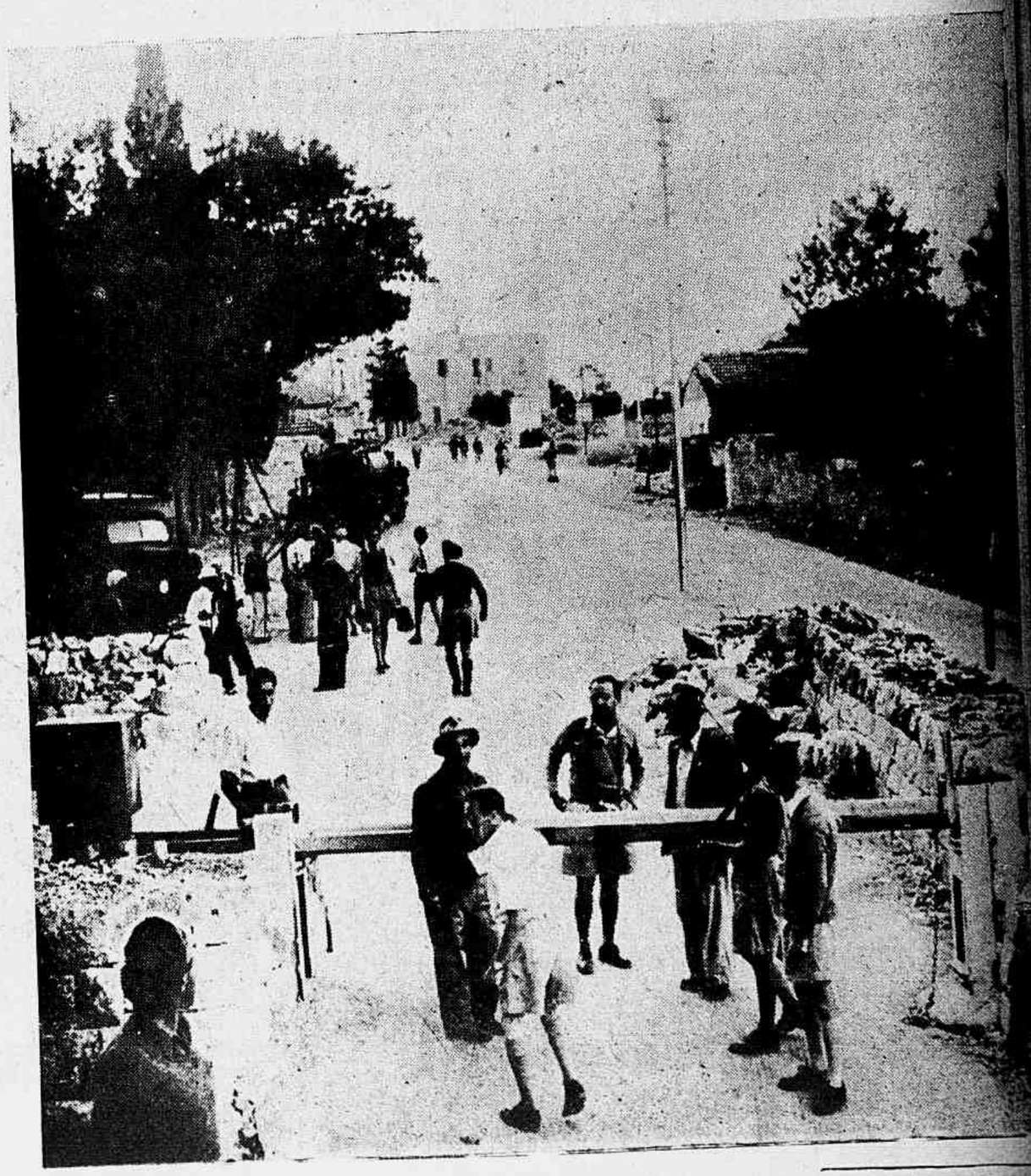
ainda hoje, serve de base ao procedimento humano na sociedade: «Não Matarás», «Honrarás Pai e Mãe», «Não Cobiçarás as Coisas Alheias»... Entretanto a humanidade é sempre a mesma, e quando Moisés julgava que tudo estava normalizado, eis que seu povo o trai e lhe desobedece os ensinamentos, caindo no paganismo.

Depois da morte de Moisés, surgem os Juizes e Profetas. Samuel, Saul, David... E' êste quem conquista Jerusalem. Salomão o sucedeu. Já estamos aí no décimo século antes de Cristo, havendo decorrido mil anos da migração judaica para o sul. Salomão deu grandeza à capital do novo Reino, erguendo edifícios monumentais como o Templo, firmou tratados internacionais, recebeu embaixadas, organiza expedições, abriu estradas por todo o país, elevou a nação ao nível de grande potência. Morre, e tôda a sua obra de estadista e sábio, começa a desmoronar-se. Formam-se dois reinos; o de Israel, ao norte, e o de Judá ao sul. Os assirios atacam Israel e o seu povo é reduzido à escravidão. Dez anos depois, é o povo de Judá arrastado à derrota militar pelo faraó Neco, no ano de 622 antes de Cristo, caindo morto seu rei Josias. Depois vem Nabucodonosor e arrasta o povo de

Ao alto — Quando são colocadas nas paredes de Jerusalém as últimas notícias sôbre a situação, os judeus afluem para elas. Em baixo — Barreira em uma das entradas para a cidade de Jerusalém em poder das fôrças judaicas

e permissão às Irmã
é a organização isra

o Convento Francês para visitar o mosteiro. À direita — Um dos esteios em que se
a de transportes da qual fazem parte estes jovens



Ao alto — Quando se anunciou a trégua na Palestina, as crianças acorreram às escolas fechadas pela guerra. Na página à direita — Com o serviço dágua interrompido, passou a mesma a ser racionada com dez litros diários por pessoa, em postos de emergência

Israel ao exílio na Babilonia, repetindo as façanhas de dez anos antes, quando levar a mocidade israelita para as terras de Babel.

Povo de espírito aventureiro e facilmente adaptavel ao meio, os hebreus se acomodaram sob o jugo de Nabucodonosor e muitos até fizeram fortuna. Apesar disso, há aquêle salmo que diz: «As margens das águas de Babel estavamos sentados, chorando, ao recordarmo-nos de Sion». A voz dos profetas fazia crer que, um dia, os israelitas e hebreus voltariam para a Palestina. E assim aconteceu, pela permissão que Ciro, rei dos persas, concedeu aos sionistas. No ano de 536 antes de nossa era, 40 mil judeus chefiados por Josué, voltaram às terras de sua velha pátria. Alí, porém, foram hostilizados pelos Samaritanos e surgiu então a figura biblica de Nehemias, que reorganizou o novo Estado, formou um exército, reconstruiu as muralhas de Jerusalem, repovoou a capital, promoveu programas de melhoria para os pobres, estimulou a instrução e estabeleceu as bases de um govêrno teocratico, com obediência à leitura da Tora, ou os cinco livros de Moisés.

Pôde o povo de Israel florescer durante algum tempo, especialmente porque Alexandre Magno, apesar de guerreiro e conquistador temido por tôdas as nações do oriente tributario do Mediterraneo, mostrava-se admirador dos judeus e amigo de seu povo. Com sua morte desencadeou-se, mais uma vez a guerra contra os judeus e a Siria incorporou o pequeno reinado ao seu território. Se não fosse dominado pela Siria, cairia sob o jugo do Egito...

Já a êsse tempo, o povo hebreu se espalhara por muitos centros do mundo antigo, especialmente em Alexandria onde havia bairros exclusivamente de judeus. Os sirios sofreram, porém, tremenda derrota dos revoltados israelitas que os bateram em Emaus e Betzur, restaurando-se nova era para o povo perseguido.

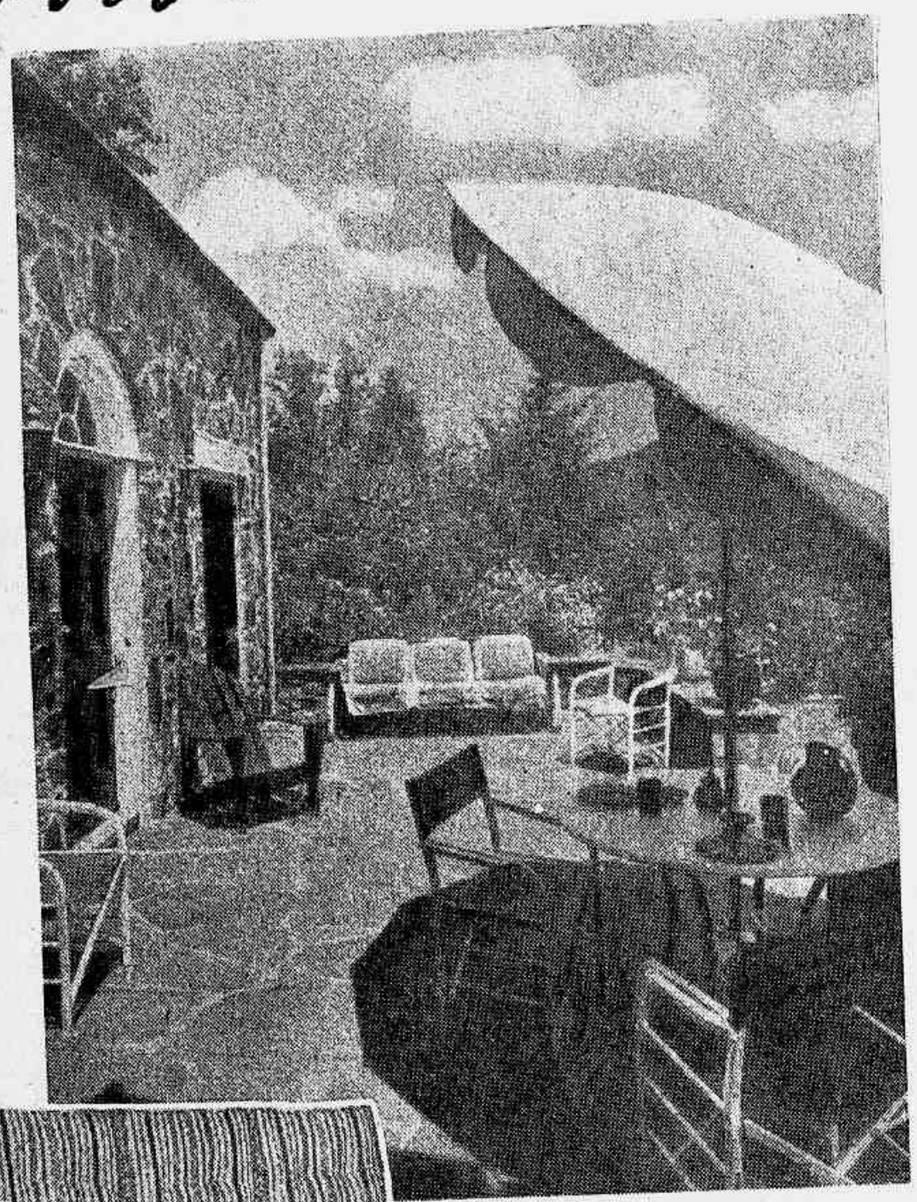
Assim seguiam os sionistas sua trajetória através do tempo e do espaço, atacados e vencidos aqui, respeitados e vitoriosos mais além, sempre nas convulsões de guerras que tinham por motivo questões religiosas ou economicas, pela conquista de suas terras ferteis por parte de povos ambiciosos, até que Roma domina as terras de Israel.

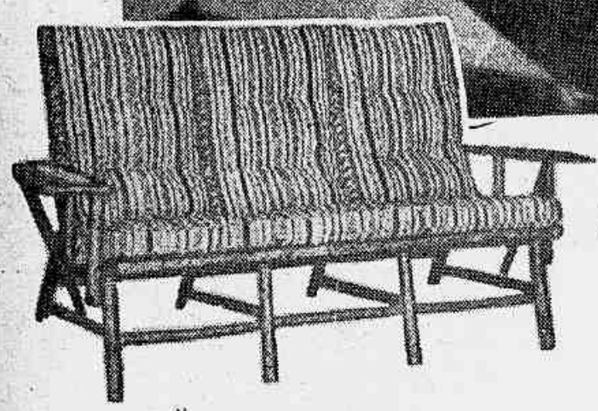
Com a morte de Herodes, vendo a juventude israelita que não se estava seguindo o que aquêle soberano determinara em seu testamento, inicia a revolta no ano de 66 de nossa era. A luta perdura por 4 anos, e Tito, filho de Vespasiano, termina a batalha com a mais completa subjugação da Judeia, vence Israel, ocupa Jerusalem e é incendiado o Templo, pela segunda vez. Daí por diante, o poder de Roma domina o oriente. Milhares de judeus são levados cativos para Roma. Para comemorar o feito militar, ergue-se o Arco de Ti-

(Continua na página 46)

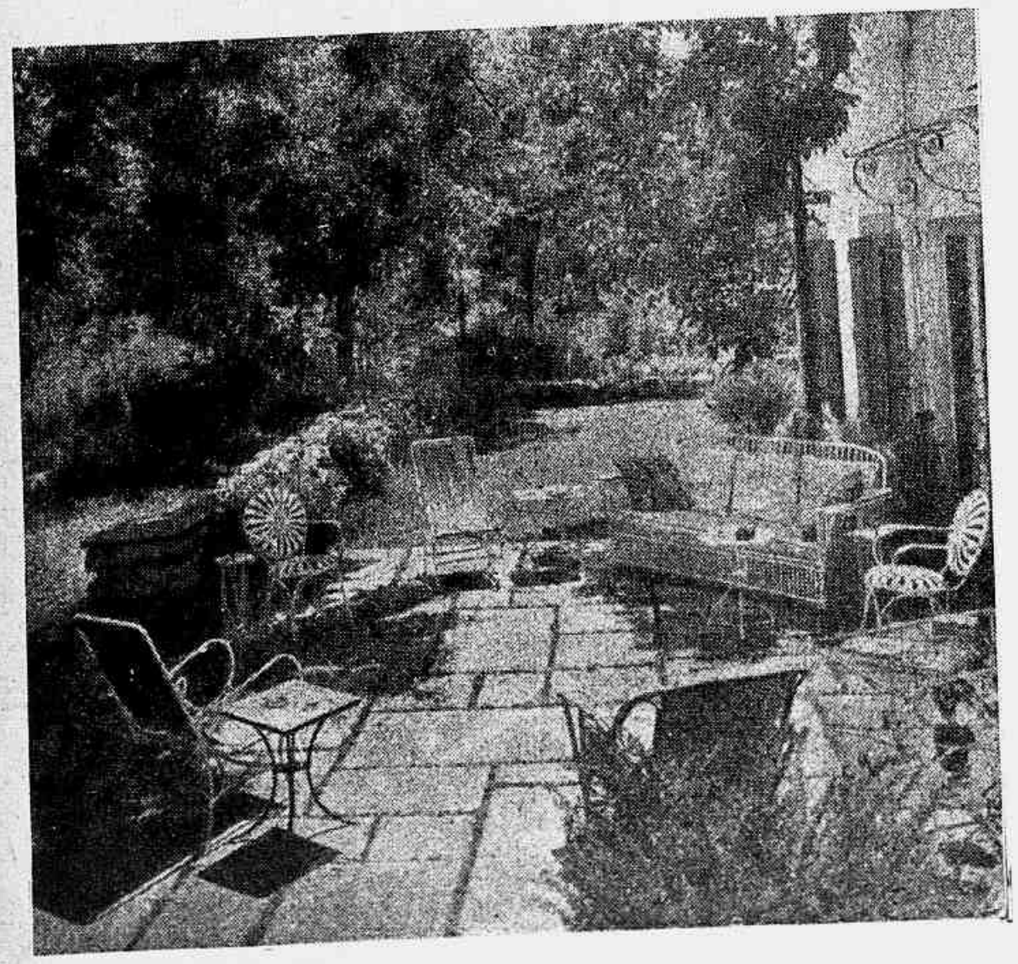
Da esquerda para a direita — Êste motorista israelita também possui o seu "Biriba" e está certo de que "Bobbie" lhe dará sorte na refrega. — Soldados judeus encarregados dos abastecimentos de tropas israelitas não descansam senão poucas horas. — Um oficial da Fôrça das Nações Unidas destacada na Palestina, coloca sua bandeira à frente do seu auto

Interiores

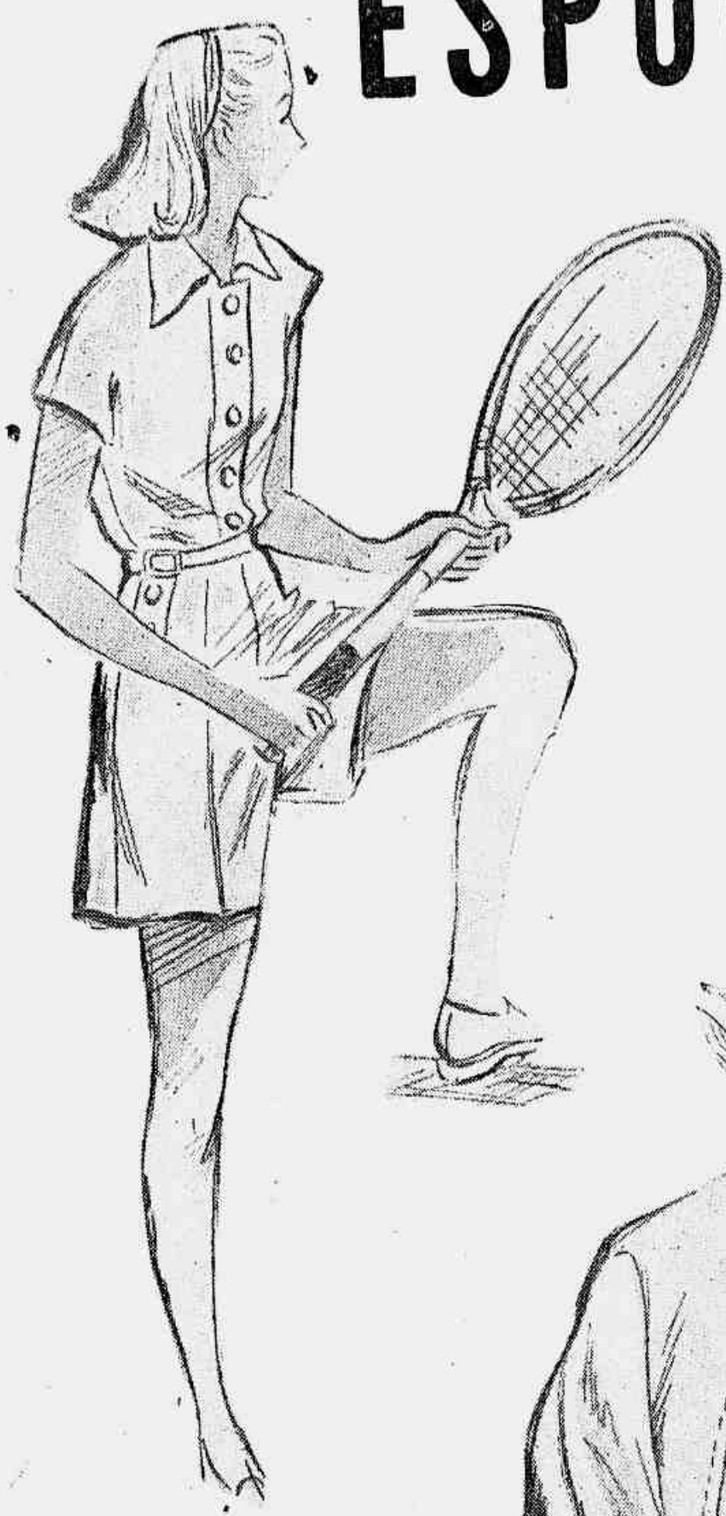




OS terraços e varandas devem preocupar tanto os donos da casa quanto o restante das peças, pois num país tropical como o nosso êles se tornam indispensáveis. Alguns são mobilados de maneira a poderem servir também de sala de almôço, como aqui demonstramos. O junco, o ferro batido, a madeira natural e os tecidos grossos e em côres vivas constituem o material preferido para a decoração dêsses locais.



ESPORTES



PARA o tênis, para um passeio de barco ou para o campo, reunimos aqui algumas sugestões elegantes e graciosas.

A "sweater" ocupa lugar de grande importância nesses trajes esportivos. Algumas são lisas, outras em listras, umas com decotes quadrados, outras com decote em "V" e outras ainda em talhe muito alto. Mesmo para o verão tais peças são necessárias, podendo ser feitas em lã muito fina.

week-end NA COZINHA

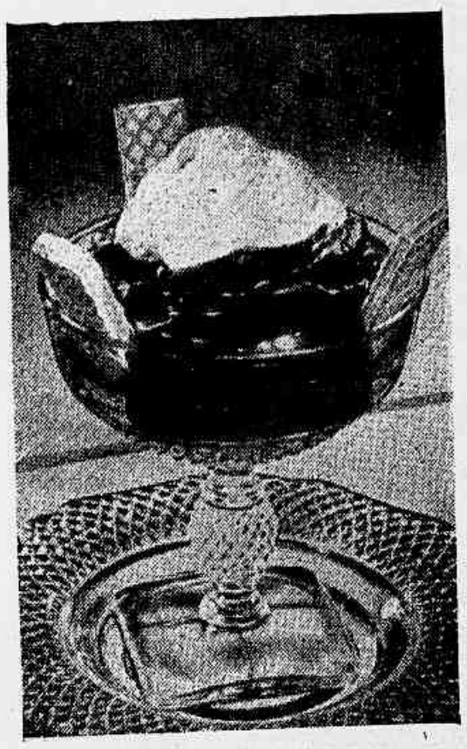
CULINÁRIA

As carnes estufadas ficam muito mais gostosas se logo no início da cocção se juntar um pouco de açúcar.

★ Os ovos quentes devem ser preparados em banho-Maria. A caçarola deverá ser retirada do fogo antes que êles atinjam o seu ponto, deixando, todavia, que permaneçam no mesmo recipiente por mais alguns minutos.

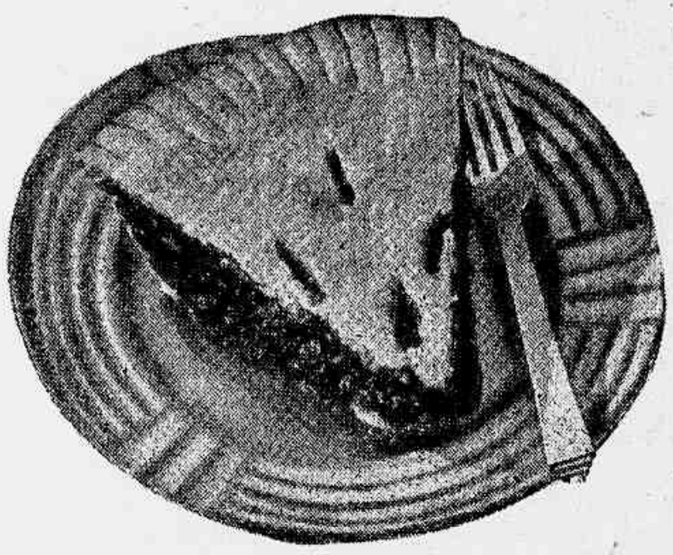
★ Ao bater as claras em neve, convém acrescentar uma pitada de sal. Ficam mais unidas e resistentes.

★ Os alimentos gordurosos, as massas, o arroz, engordam. Se você pretende manter uma linha esguia, deve abolí-los ou pelo menos usá-los em muito pouca quantidade.



SALADA JAPONÊSA DE FRUTAS

Parta em cubos de 2 cms. 1 abacaxi pequeno, 3 laranjas, 2 maçãs, 2 tomates grandes sem caroços e regue com 125 grs. de creme batido com gotas de limão, 1 pitada de sal e 1 de paprika. Guarneça com alface.



SOUFFLE' DE QUEIJO

Desmanche 150 grs. de farinha de trigo em ½ xícara de leite quente; tempere com sal, 1 pitada de pimenta e 1 de noz moscada e deixe cozinhar, mexendo sempre, até ferver um pouco. Retire do fogo e reserve. Pouco antes de servir incorpore 75 gramas de queijo ralado (parmezão), 1 colher de manteiga, 4 gemas e 4 claras em neve. Deite na fôrma, polvilhe com parmezão e leve a assar no fôrno até subir.

OVOS MOLES COM LEITE DE CÔCO

Faça uma calda em ponto de pasta, com 250 gramas de açúcar, depois junte, aos poucos, 8 gemas e leve ao fogo, sempre mexendo, até começar a engrossar. Incorpore o leite de um côco, extraído sem água e torne a levar ao fogo, mexendo até aparecer o fundo da panela.

GELÉIA DE FRUTAS SECAS

Ponha numa vasilha ½ kg. de frutas sêcas, de qualquer qualidade, cubra com água e deixe de môlho durante dois dias. No terceiro dia, junte 1 quilo de açúcar e leve ao fogo sempre mexendo, até engrossar, antes de aparecer o fundo da panela. Deixe esfriar, deite em vidros e guarde.

SORVETE NEVADO

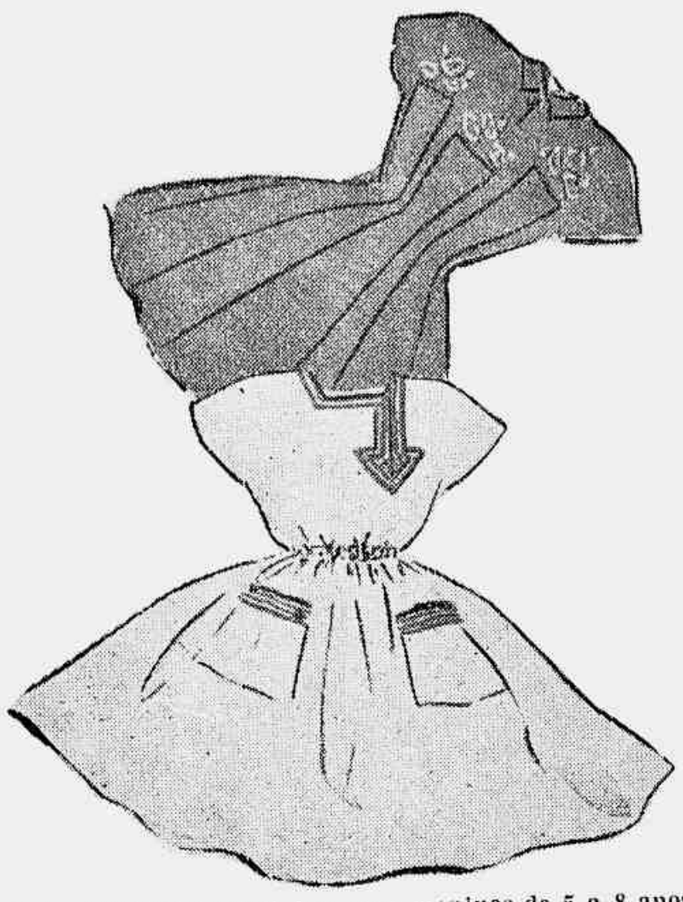
Deite numa vasilha 250 grs. de açúcar e 1 litro de leite quente fervido com 1 pedaço de canela ou de baunilha, e deixe repousar. Quando fôr congelar, bata 3 claras em neve e adicione aos poucos 250 grs. de creme de leite, 1 cálice de licor e incorpore ao leite.

CHAPÉUS MODERNOS

NOVOS e sugestivos são os modelos apresentados nesta página. Lynn Bari, a encantadora "estrêla" da Eagle-Lion, exibe três belíssimas sugestões: ao alto, à esquerda, modêlo em palha preta, aba larga, grande laço de cetim rosa, papoula vermelha; em baixo, à esquerda, um modêlo tipo "turban", em lamé ouro e penas de avestruz; à direita, em feltro preto, grande rosa branca, laço de cetim cereja. Finalmente, na foto menor, uma elegante sugestão de Paris, ornada por duas grandes camélias.

MÃES e FILHOS

Por ANAMARIA CÉLIA



Dois elegantes modelinhos para meninas de 5 a 8 anos. O primeiro em linho verde com bordados brancos, e o segundo, em linho branco com enfeites côr de rosa nos bolsos e na gola

FATOR DE GRANDE IMPORTÂNCIA

UM lar onde não existe o amor, não é um lar. Pode existir nêle todo o confôrto e todo o luxo que o dinheiro possa proporcionar, mas sem amor êle será apenas um campo onde frutificará o ódio, a inveja, o medo, o ciúme, o egoísmo e a inaptidão moral. E um lar dessa espécie, é a pior coisa que pode uma criança encontrar. Ela que tudo vê, observa e sente, perceberá, desde cedo, a ausência do amor. Talvez, nos primeiros anos de vida, não conseguindo ainda discernir as coisas, não tendo outra convivência senão a dos seus pais, ela julgará tudo aquilo natural, como se de fato tivesse que ser assim. Mas, depois dos sete anos de idade, quando passar a frequentar um mundo novo — o colégio, a casa dos seus colegas, notará então a diferença de tratatamente que existe entre os pais das outras crianças. Dificilmente compreenderá e se conformará com essa diferença; ficará triste e desiludida porque não encontra entre os seus pais o mesmo carinho, a mesma delicadeza que notou na casa dos amigos; as discussões a que se havia habituado, ela não vê e não ouve noutra parte, e, então a criança "descobre" que seus pais são infelizes, que não existe amor entre êles, que não são iguais aos pais dos seus amigos... Passa então a criança a se retrair... Evita os pais com receio de presenciar cenas desagradáveis ou com receio de se ver forçada a tomar partido; evita a visita dos amigos porque não quer que êles testemunhem a infelicidade do seu lar e, não raro, vão buscar refúgio na casa de um amigo mais íntimo, cujos pais vivam como quereria que os seus vivessem.

O resultado de tudo isso é nefasto. Pode também acontecer que a criança, habituada a ouvir ofensas entre os pais, perca o respeito não só aos mesmos como também a todos os homens e mulheres com que tenham que lidar futuramente.

Será uma criatura descrente e medrosa. Ao crescer, fugirá do sexo oposto e, consequentemente, do casamento, com receio de vir a ter a mesma vida que os seus pais tiveram; não acreditará em ninguém e não acreditará em si mesmo e na sua possibilidade de poder ser feliz.

São coisas assim, a que muitos não dão a devida importância, que contribuem para a formação de um indivíduo fraco e infeliz.

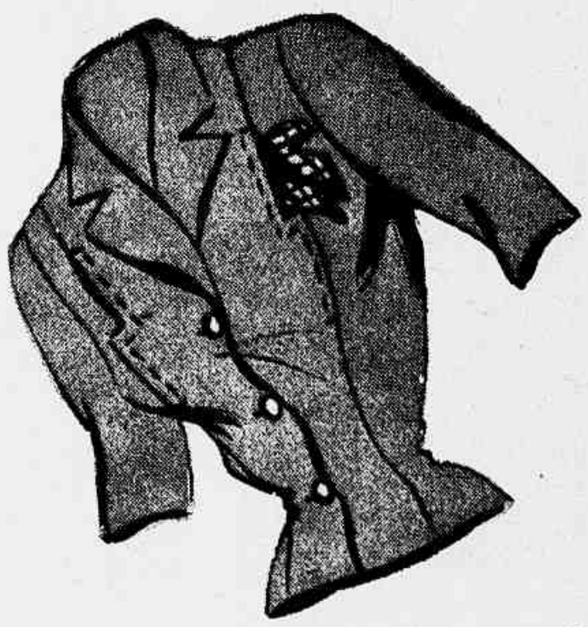
Allida Valli, "estrêla" do cinema italiano, ora em Hollywood, toca para o seu filhinho, de cinco anos

BLUSAS MODERNAS

Mais alguns novos e interessantes modelos de blusas, apresentamos às nossas leitoras, são modelos práticos e sugestivos.

Em sêda rosa com nervuras de espaço a espaço, formando drapeados, para ser usada com uma saia preta

Original e de grande efeito, é o feitio desta blusa, em cambraia de linho, transpasse e pregas horizontais, duas carreiras de botões de cristal



Sugestivo êste modelinho em linho amarelo, bolsos embutidos em sentido vertical, pespontо acompanhando os bolsos

NESTAS páginas, selecionamos um grupo de modelinhos simples e graciosos, próprios para os dias de verão que ora atravessamos. Os tecidos usados de preferência são: o linho, o "shantung", a cambraia e o algodão em listras ou estampados. São modelos leves e graciosos, que muito enfeitarão o seu guarda-roupa de verão.

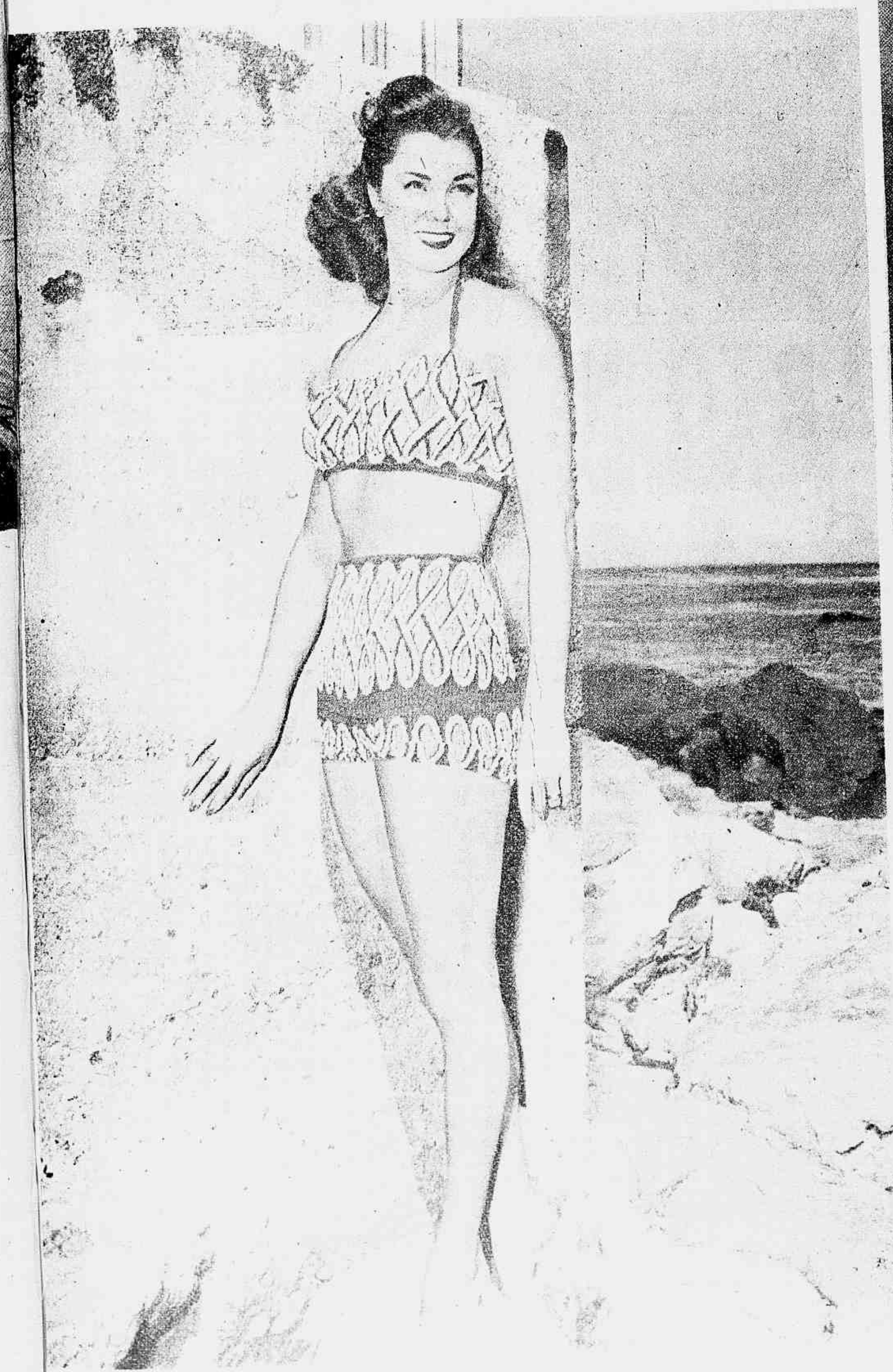
PARA OS DIAS DE *Calôr*

TRÊS MODELOS

DE Virginia Mayo, a bonita lourinha ora com a Warner Bros., têm vocês duas encantadoras sugestões. Um vestido para passeio, em linho rosa, usado com uma capeline de rêde preta. Drapeado na saia com "movimento" para trás. O outro modêlo é em algodão cinza com listras brancas, composto de três peças: um "soutien", uma saia e um bolero. O "soutien" pode também ser aproveitado para a praia, usado com um "short" do mesmo tecido. De Jacqueline White, também uma sugestão interessante. Uma saia estampada e colete do mesmo tecido, deixando entrever um "soutien" branco, usado com o vestido.

Sol E MAR

COM a chegada do verão as atenções das mulheres elegantes voltam-se para os trajes esportivos. Não só os "maillots", mas também os "shorts" e "slaks" são incluídos nos guarda-roupas da mulher moderna e esportiva. Nestas páginas, as nossas leitoras encontrarão as mais encantadoras e variadas sugestões em trajes para a praia, passeio ou esporte. Na página ao lado temos um elegante "duas-peças" em cetim lastex branco, e dois lindos modelos para passeio. Nesta página, um audacioso e moderníssimo "maillot" e quatro sugestões que você poderá aproveitar para o seu guarda-roupa de férias.



O QUARTO Nº. 25

Conto de **ANDRÉ G. CARNEIRO**

EU conheci D. Melita pela manhã, quando trouxe minha bagagem para a pensão. Sua casa tinha boa fama e eu só arranjara um quarto cedido por um amigo, que ia para o interior. D. Melita recebeu-me amàvelmente. Seu tipo fugia completamente do convencional. O olhar tinha um brilho que não saberia classificar senão de estranho. Os gestos lentos revelavam uma displicência, um modo ausente, como se sua posição na casa revelasse, não um estado definido e definitivo, mas expremisse apenas um estágio, uma tarefa passageira que logo termina.

Sua pensão era constituída, como tôdas as outras, pelo mesmo tipo padrão de hóspedes: havia o oficial reformado, preocupado com a hierarquia e sua autoridade já morta; um advogado funcionário público com seu anel carteira de identidade; um velho tabelião, cujo cartório, numa cidade do interior, estava a cargo do oficial maior e uma senhora obesa e sua filha, de idade e moral indefiníveis, mais a infalível datilógrafa, dois estudantes e uns poucos empregados no comércio, completavam a estandardizada fauna.

Porém, se todos eram banais, D. Melita não. Sua chegada produzia um efeito raro entre aquelas conversas rotineiras depois do jantar, quando se cruzavam as reminiscências militarescas do oficial com as complicações juristas do tabelião. Não que D. Melita falasse ou agisse de maneira excepcional, mas sua presença catalítica punha uma tensão, uma vibração nova naquela morna troca de idéias sem consequência. Ela andava com certa elegância para a idade. Tinha um jeito peculiar de manter o corpo ereto e virar a cabeça para o lado, como uma flôr quebrada, se é que posso chamar de flôr aqueles ângulos quase severos de seu rosto em decadência. Tudo nela parecia desgastado, uma impressão de existência vivida. Menos os olhos. Não eram pròpriamente bonitos e seria exagêro chamá-los de impressionantes. Mas compunham a nota final num conjunto fora do comum.

Como novo pensionista, afora minha timidez, passei discretamente meus primeiros dias. O oficial contou-me seus casos inéditos para os outros, na vigésima edição. A datilógrafa brindou-me com olhares ambíguos, e eu já começara a entrosar-me na inevitável engrenagem rotineira de tôdas as horas, quando ouvi pela primeira vez uma referência ao "quarto". Era domingo pela tarde e conversávamos. Alguém bateu à porta, pedindo emprêgo ou oferecendo algo, que não me recordo. Um dos estudantes o despachou sumàriamente. Eu protestei, alegando que D. Melita deveria ser chamada. Mas o estudante respondeu com um sorriso: "Seria inútil, eu a vi entrar no "quarto", há pouco". Aquela palavra "quarto" soara de maneira diferente, como se já tivesse, entre êles, adquirido um outro sentido. O tabelião, décano dos hóspedes, explicou-me a história do "quarto 25". Aliás, não havia história nenhuma, pois era simplesmente um quarto mantido sempre fechado, onde por vêzes D. Melita costumava se refugiar por horas, não atendendo ninguém. O fato, em si curto, comportava as mais descabidas suposições. E foi naquele momento que percebi o porquê da impressão mórbida causada por Dona Melita. O quarto fechado exercia um sortilégio, que também me empolgou. Pedi detalhes, indaguei de minúcias como qualquer comadre vulgar. Algumas vêzes na semana, em horas diferentes, D. Melita entrava no "quarto 25". Êste era o último do corredor e possuía uma fechadura Yale, que nunca permaneceu aberta senão o suficiente para que ela lá entrasse. O que havia dentro? Nunca ninguém soube e os poucos que ousaram perguntar a D. Melita não receberam resposta alguma.

Nas dias que se seguiram, ela tornou-se uma obsessão para mim. Sua maneira esquiva, sua deliberada displicência no trato com os hóspedes e no arranjo da casa, denotavam que aquêle não era seu ambiente .nem se sentia bem ali. Que fascinante imaginar um caso de dupla personalidade. Quem era, na verdade, D. Melita? Nem os hóspedes mais antigos me souberam responder. Nenhum parente a visitava, sua correspondência limitava-se a uma ou duas cartas mensais. Há oito anos o tabelião morava com D. Melita. Há oito anos o quarto permanecia fechado. Alguém teria nêle residido, algum dia. Divertia-me a imaginar o seu interior, com velhos móveis coloniais cheios de gavetas perfumadas a sândalo. Maços de cartas antigas e, quem sabe, talvez as cartas mensais de D. Melita, amarradas com cordões azuis. Numa cômoda, um retrato. Êste teria uma história, uma história feita de sombra e tragédia.

Logo verifiquei ser eu o único a quem o mistério do quarto parecia trazer em permanente interêsse. Que importaria ao tabelião D. Melita encerrada naquele quarto, se durante oito anos nada acontecera de mais? Essa calmaria, êsse desenrolar monótono de oito anos dentro de tão inusitado hábito, fazia que minha imaginação se aventurasse nos rumos mais novelescos. Em minha mocidade fôra um devorador de livros policiais. Nada me custava colocar no "quarto 25" algo roubado, um fúnebre caixão com ossos humanos, ou fazer daquele quadrilátero banal a cena de um assassinato terrível. E' claro que eu próprio não acreditava nessas romanescas suposições. E, numa hora propícia, depois do jantar, lancei-as para os outros, como se fossem a última piada. Todos riram. D. Melita, com seu nome ridículo, metida em complicações sherlockianas, era inverossímel. Por uma desastrada coincidência, quando um dos rapazes acrescentava algo ao que eu dissera, "ela" entrou. Com a mesma roupa caseira, o mesmo ar indecifrável. Um silêncio geral a acolheu. As gargantas, travadas de repente, não souberam sequer disfarçar a situação. Ela passou sem uma palavra, sem um comentário. Teria ouvido alguma coisa? Nunca pudemos saber. Mas sua chegada repentina liquidara nosso sarcástico humorismo. Tôdas as ridículas suposições anteriores, tomaram um caráter de pressagio, e as fisionomias concentradas de alguns, poderiam fazer supôr que acreditavam de fato em algum mistério oculto no quarto 25.

Naquele dia nunca poderíamos imaginar que estivesse tão próxima a solução do enigma. Todo o fim do mês transcorreu calmo, se excetuarmos as aventuras amorosas da datilógrafa e os correspondentes comentários. Pairando acima das questiúnculas, com sua permanente atitude de êxtase, D. Melita. D. Melita a atravessar o longo corredor, na sua visita ao "quarto 25". Não fôsse a fechadura de qualidade, posso afirmar que tentaria, como um ladrão desclassificado, arrombar aquela porta para vislumbrar, um instante que fôsse, seu conteúdo extraordinário. Alguém morara ali, e por certo deixara vestígios. Um simples retrato, uma dedicatória, contariam a história de D. Melita. Ao tabelião, cheguei a fazer essa confidência. Tinha como certo que êle a repudiaria. Mas, com surpresa, numa voz que traía oito anos de expectativa, êle respondeu: "Por vêzes até eu tenho vontade de fazer o mesmo". Mas, não ousei levar adiante meu plano. A vida particular de D. Melita não me atingia e a hipótese de chegar a feri-la nos seus sentimentos, me repugnava. Curioso, acabei descobrindo que ela irradiava uma simpatia que eu chamarei de dolorosa. Sua secura e seu laconismo provinham de amarguradas raízes, seu silêncio não nos ofendia. Imaginei até que seus recalques talvez se curassem num desabafo. Excetuando as cartas mensais e o quarto 25, ela tinha uma vida transparente, sem amigos nem confidentes. Porém, minhas tentativas de aproximação fracassaram e tornaram-se mesmo inoportunas devido ao desenrolar dos fatos. Num dia encoberto e úmido, quase um prenúncio de lágrimas, D. Melita recebeu sua carta. Nunca esta era lida em nossa frente, mas, à tarde, quando ela apareceu, sentimos por sua fisionomia transtornada, que algo acontecera. Embora eu tenha falado em "fisionomia transtornada", essa impressão

(Continua na página 52)

Selecionado pela "REVISTA DA SEMANA" ★ Ilustração de **OSWALDO DA CUNHA**

UM SÍMBOLO
SIGNIFICATIVO!
WAYS
PAA
A Aza representa os píncaros de perfeição a que a PAA tem levado o Transporte Aéreo para servir a humanidade.
O Globo simboliza o fato de que, hoje em dia, V. S. pode viajar pela PAA para 68 países, nos quatro cantos do mundo.
Juntos, a aza e o globo da PAA formam um símbolo que é reconhecido pelos viajantes em toda parte como o mais alto padrão de assistência ao passageiro e regularidade de vôos... outra razão por que, todos os dias, cada vez mais ouve-se dizer...
Viaje pela PAA
— Melhor maneira não há!
BP-218-10.118
★ PASSAGEIROS
★ CLIPPER CARGO
★ CORRESPONDÊNCIA
PAA
PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Rede dos Clippers Voadores

A Justiça do Artico

NOVELA DE **ROBERT ORMOND CASE**

ROMPERA a manhã muito clara e fria através da zona de Bering, e o vento da noite acumulara monticulos de gêlo fino e aspero como areia, em tôrno do estabelecimento comercial de John Nilima, duzentas milhas a nordeste de Nome, no Alaskka.

O vento continuo da noite anterior soprando em correntes fortes vindas dos rochedos distantes, fizera pelos arredores e à beira da casa de Nilima, fossos de gêlo em sulcos profundos.

Cortando a neve em penosa descida, um velho nativo do Círculo Artico, metido em sua pele de urso e calçado com suas botas à prova de gêlo, dirigia-se para a casa de Nilima, em busca de mantimentos, sal e outras coisas.

Sua tribo estava situada mais alem, depois de várias elevações de neves eternas, e, no momento aproveitava a estação para as boas e rendosas caçadas de rena.

Logo que avistou a residência de Nilima, animou-se mais, e em seus olhos brilhou a esperança de que já estava no fim a primeira etapa da estafante jornada.

Mas, ao acercar-se da casa, notou com surprêsa um fato estranho. Não havia sinal de fumaça na chaminé de Nilima. Meio desconfiado, o nativo rodeou tôda a casa e chegou a uma janela de onde poderia ver o interior.

Reparou, inquieto, que na mesma havia uns vidros partidos, e os fragmentos, espalhados em redor. Chegou-se mais um pouco e olhou para dentro. Forte sinal de horror se estampou em seu rosto. Afastou-se da casa com ar espantado, correu para o seu acampamento, assombrado, tremendo de mêdo.

Então relatou o que havia visto. Nilima estava morto. Vira seu corpo encostado à parede em frente à janela. Sua testa mostrava os estragos de potente arma de fogo, cuja bala o atingira na cabeça. Um rifle estava encostado à parede, ao seu lado. Seria suicidio?

O chefe da tribo convocou os maiores da vila para confabular. A morte — possivelmente se tratava de um homicidio — a morte de um homem branco largamente conhecido como era John Nilima, significava temivel calamidade pública:

Com certeza tôdas as suspeitas cairam sôbre aquela vila. A lei dos homens brancos seria invocada para punir os culpados.

Depois dessas confabulações, imediatamente mandaram um portador especial a Candle, um acampamento de norte-americanos situado a trinta milhas a oeste.

Dali foi a noticia irradiada para a cidade de Nome, séde do govêrno para tôda aquela região de 130 mil milhas quadradas, de "tundrs" montanhas e litoral, compreendendo o segundo distrito judicial do Alaska.

Duas horas depois de a noticia ter sido recebida em Nome, o velho Tom Gaffney, de olhos glaciais, toma um avião e vôa com um auxiliar, para o local do possivel crime.

Um pequeno grupo de curiosos nativos foi notado em volta da casa sinistrada; mas, felizmente, ninguém ousara penetrar no interior, o qual se mantinha intacto.

Um rápido exame do local proporcionou meios de Gaffney poder reconstituir todo o crime, mas sem qualquer possibilidade para descobrir uma pista quanto ao criminoso. Nada adiantara também sôbre sua identificação. Nilima estava morto, já ha via muitas horas. Seu sorpo estava rigido como ferro e branco como a geada. Pelo que o técnico apurara, êle não fôra alvejado na posição em que estava seu corpo quando foi descoberto. A bala atravessou-lhe a testa e penetrou na parede, indicando que êle tinha estado próximo ao centro da sala, certamente ao se preparar para sair durante a noite.

O assassino entrou no estabelecimento depois de o ter abatido, com certeiro tiro do lado de fora, e colocou o corpo contra a parede, como se Nilima estivesse sentado. A seu lado coloçou então o rifle como se quisesse fazer supor que se tratava de um suicidio.

Depois disso foi à loja e se apoderou da caixa com dinheiro contendo certa importancia ainda desconhecida, talvez uns duzentos dólares. Não furtou nem inutilizou mais nada, nem tão pouco deixou qualquer impressão digital.

Dando busca pelos arredores, Gaffney achou um indicio num recanto de neve, onde, segundo parecia, um trenó puxado a cães permanecera durante muitas horas durante a noite anterior. Isso provava que o criminoso se deixara ficar ali por muito tempo, aguardando uma ocasião oportuna para preparar o crime.

Não foi possivel colher outros indicios porque a superficie da neve havia sido alterada pelos ventos e quedas de gêlo durante a noite.

Seria um branco, ou um nativo, êsse delinquente? Que direção tomara êle após a prática do crime?

Geffney conhecia bastante os habitos e processos dos nativos da região. Que um deles fosse capaz de cometer êsse premeditado delito, parecia-lhe inconcebivel, à primeira vista. O nativo poderia cometer um assassinio dêsses no auge da raiva ou estimulado por bebidas alcoolicas. Só assim, talvez, matasse um homem. Mas êsse criminoso premeditara o crime, passando horas e horas escondido em local propicio até chegar o momento de agir.

O primeiro cuidado de Gaffney foi, com habilidade verificar se alguma pessoa, branca ou nativa, iria gastar certa importancia em lojas de sua jurisdição. Não dando resultado, êle abriu oficialmente o inquérito.

Mandou buscar de avião um médico legista e o corpo de jurados da cidade de Candle, e um promotor de justiça de Nome. Em seguida procurou investigar puais as pessoas que haviam visto John Nilima pela última vez.

Nesse particular não foi mais feliz. Ninguém vira o assassinado senão ha uma semana, no mínimo, antes da noite fatal. Brancos e nativos interrogados, nada puderam adiantar que désse uma pista.

O único homem que vira, talvez, ainda com vida John Nilima nas vesperas do crime, fôra Jimmy Richards, jovem e bem apessoado nativo com sangue de origem branca.

Mandaram chamá-lo, e êle, em ótimo inglês explicara que, com efeito, estivera no dia anterior no estabelecimento do morto, a negócio. Fôra comprar fumo, e, como o dinheiro não dera, John Nilima propôs-lhe que êle tirasse certa porção de madeira em troca do fumo pretendido. Êle aceitara e voltara à sua vila. Não viu no trajeto nenhum trenó puxado por parelhas de cães, ou qualquer pessoa isolada.

Durante a narração de Jimmy, foi-se formando no espírito de Gaffney uma longinqua recordação de certo episódio passado no Norte. Gaffney prestou atenção a Jimmy, aos seus gestos, seu modo de falar, estudou-lhe a fisionomia. E ficou certo de que êsse esbelto cidadão não era totalmente de sangue nativo, mas com grande percentagem de hereditariedade branca. Sua antecedência americana não era revelada pela epiderme ou modo de falar, mas nas linhas alongadas de seu queixo, em certos traços do ângulo facial.

Jimmy não precisara de recorrer a subterfugios no seu depoimento. Estava como que à vontade. Mas Gaffney chegou à conclusão de que êle tinha algo que ver com certos atributos pessoais, uns bons, outros maus.

Dentre essas qualidades, uma se sobressaia muito. Era quanto à sua habilidade de usar de "bluffs" com cartas de baralho, conforme se dizia em todo aquêle norte.

Nada revelando a ninguém, Gaffney iniciou a mais apurada investigação acêrca da vida privada de Jimmy. Descobriu que êle estava casado recentemente, e que sua mulher era uma jovem nativa de rara beleza, mesmo em confronto com a raça branca. Tinha ela assinalada fraqueza pelas fazendas bonitas. Descobriu mais que, por muitas vêzes, a mulher do Jimmy descia até à loja de Nilima, dali regressando ao lar com excelentes cortes de fazendas e belos vestidos, talvez, muito acima das possibilidades financeiras do marido.

Esta última particularidade robusteceu certas suspeitas teoricas de Gaffney. E' verdade que as relações ou negócios entre uma nativa e um negociante branco, nenhum disturbio poderia causar em sua tribo. Por sua vez o marido poderia ser condescendente ou complacente e não se sentisse tomado de vãs suspeitas pelo fato de sua mulher estar usando roupas acima de suas posses em dinheiro, mais do que as suas irmãs.

Mas, na verdade, Jimmy Richards não era totalmente nativo. Tinha sangue branco em suas veias, era graduado por uma escola de Missões religiosas, e o homem branco tem idéias diferentes das que imperam entre os povos mais primitivos.

Gaffney ordenou que vigiassem Jimmy, cuidadosamente, seguindo-lhe os passos e de tudo lhe dessem relatório, especialmente no que dizia respeito a seus gastos. Não procurou investigar em tôrno de outro qualquer homem branco, tão certo estava de que aquela pista era a mais forte.

Terminado o inquérito, Gaffney declarou que ia proceder a investigações em outros lugares e tomou novamente o seu avião para Nome.

Desencadeou-se contra Gaffney, severa crítica pública, apontando-o como negligente, cuja inatividade em tôrno do crime era clamorosa. Em tôda aquela vasta região do Alaska, foi intenso o interesse pelo crime. A suspeição de que o criminoso fosse um nativo, era geral e enchia de apreensões o espírito público.

Por vários pontos daquela região, havia exploradores e trabalhadores vivendo isolados, sozinhos em suas cabanas, cuja proteção única era o prestigio pessoal ou a tradição da invencibilidade do homem branco. Se o crime de que foi vítima Nilima não fosse definitivamente esclarecido e punido os seus autores, que se poderia esperar dai por diante quanto a futuras atitudes dos nativos?

Gaffney se limitou, porém, a aguardar os acontecimentos. Ninguém podia deixar o Alaskka naquela estação, exceto por via aérea, e a frota de aviões para todo o inverno estava em Nome. Desta forma, era indubitavel que o assassino continuasse na peninsula.

Os primeiros resultados das investigações começaram a chegar ao conhecimento de Gaffney, uma semana depois. Um dos investigadores em Dime Creek, não muito distante de Candle informou que

Jimmy Richards, dois dias antes, gastara em compras para si e a espôsa, mais de oitenta dólares; mas êle explicou que podia gastar porque ganhara dinheiro trabalhando em Candle.

Gaffney não se deu ao trabalho de investigar a verdade sôbre o trabalho de Jimmy naquela localidade. Convencido de que estava na pista segura, tomou o avião e partiu diretamente para a povoação nativa que ficava próxima do estabelecimento de Nilima. Alí soube que Jimmy se havia mudado, já havia dois dias. Ninguém soube informar para que lados êle se fôra: se para o nordeste, se para oeste ou suleste. Nada. Com êle também foram, a espôsa, sua mãe e dois primos já adultos. Mudaram-se em dois trenós puxados por dois grupos de cães. Segundo constava, êles não voltariam até ao próximo inverno.

Gaffney e seu assistente combinaram então dar uma busca pelos arredores, num vôo pelas montanhas de neve. O dia estava muito claro e o tempo favorável, embora muito frio.

Subiram ao aparêlho e alçaram vôo, fazendo círculos aqui e ali, na esperança de que isso dêsse resultado. Jimmy não poderia ir muito longe, e o avião recuperaria facilmente a distância que o tempo os separava. De cima iam olhando com atenção o que se passava lá em baixo. Era a primeira vez que o Alaska via uma "caçada" com avião. Não havia dúvida de que aquela experiência era emocionante. Já os trenós estavam à frente do avião havia dois dias. Se Gaffney conseguisse descobrir os retirantes, constituiria o episódio um fato notável nos anais da polícia do Alaska.

Não passara ainda uma hora de vôo em várias direções, olhando atentamente para a imensa paisagem de neve lá em baixo, quando Gaffney descobre uma pista marcada pelo trenó a cortar a neve. Seguiram a frágil linha que mais parecia uma fita branca estendida naquele imenso oceano de gêlo. Não tardou muito que, do avião, fôsse avistado um trenó puxado por várias parelhas de cães, seguindo a pista de outro que já ia adiante. Era a mudança de Jimmy. Êste, notando a aproximação do avião, não fez sequer tentativa para fugir. Percebendo que o estavam procurando, deteve os cães, fez alto na marcha e esperou pela visita inesperada. Eram os homens da Lei e não era possível escapar.

Jimmy Richards não manifestou nenhuma surprêsa quando o aparêlho desceu e pousou perto dele, e saltaram do mesmo três homens: Gaffney, que já lhe era conhecido, o ajudante e o piloto.

Sua impassibilidade, sua grande serenidade, pareciam próprias de um homem que tem a consciência tranquila; mas também podiam ser a mascara de um culpado, já que êle era hábil em "bluffs" e escamoteações com as cartas de baralho. Deixou se interrogar sem a menor resistência, nada dizendo que o comprometesse, enquanto o assistente dava busca na bagagem do trenó. Nada de suspeito foi também encontrado ali.

Insucesso sôbre insucesso contra Gaffney. Então êste resolveu usar também de "bluff" e disse a queima-roupa:

— Jimmy, você matou John Nilima. Conte-me tudo agora.

— Não. Eu não matei Nilima, respondeu com voz segura.

— Nós sabemos que foi você quem o matou. Para que mente? Podemos provar.

— Então, provem, respondeu o acusado com muita tranquilidade.

Minutos depois o avião levantava vôo para Nome, levando mais um passageiro: Jimmy Richards.

Alí foi êle metido na cadeia numa cela individual, pequena e escura, mas quente.

— Dêem-me algumas revistas para ler, pediu o preso.

— Se lhe dermos revistas para ler, você não terá tempo para pensar no seu crime, respondeu Gaffney. Não, Jimmy. Precisamos que você pense bem no que fez, e que confesse o crime. Enquanto você está aqui detido, meditando, estamos remetendo para Seattle a bala que matou Nilima, bem como o seu rifle, Jimmy. Quando os técnicos de investigação nos comunicarem que aquela bala saiu do seu rifle, o juiz então nos dirá que você é o homem que procuramos, o que nos esteve a mentir para escapar da punição.

O acusado olhava para o rosto do seu acusador com a mais indiferença. Ele nunca ouvira falar em técnicos de balas

que matavam gente. Poderia uma bala falar? E fez estas ingenuas perguntas a Gaffney, e Gaffney lhe explicou como isso era possivel. Jimmy se conservou absolutamente descrente do êxito de tal exame e foi deixado em paz na sua cela.

Uma semana depois o carcereiro envia um recado a Gaffney pedindo-lhe que corresse à detenção, pois Jimmy desejava falar.

Gaffney saiu aos pulos em direção à cela, satisfeitissimo pelo resultado de seu artifício. A solidão naquela jaula mexera com o instinto tribal de Jimmy e êle não suportara o encarceramento. Ia falar. Confessar tudo. Gaffney não cabia em si de contentamento.

Logo que chegou ao pé do detento, ouviu dele, sem dizer uma palavra a seguinte narração:

— Morava na mesma vila nativa em que eu residia com minha mulher, um outro nativo de nome Dick Foster, muito conhecido de todos de lá. Naquela noite da morte de Nilima, Dick se encontrara comigo quando eu voltava da loja do assassinado e me disse que ia tomar satisfações com êle, pois Nilima lhe devia certa importância em dinheiro e não queria pagar-lhe. Nesse caso, Dick ia cobrar mesmo a fôrça, se preciso fosse. Êsse debito era proveniente de um serviço que fizera para Nilima e que êle ainda não quisera pagar. Aí foi que Dick insistiu comigo para acompanhá-lo até ao estabelecimento da vitima. Eu recusei: mas Dick, como todos sabem, é um homem robusto e agressivo, mesmo truculento; tomou do meu rifle e me obrigou a segui-lo. Chegados ao estabelecimento de Nilima, Dick atirou nele através da janela, usando o meu rifle, e me forçou a colocar o corpo do assassinado de encontro à parede, com o rifle dele ao lado. Então foi Dick até à caixa onde Nilima guardava o dinheiro, apoderou-se da mesma e voltamos para a aldeia. Alí, com persistentes ameaças de matar-me se eu revelasse o seu crime, Dick me deu cem dólares do total retirado e, depois, cada um de nós tomou seu rumo.

Logo que Jimmy terminou, Gaffney lhe perguntou:

— Escuta, Jimmy: porque você continua a mentir?

— Não estou mentindo. Já passei uma semana nesta cela escura e não tenho mais medo de Dick Foster.

— Você ficará na cela escura, na qual passará mais umas longas semanas detido. Mas, agora vamos trazer até aqui o seu amigo Dick Foster. Não usamos aceitar uma acusação dessas de modo unilateral. E' preciso que haja uma acareação entre ambos, em nossa presença. Se ficar provado que você está falando verdade, está salvo; mas, se ficar provado que é esta sua confissão mais um produto de sua astucia e ficção intelectual, o seu fim será outro.

Não foi difícil descobrir Dick Foster e trazê-lo à prisão onde estava encerrado Jimmy.

Os dois nativos, membros de uma mesma tribo, foram colocados face a face um do outro. Jimmy reproduziu a história. Dick negou tudo. Era como um jôgo de xadrez, cada um deles procurando vencer o adversário por xeque-mate. Ambos se esforçavam para sair da armadilha. Dick se mantinha irredutivel em sua firmeza negativa. Sustentava que, na noite do crime estava êle caçando renas, sozinho, não

(Cont. na pág. seguinte)

Bilhetes DO MEIO DO MUNDO

D. G. COIMBRA

NANTWICH (Inglaterra), novembro de 1948 — Estamos no Hotel da Corôa, uma famosa estalagem com perto de 500 anos nos largos umbrais de suas portas. Aqui dormiu Cromwell, célebre pelas suas façanhas na Inglaterra e Irlanda, onde ainda hoje continua "personna non grata"...

E' muito possível que tenha pernoitado nêste mesmo quarto, grande, meio torto, meio cambaleante, com grossas vigas de madeira escura expostas. Quase demos um escorregão ao entrar aqui, ontem à tarde: o assoalho é feito de táboas lavradas, de meio a um palmo de largura, já polidas pelos sapatões antigos e Luiz XV modernos. O edifício todo deve ter uma dúzia de aposentos. O nosso é o maior; deve ter uns 4 metros por 8.

Tudo aqui está fora do nível ou do prumo: a escada de madeira velha desce para cá, sobe p'ra lá; há degraus mais largos e mais estreitos. Não fôsse o velho corrimão e a passadeira de grossa lã, poderíamos ir abaixo. Entra-se por um largo portão onde, antigamente, entravam as diligências e os cavaleiros. Há, ainda, com os degraus gastos pelo tempo, a escadinha para as senhoras e crianças montarem mais à vontade. Depois, penetra-se na própria estalagem por uma porta, também fora de nível e com grossas ferragens feitas a malho e martelo.

Penetramos no bar: a lareira acêsa, quatro ou cinco mesas toscas, mas bem limpinhas, uma alcova que serve de escritório, onde assinamos o nosso nome num grosso livro já também querendo ficar velho como o prédio. Segue-se a sala de jantar onde há uma peça maior, com pratos e coisas apropriadas na parede. O fôrro sempre com as pesadas vigas de madeira tosca à vista.

Jantamos pato assado, pirão de maçã, batata "sauté", repolhinhos de ervilha. Sobremesa: torta de maçã com um pedaço de queijo afamado, do lugar, pois estamos no Condado de Cheshire, e café com leite bom. A dona da casa, muito solícita, nos perguntava, com a pronúncia característica da terra se tudo ia indo bem. Éramos meia dúzia na mesma mesa. Quatro americanos e nós.

Esta é a piscina de água tépida que a Prefeitura de Crewe construiu para a população local

Depois do jantar e descanso, vieram nos buscar de auto e fomos a um grande baile no salão da Prefeitura, em Crewe. Estava cheio o belo salão. Uma orquestra e uma vitrola. Quando os músicos saiam para tomar algo, apareciam os discos. Danças bem sortidas: fox, rumba, samba, valsa, polka, mazurka, "schottisch", quase quadrilhas, corre-corre e mais umas que inventaram. Há aqui danças para todos. A roupa dos homens era escura com alguns "smokings". O prefeito estava com um costume cinza escuro e "sweater". Uma terça parte das moças e senhoras, com vestidos de baile. Uma coleção de bonitas caras, peles admiráveis e graça natural. Todos muito amáveis. Tiraram o nosso retrato com o prefeito num grupo especial; depois colocaram-nos num grupo de moças — outra fotografia... Todos alegres e divertidos.

Seguindo a lei do lugar, o bar fechou a porta às 23 horas pontualmente. Nem o prefeito nem ninguém toma álcool depois dessa hora. Crewe dista uma légua de Nantwich e é um dos grandes centros ferroviários da Inglaterra. Conta com mais de cinquenta mil habitantes. Para aliviar a falta de residências, a Prefeitura construiu mais de quatro mil casas depois da guerra. São bonitas, geminadas, com uns 22 ms. para cada par, com bastante terreno na frente e nos fundos. A média de aluguel mensal é de Cr$ 400,00 e o custo de cada casa, Cr$ 35.000,00. O atual prefeito construiu uma grande piscina de água tépida para uso público, que, inaugurada recentemente, tem tido enorme frequência. Tanto o prefeito como sua espôsa se interessaram muito pelo Brasil. Êle confessou que gostaria muito de conhecer o Amazonas. Ficamos conversando por muito tempo e quando estávamos mais camaradas perguntou-me pela gravata americana... E, depois de ligeira argumentação, convenci o Mayor de Crewe que devia alegrar mais ainda a sua cidade, usando uma gravata "espalhafatosa". E ficamos combinados. Vou mandar-lhe uma gravata dessas dos Estados Unidos, e êle concordou em usá-la!...

Para um prefeito respeitável como o de Crewe, isso é mesmo uma audácia. Já mandei vir a peça especial de Nova York e confio plenamente na sua palavra de autoridade.

Os inglêses estão aos poucos se americanizando, muito devagar é verdade, mas no tocante a gravatas só alguns rapazes audaciosos é que se aventuram, mesmo com o exemplo de Truman e de muitos americanos eminentes, como Franklin D. Roosevelt. O uso da gravata animada é difícil de penetrar aqui. Ainda hoje um enorme soldado de artilharia nos perguntou se tínhamos vindo passar as férias aqui, e se estávamos gostando da Inglaterra. Perguntou se éramos de Nova York. Explicamos que éramos do Brasil e que o Rio de Janeiro é mesmo uma bela cidade, como andam dizendo em tôda a parte...

Hoje pela manhã acordamos bastante fatigados, pois o baile terminou depois de 1 hora e tivemos ainda que voltar a Nantwich, ao nosso bucólico hotel. Não fôssem os encontros já marcados em outros pontos, gostaríamos de permanecer nesta velhíssima cidade, onde ainda existem centenas de prédios feitos antes da descoberta do Brasil.

A JUSTIÇA DO ÁRTICO

sendo verdade o que denunciara o seu acusador. Estivera muito distante da loja do morto até pela manhã daquele dia fatal, e só viera a saber do ocorrido quando regressou à aldeia e ali soubera do fato.

Depois que Dick Foster contou o que lhe competia, Gaffney voltou a falar com Jimmy.

— Jimmy, você já pensou um pouco acêrca dêsse crime; mas ainda não pensou direito. Lembre-se de que há tempo de sobra para você pensar melhor. As leis do homem branco não têm pressa; mas, há nelas, meios de chegar-se a uma conclusão certa.

Desta vez todos notaram que o semblante de Jimmy manifestava cansaço. Ao voltar para a cela depois de interrogado novamente, êle parecia hesitar. Sua resistência denunciava já estar no fim. Sua cela era quente, até mesmo confortavel para a média dos nativos; nem neve, nem geada caiam lá dentro. O ambiente era tepido. Mas êle se sentia torturadamente só, naquele quarto semi-escuro. Lembrava-se de sua vida de liberdade na imensidão do Alaska, naquele oceano de neve, nas caçadas de renas, nas derrubadas de madeira, nas prospecções de ouro. Durante o dia, ainda era tolerável a vida na prisão; mas, quando caia a noite e o silêncio dominava o mundo, êle não podia conciliar o sono e ficava em vigilia, sem poder dormir.

Cinco dias depois da acareação com Foster, já passava de meia noite, o carcereiro foi chamar Gaffney.

— Que há? — Indagou interessado.

— O homem está usando seu melhor casaco de peles!

Isso era uma boa notícia para Gaffney. Dêsde que chegara à prisão, Jimmy não recorrera à mais usada de suas peças de vestimenta, o casacão feito por sua mulher para protegê-lo do frio.

Gaffney foi imediatamente até a cela do preso. Não havia dúvida de que êle estava vencido. Jimmy usava sua "parka". Era a prova de que se rendera. Quando um nativo chega a uma encruzilhada da vida, na qual a morte é um episódio e não um fim absoluto, êle precisa envergar sua "parka", de modo que, aqueles que o esperam no alem, não se envergonhem dele.

Aquêle casacão de pele, tinha sido feito por sua mulher. Com o instinto do belo suas mãos teceram debruns de pequeninas contas com a tonalidade de branco e preto, ornamentando a peça. Para dar-lhe mais beleza, adaptara peles de esquilos, dos primeiros que apareceram na primavera. Enfeitara a "parka" com bordados e franjas de belo efeito, recebendo parabens de quantos viram a vestimenta. Com aquela peça de roupa de uso externo, seu marido o jovem e simpático Jimmy Richards, podia enfrentar tempestades de neve pelos montes do Alaska, pois voltaria integro e bem agasalhado ao lar que ansiosamente o esperava.

Jimmy ainda não vestira a "parka" desde que fôra encarcerado. Gaffney recomendara ao guarda que, logo que êle a usasse, fosse chamá-lo. Conhecia muito bem as superstições dos nativos, e isso era sintoma de resignação com o alem, indicio de que um culpado está decidido a conformar-se com a sorte e contar o que esconde. Sua espôsa fizera o casacão de inverno. Era seu amor. Daqueles dêdos sairam os desenhos simetricos e bem imaginados. A costura era perfeita e forte. Se êle não usasse naquela encruzilhada da vida, era sinal de que ainda não estava com a conciencia a arder.

Gaffney se ergueu do leito e correu mais uma vez para a cela de Jimmy através das ruas desertas de Nome. Tinha a certeza de que chegara ao fim daquela partida entre a habilidade de um técnico criminal e um criminoso dissimulador.

Logo que mandou chamar o preso ao seu gabinete, êste foi dizendo:

— Eu matei John Nilima, falou com aquêle ar tranquilo. Êle conspurcou meu lar, seduziu minha mulher e riu de mim. Eu tomei suas economias tirei o dinheiro e escondi o cofre.

Gaffney parecia acreditar; mas, para chegar à conclusão definitiva, perguntou:

— Poderemos achar o cofre?

— Ninguém o achará, a não ser eu próprio.

— Pode você indicar-nos o lugar onde o escondeu?

— Sim. Mas somente eu, em pessoa, poderei encontrar o local.

Foram todos até ao estabelecimento de Nilima. Alí Jimmy subiu a uma parte mais elevada e protegida dos ventos, acima da cabana do morto. Em certo lugar parou, arredou a camada de neve até atingir a terra firme. Na verdade, ninguém a não ser o próprio Jimmy seria capaz de acertar com o local. Cavando menos de meio metro, foi encontrada a caixa do dinheiro. Não havia mais dúvida nenhuma. Era aquêle o seu assassino. O caso estava encerrado.

Não enforcaram o criminoso. A corte de justiça ponderou as circunstâncias e o condenou a vinte anos de prisão. Iria cumpri-los na penitenciária federal de McNeill's Island.

Gaffney foi levá-lo até lá. Quando o sentenciado entrou na cela, voltou-se para o seu aprisionador e disse:

— Porque os senhores não me enforcaram quando eu confessei no tribunal que havia matado Nilima? A lei não ordena assim?

— Você estará bem agasalhado aqui, Jimmy, disse-lhe Gaffney sem prestar atenção ao que lhe perguntava o preso. Aqui, Jimmy, continuou, os ventos gelados das montanhas de neve não o incomodarão, nem haverá lobos ameaçadores, nem você sentirá fome.

— Isto aqui é outro lugar escuro e isolado, disse Jimmy. Vinte anos é muito tempo.

Gaffney retirou-se. Sua missão estava cumprida. Na cela, isolado, Jimmy meditou no longo tempo que teria de passar preso. Durante êsses vinte anos muita coisa sucederia lá pelos seus campos. Muita neve cairia, as árvores floresceriam na primavera, as "tundras" se enfeitariam de flores, muita coisa se transformaria, outras morreriam, desaparecendo para sempre. Olhou a sua "parka". Veio-lhe à mente a imagem da espôsa.

— E muito pó se acumulará na minha "parka". — Murmurou, resignado.

A TRAGÉDIA MILENAR DO POVO DE ISRAEL

(Continuação da pág. 32)

to, decorado internamente em alto-relevo com os objetos do Templo de Salomão trazidos à cidade dos Cesares pelas tropas vitoriosas, como trofeus de guerra. (Veja-se a obra citada).

E' daí que data em tôda a sua intensidade, a dispersão dos judeus pelo mundo. A nação, porém, sem pátria e sem destino certo por falta de um dirigente, nunca morreu. Os judeus continuaram a guardar seus principios religiosos e seus habitos endógamos, raramente casando-se com pessoas de famílias que não fossem judaicas ou delas descendentes.

Sua influência desencadeou guerras religiosas, temor de govêrnos fracos; os israelitas continuaram a sofrer terríveis perseguições em tôda a Idade Média. Raramente encontravam homens poderosos e tolerantes como Alexandre Magno e Carlos Magno. Mas, logo que tais personagens morriam, desencadeava-se a mais tremenda guerra contra êles.

O imenso Império de Carlos Magno abrangia os territórios da Alemanha, França e Itália, e aí o povo judeu gozava de regalias e er aconsiderado como gente digna de acatamento e respeito. Com o desaparecimento do soberano, tôda a Europa começou a perseguir os israelitas sujeitando-os às mais terríveis crueldades e sofrimentos. Na França, na Inglaterra, foi de massacre a guerra contra os judeus. Naquele tumulto todo, só um país oferecia asilo ao povo perseguido: a Sicilia. Alí podiam viver em paz os cristãos, os judeus e os arabes. Todos se compreendiam, todos comerciavam, todos viviam em paz.

Expulsos da França, da Inglaterra, da Alemanha, da peninsula Iberica, gozaram de alguma tranquilidade na Holanda. Essa guerra contra os judeus seguida sempre de massacres e expulsões em massa, chegou ao Brasil através da Inquisição. Não sendo

esta parte da América prolongamento de lutas religiosas ou economicas lá da Europa ou oriente próximo e médio, para o nosso país começaram a vir os chamados «cristãos novos», contra os quais foram lavrados os primeiros processos. Em 1573 deu-se o primeiro auto de fé na Bahia. A 18 de outubro de 1739, o carioca Antônio José, descendente de judeus é condenado à morte e morre na fogueira em Lisboa, com 34 anos de idade. O mesmo sucedia nas demais regiões da América do sul. Foi devido a estas perseguições contra os judeus que vinham para o Brasil, expulsos da peninsula Iberica, que um navio cheio dêles, mudou de rumo para a América do Norte e alí fundaram a Nova Amsterdam, hoje Nova York, produto judaico da Companhia Holandesa das Indias Ocidentais.

Duas são, aparentemente, as origens da desgraça dos judeus sem pátria: a questão religiosa e a economica. Depois da última grande grande guerra o povo israelita jurou que reconquistaria novamente sua pátria e alí fundaria uma nação com todos os requisitos necessários à vida na comunhão universal. Cêrca de 18 milhões de semitas viviam esparsos pelo mundo. Seu maior inimigo foi Hitler, depois da Rússia do Tsar. Agora, vencido o nazismo, lutam os israelitas pela fundação de sua nova pátria, o que já em parte, conseguiram. Mas... em tôrno de tudo isto está a situação estrategica da Palestina, zona de influência internacional de certas potencias que dominam o petróleo naquela região. A guerra atual é entre egipcios e arabes. Não tardará a entrar nela, contra Israel, o poderoso Império Inglês... E queira Deus, não seja o começo de nova catastrofe com o nome pavoroso de Terceira Guerra Mundial.

A VIDA DE DARWIN

(Continuação da página 50)

A "Viagem do Beagle", transcorridos cem anos, é tão romântica ainda como um conto de aventuras das Mil e Uma Noites. O seu livro seguinte, contudo, foi puramente cientifico. Versava a natureza e os hábitos da anatifa, êsse curioso animal marinho que "assenta de cabeça para baixo no fundo da sua concha e com os pés empurra o alimento para a bôca". Darwin levou oito anos escrevendo o livro. E foram talvez os oito anos mais ativos de sua vida. Ao apegar-se por tão longo período a um único assunto, Darwin parecia ter assimilado algo da tenacidade da anatifa. Muitos amigos o ridicularizavam por despender tanto esfôrço em um trabalho tão pouco proveitoso. Mas êle estava ganhando reputação de naturalista eminente e exercitava as fibras do intelecto para a grande obra de sua vida.

Pois no decorrer de todos êsses anos Darwin reunia pouco a pouco o seu material, joeirava-o cuidadosamente através do seu espirito crítico e edificava a teoria da Origem das Espécies e da Ascendência (erròneamente chamada Descendência) do homem.

Continua no próximo número)

O CAIXEIRO IMAGINOSO

(Continuação da página 52)

— Que tudo dá certo. E dá mesmo. Os pintos suras! Imagine o espalhafato no gálinheiro quando a raposa do meu correligionário lá entrar de mandíbulas arreganhadas! Olhe.

Havia outro papel. Eram "os pôdres".

— Ponha isto em literatura. O seu talento deve ser aproveitado. E aparecer. Que é isso de ficar aí em janelinhas de ogiva? Sáia nas sacadas, grite, reclame xingue, faça e desfaça! E' dos nossos. Considero-o...

— Eu poderei, em vez de...

— Perfeitamente. Isto de janelinhas não digo que não... (piscou um ôlho) olhe, não digo que não, quem sabe? Hoje somos correligionários. Amanhã poderemos ser o que?...

Josefino recebeu a mão de Regina naquela primicia.

— Cel., conte comigo...

— Mas então! Aqui tem a despesa. Aceite, faça-me êsse favor. Eu sou a fôrça e fôrça é dinheiro. Adeus.

— Cel., trouxe comigo...

— Ah! Deixe-os aqui. Quero ler os seus belos poemas, compenetrar-me da verdadeira arte. Quem sabe se um dia poderei igualar o meu vate?

— Oh!

— Já publicou algum livro?

— Tenho pensado nisso...

— Está se perdendo no Habib. Reparei no seu jeito. Não dá pr'aquilo. Um rafeiro dum turco a explorar vergonhosamente um nome que pode se tornar nacional...

— ! ! !

— ...nacional, não! Universal...

— ! ! !

— ...quando publicar as suas obras. Porque vai publicá-las, digo-lho eu! Deixe-as comigo. Adeus.

— Cel., não imagina...

— Adeus.

Nesse dia o Habib não viu Josefino no balcão. Nem ninquém viu-o em parte alguma. Trancara-se no quarto, com uma fome entranhada dos mártires. E a dúzia deles ao cair da noite estava no osso roido.

Levou tudo ao "Seu" Bernardo, que leu, cobrou cem mil reis e disse apenas:

— Isto só na Secção *Libre!*

Josefino voltou para o quarto e iniciou um soneto para o próximo domingo: "Janelinha Ogival", donde já entrevia a felicidade que o esperava.

★

No domingo e nos outros dias Silveira de Abreu foi sendo procurado pelo seu tonitroante artigo n"A Comarca".

As primeiras vêzes foram na rua, e êle correu — em vão.

Depois nos fundos dos cafés e então eram as chacaras que voavam ante as mãos postas dos negociantes.

Houve ainda encontros e recontros, bengaladas, bofetões, rabos de tatu e salmouras seródias...

E o Habib, que nada tinha com isso, sorriu. Ainda a sorrir mandou chamar Josefino Fagundes para trabalhar, tão logo Silveira de Abreu pudesse levantar-se.

★

Quando crianças, as nossas histórias começavam com o "Era uma vez..." Não quero dizer que sejamos agora velhos. Quando o formos o "Era uma vez..." estará nos epitáfios. Hoje, fica bem colocálo. lo no fim das histórias escritas.

(O "era uma vez..." é o nosso cãozinho fiel: segue-nos dêsde o berço e vem deitar-se no fim sôbre o nosso túmulo).

Era uma vez, pois um poeta que teve pretensões a casar rico, a ser editado, traduzido, estatuado, amado...

A realidade, porém, sendo outra, ai dele! Morreu esmagado por um bando de animais selvagens.

E o Cel. Teixeira, e os doze cavalos, e o Habib, e o baú — tudo que era realidade, enfim, continuou a existir. Até o Josefino Fagundes.

Voltou a esticar metros no nariz, a vender botinas com as perguntas do estilo, a compor versos a meia voz, a alimentar oportunidades extravagantes, a enganar o Habib em benefício das freguesas...

Exceto uma, que jámais apareceu — Regina. Voltou para o colégio, onde arrancou muitos "ohs!" das amiguinhas e fez chorar a mestra de Moral. Um vestido daquela sêda por trinta mil réis...

O Cel. Teixeira, êsse, riu a esbodegarse, e três vêzes, como os traidores: riu com as "composições literárias — as melhores" que lhe levara a publicar o poeta (ora, o pulha! levem daqui *isto!*), riu com o tal artigo na Secção Livre (coragem de cachorro onceiro!) e riu da pancadaria (capaz de achatar o couro de uma anta sapateira!).

E assim venceu mais uma vez a filosofia do Habib — e que êle não nos falte jamais com seu sorriso acolhedor da nossa mediocridade...

PELAS estradas do CEU

Por ANDRE' MAX

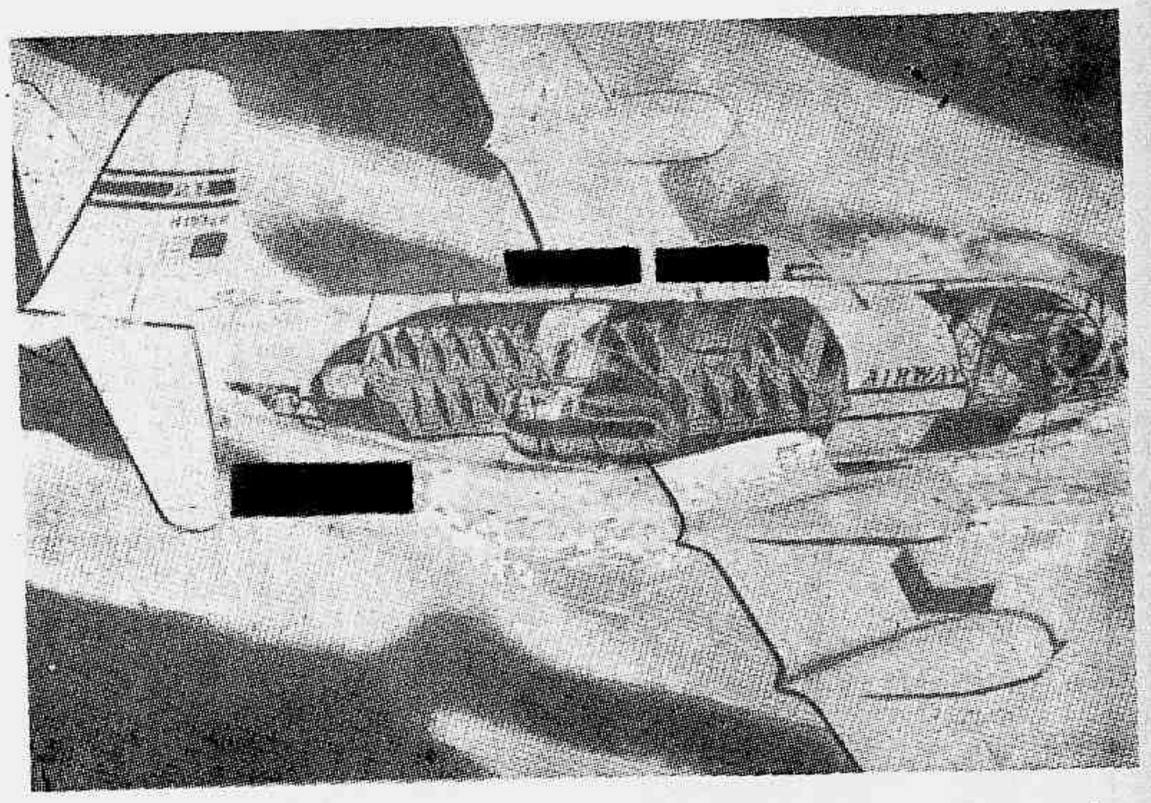
As ondas sonoras dos aviões de propulsão a jato, de alta velocidade, estão produzindo sintomas estranhos entre o pessoal aéreo, segundo informou a dra. Julia F. Herrick, da Fundação Mayo, perante o recente Congresso Norte-Americano de Fisioterapia. Afirmou essa clínica que, em experiências de laboratório, algumas ondas super-sônicas tinham dado provas de ser "autênticos raios letais, quando emitidas em quantidade suficiente". Em provas de laboratório essas ondas têm despedaçado o tecido animal e elevado a temperatura do corpo até 60 graus centígrados.

"Os efeitos destas ondas super-sônicas são motivo de verdadeira preocupação", declarou ela. "A profissão médica vai daqui a pouco ter que tratar pacientes da radiação super-sônica".

"Não obstante acrescentou-se são mortais certas ondas sonoras que se não ouvem por se encontrarem fora do alcance do ouvido humano, por outro lado, essas mesmas ondas prometem ser úteis no diagnóstico e tratamento das doenças. Podem ser produzidas no laboratório por meio de geradores.

Alguns cientistas alemães relataram ter aparentemente destruído certas variedades de câncer da pele com o auxílio das ondas-super-sônicas. Consta também que na Áustria essas ondas são usadas para descobrir os tumores cerebrais. A dra. Herrick disse que os homens de ciência da Fundação Mayo, em Rochester, Minn., vêm estudando, há vários meses, os efeitos das referidas ondas sôbre tumores malignos nos animais.

"Êsses estudos foram empreendidos com o fim principal de confirmar, se tal coisa é



Corte transversal de um grande avião de passageiros, mostrando as diversas seções de que se compõe o seu interior

possível os resultados das lesões malignas publicadas por Horvath, científico alemão", disse ela. "Temos um gerador super-sônico semelhante ao que foi usado por Horvath. Estamos tratando os tumores malignos espontâneos no cão, os tumores transmissíveis dos frangos, e os carcinomas (cânceres mamários transmissíveis nos ratos). Verificaram-se inconfundíveis alterações de caráter degenerativo nêsses tumores, depois de terem sido expostas às radiações super-sônicas.

A dra. Herrick, professora de medicina experimental da Fundação Mayo, disse que as pessoas que se encontram na terra, mas perto dos motores de propulsão a jato, podem também encontrar-se expostas, e que algumas dessas pessoas "têm apresentado sintomas estranhos". Alguns homens de ciência que trabalharam perto dos geradores super-sônicos experimentaram um calor estranho entre os dedos, enquanto trabalhavam com animais expostos às ondas sonoras. Sofreram também de vertigens e fadiga.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam

O preço desta revista para venda ao público, em qualquer parte do território nacional, é de Cr$ 3,00.

Aos distribuidores é concedido um desconto que dá margem ao respectivo lucro dentro daquele preço mencionado na capa.

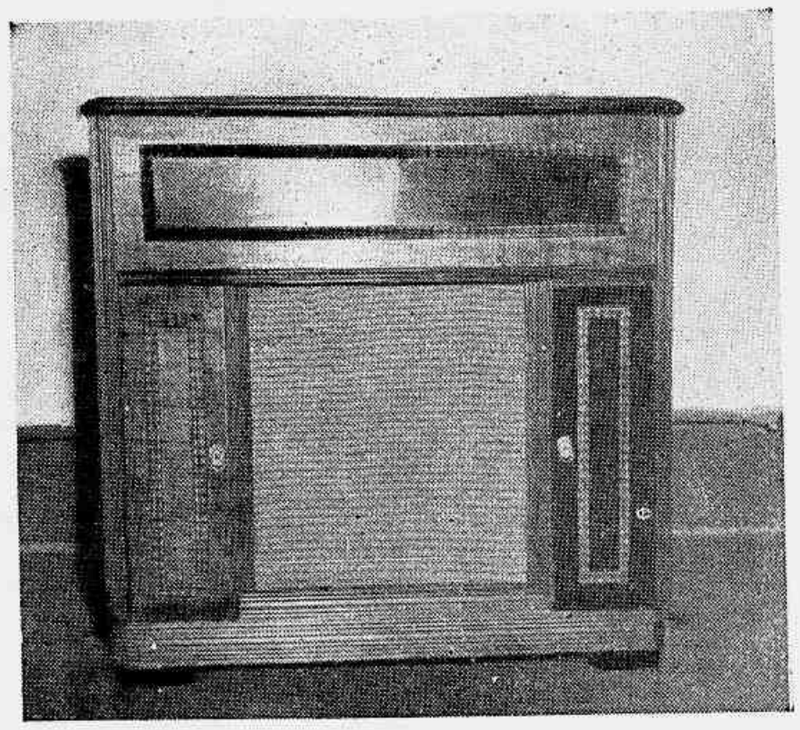
POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!

PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

TESPIS



Um rádio de classe para tôdas as classes. Um rádio TESPIS em sua casa é orgulho para tôda a família e admiração para as visitas. Os rádios TESPIS possuem o melhor som do mundo; ouça um e confirme a verdade depois.

Faço-nos sua visita, escôlha seu modêlo e pague como quiser. Temos uma seção especializada em reformas e adaptações em lindos móveis de nossa fabricação.

RUA SENADOR DANTAS, 33 - Sobrado

HIGIENE DO RECÉM-NASCIDO

DR. SABOIA RIBEIRO

AS doenças neo-natais compreendem as que são devidas à má assistência ao recém-nascido. Êste poderá ter nascido nas melhores condições de saúde, mas, ou por inexperiência das mães, ou práticas menos acertadas, adoece, logo, já nos primeiros cuidados, por infrações diversas.

Antigamente, em falta dos cuidados no **tratamento do coto umbelical** (ligadura, secção, curativos), era frequente o chamado "mal-de-sete-dias", que não era outra coisa senão o tetano, cuja porta de entrada era a ferida umbelical mal tratada. Outra era a difteria do umbigo, por má desinfecção do mesmo ou contaminação ulterior. Algodão, gaze, fio grosso, uma tesoura esterilizada, são material que não podem faltar para êsse fim. A ligadura e secção são feitas logo após o nascimento, iniciando-se logo que cessam os batimentos do cordão, seguida da secção; o tratamento, depois do banho. Entre a secção e o tratamento (curativo) do coto intercalam-se os cuidados dos olhos do recém-nascido (que aliás podem ser os primeiros cuidados com êle).

A ligadura do cordão far-se-á sempre uns 3 centímetros acima da parede abdominal, isto porque, se o umbigo continuar sangrando, mais tarde, haverá onde fazer nova, abaixo da primeira. Ela deve ser bem segura, bem apertada. Feita a secção, um toque com tintura de iôdo. Alguns apenas protegem o coto com uma gase simples, e enfaixam por cima. E' recomendável também, por outra forma, fazer um como "plastron" de algodão imerso em álcool e, escorrido o excesso, nêle enrolar o coto; dentro de dois a três dias, êste cai, fácil, mumificado. A arte ensina, naturalmente, manter o algodão do coto em posição, por meio de algumas voltas de fio. Essencial é que se não vá provocar qualquer absorção de álcool pela criancinha, sendo assim necessário escorrer bem o plastron, após embebição.

Até final queda, o cordão é observado, e a qualquer sinal de infecção (mau cheiro) ou anormalidade (sangramento), devem ser tomadas as medidas adequadas. No geral, bastará, por ocasião dos exames diários, algumas gotas de um sal de prata (silvol, argirol).

CUIDADOS COM OS OLHOS DO RECÉM-NASCIDO — O perigo de uma infecção ocular da criança, após o nascimento, é sempre possível. A pior delas é a **oftalmia purulenta**. Quando o tratamento desta demora, logo às primeiras manifestações — secreções abundante cremosa, amarela etc. — a infecção conduz às úlceras da córnea, à perfuração, à própria cegueira. A verdadeira prevenção das afecções oculares do recém-nascido, consiste no asseio imediato dos olhos após o nascimento (água fervida, água boricada), seguida, sempre, da instilação de um colírio a 1% de nitrato de prata ou semelhante (em falta dêste, sumo de limão nos olhos).

BANHO DO RECÉM-NASCIDO — Médicos, filiados à escola americana, não recomendam o banho após o nascimento, mas que apenas se faça uma aspersão geral do corpo da criança com óleo de vaselina esterilizada e depois que se polvilhe sôbre êle com talco. O banho só será iniciado depois da queda do coto umbelical.

E' uma questão de escola. De fato, o banho, cumprindo apenas que se evite molhar o penso uma vez feito, mal não pode trazer à criança. Como assinalamos, o banho deve ser intercalado, no nascimento da criança, entre a secção e o penso, de modo que o risco de molhar êste, não existe. Depois do primeiro banho, no nascimento, os demais devem restringir-se, até a queda do coto, às partes pudendas, localmente, enxutas depois e polvilhadas com talco. O curativo do coto, ou melhor sua observação diria, deverá ser feita depois do banho. No banho o que, entre outras coisas, há principalmente que recomendar, é que a bacia seja perfeitamente desinfetada e privativa da criança, e logo que esteja ultimada a cicatrização do umbigo, as últimas porções da água lhe sejam lançadas do alto, escorrendo pelo corpo, sem causar-lhe nenhuma asfixia. A temperatura ótima é 35 graus; evitar as correntes de ar durante o banho. Depois dêste, há sempre mister que se enxugue a criança bem e bem, praticando-se uma criteriosa massagem como para ativar a circulação.

Grandes cuidados devem merecer as dobras cutâneas da criança, que serão sempre enxutas minuciosamente, e polvilhadas de talco após o banho. Não se permitirá permaneçam molhadas ou sujas de excreta, por isso que ensejam a intertrigem, ou assaduras, passíveis de infectar-se. A temperatura da criança cumpre protegê-la dado o pouco desenvolvimento, ainda, do respectivo centro regulador. A estação determinará os cuidados que especialmente terá. No inverno, pela maior facilidade de ela resfriar-se os agasalhos de lã — na cabeça, pés e peito — nunca faltarão. No verão, roupas mais leves, amenizadas com a idade.

Protegida contra as correntes de ar, mas em aposento amplo e de ar sempre renovado, a criança ficará colocada, após vestirem-na, no bêrço; daí só a retirarão para as mamadas e o banho diário.

Sobretudo o prematuro exige maiores cautelas de referência à temperatura. O reconhecimento dêste é facilitado, assim pela época do nascimento, como por outros caracteres externos, inclusive o lanugo (excesso de pêlos lanosos, nos membros, nas costas), pêso entre 2.000 e 2.200 gramas etc. Muito denunciativo, também o rosto, chupado, paradoxalmente senil, a circunferência da cabeça maior que a passando pelos dois ombros. A prevenção das infecções deve merecer especial cuidado. A gripe, principalmente, é de um extremo contágio para a criancinha, podendo ser congênita. Às mais das vêzes, porém, o contágio é externo, de modo que é necessário evitar que tenham contacto com a criancinha pessoas com catarro das vias aéreas superiores, mesmo que sem febre (gripe ambulatória).

Com muita facilidade nela se infecta o tecido linfóide do nariz posterior, e pela repetição das infecções a germes nasais o resultado pode ser uma infecção crônica, trazendo más consequências nem só sôbre o aparelho respiratório como ainda sôbre a própria audição. As otites nascem das infecções do nariz, e a regra na criança. E as diarréas muitas vêzes têm essa mesma origem.

A gripe, não raro, é o ponto inicial de todos êsses acometimentos da criancinha.

Os cuidados na sua prevenção estendem-se, como é natural, à própria mãe, que, deverá, por isso, cercar-se de tôdas as cautelas nas suas relações com o filhinho. Estando amamentando, deverá proteger a criança, usando nessa ocasiões, um lenço filtrando a respiração, à bôca. Não falará, menos tossirá sôbre a criança. A broncopneumonia, a bronquite capilar, muito comuns na criança abaixo de 2 anos, são, não raro, meras complicações de uma gripe, a que depois se associaram outros germes.

Finalmente, a alimentação deve ser ensaiada desde o primeiro dia da criança, com perfeito critério. De resto, a formação dos bons hábitos deve começar já no primeiro dia. Há os que advogam um jejum até 24 horas depois que a criança nasceu, e os que aconselham dar-lhe o seio de 4 em 4, ou de 6 em 6 horas. Esta última conduta parece a melhor, pois com a sucção da criança a secreção do leite é logo estimulada.

Nos três primeiros dias, a secreção da mulher é ainda um leite especial, o **colostro**, com função um tanto laxativa para a criança e favorecendo a expulsão do mecônio, que outra coisa não é que as fezes do recém-nascido nos três primeiros dias.

Em suma, na primeira semana: 1.º dia, seio de 6 em 6 horas; 2.º e 5.º dias, 4 em 4 horas; 6.º e 7.º dias, cada 3 horas. (Êste horário será guardado até o 6.º mês, passando então a criança a ser amamentada de 4 em 4 horas até completar o 1.º ano).

À noite, nunca alimentar a criança. Da quebra dêsse princípio, vem, muita vez, a sequência de muitos males, pois com isso começa a criança a infringir as regras da boa alimentação.

Esses os primeiros cuidados com a criança. Outros ainda haverá, e inclusive e principalmente os que se referem à prevenção com a tuberculose, que deve ser visada com o emprêgo do B.C.G., logo no nascimento.

ELEAZAR DE CARVALHO — NOVOS SUCESSOS DO REGENTE BRASILEIRO NOS EE. UU. — YOUNGSTOWN ACOLHE UM CEARENSE — PROGRAMA PARA BOSTON

Depois de longos anos de trabalho de luta, o regente Koussevitsky resolveu aposentar-se. Mas não deixou, definitivamente, a batuta, nem pensou em nunca mais subir num estrado: tratou, simplesmente, de se desfazer de alguns compromissos que lhe sobrecarregavam o horário, para dedicar-se, mais repousadamente, à arte, que não pensa abandonar. Aliás, o músico sente-se tão moço e bem disposto que... se casou. Em Tanglewood, no Berkeshire Music Center, criado e dirigido por êle, prossegue a sua obra de difusão da cultura e formação de artistas novos. Entre os assistentes de Koussevitsky estão, aliás, duas figuras de grande destaque, ambos moços, mas já famosos: Leonard Bernstein e, para honra nossa, Eleazar de Carvalho. Discípulos que receberam os compreensivos conselhos e as sábias lições de Koussevitsky são Bernstein e Eleazar de Carvalho, também, as duas maiores esperanças do mestre...

VIM, VI E VENCI

Quando Eleazar de Carvalho deixou o Brasil, levava, para o estudo junto a Koussevitsky, um inegável talento, que necessitava, porém, de uma orientação segura e uma severa disciplina. Chegando nos Estados Unidos, pode-se dizer que êle amadureceu como músico. O que antes era, na sua arte, impetuosidade e impaciência, ainda que brilhante, transformou-se em fôrça rigorosamente controlada, vigor e segurança. O estudo rasgou novos panoramas à sua frente e, inteligente, êle soube assimilar as novas aquisições, robustecendo sua personalidade, sem descer à posição de um simples imitador do grande mestre.

Conquistando, logo, a estima de Koussevitsky, êle prolongou o período de estudos, entrando, logo, a colaborar com o seu mestre e, à medida que ia ganhando autoridade e firmeza foi se impondo como regente, sempre sob o patrocínio vigilante e o amparo de Koussevitsk.

Eleazar de Carvalho palestra com Carmine e Michael Ficocelli, regentes da Orquestra de Youngstown, e Richard P. Owsley, presidente do conjunto

UMA VISITA AO BRASIL

Essa prolongada estadia no estrangeiro roubou-nos Eleazar de Carvalho, e só no-lo devolveu, em rápidas visitas, quando êle veio confirmar os elogios que lhe fazia a critica americana. Trouxe o maestro cearense para o Rio algumas novidades, compôs cuidadosamente programas em que revelava um novo gôsto pela música moderna, mesmo a mais audaciosa e uma compreensão especial na sua interpretação. Ouvimos, assim, novos compositores americanos e europeus, além da produção brasileira que mereceu de Eleazar de Carvalho atenções e cuidados especiais.

NOVOS SUCESSOS

Notícias dos Estados Unidos nos informam dos mais recentes sucessos de Eleazar de Carvalho.

Quando deixou o Rio, iniciou uma "tournée" na América do Norte, dirigindo, de início, a Orquestra de Youngstown, Estado de Ohio.

Tendo aparecido como regente a convite de Ficocelli, o maestro efetivo do conjunto, Eleazar de Carvalho conseguiu entusiasmar o público e a crítica.

Compondo um programa leve, no qual figurava a nossa tradicional Alvorada, do "Escravo", de Carlos Gomes, Eleazar de Carvalho obteve mais uma vitória. A crítica assim se exprimiu: — "A orquestra tocou da maneira mais apurada possível e a maestria de Mr. De Carvalho na técnica de reger uma orquestra esteve visível durante todo o concêrto" (William Omeis). "A visita do maestro De Carvalho veio provar o grande benefício que trouxe à nossa orquestra, dando aos seus músicos melhor idéia de suas próprias possibilidades".

EM BOSTON

A "tournée", que começou em Youngstown prosseguirá, seguindo Eleazar de Carvalho para Boston, onde ainda regerá a Orquestra Sinfônica dessa grande cidade americana. Nessa etapa de seu circuito triunfante por várias cidades dos Estados Unidos, êle pretende incluir em seus programas a Sinfonia N.º 1 de Lorenzo Fernandes e o concêrto para violino e orquestra, de Vila Lobos, que será executado, tendo como solista Oscar Borgeth.

Confirmando, assim, a sua disposição de dar a maior divulgação possível à música brasileira, Eleazar de Carvalho nos anima a esperar que não se esquecerá de usar o seu prestígio recém-adquirido para lançar os nossos compositores mais novos. Quem lutou tão árduamente para conseguir o merecido sucesso há de ser, certamente, mais compreensivo em relação aos pobres compositores brasileiros, que, com raras exceções, lutam com as limitadas possibilidades do nosso meio artístico, esforçando-se no sentido de ampliar o círculo de difusão de suas obras. Para êstes, portanto, deverá voltar-se o estímulo, o apoio e o amparo do maestro que venceu.

Instantina

corta os resfriados
e alivia as dôres

GERADORES
WIND POWER
A GASOLINA OU A VENTO
Peçam catálogos
SECÇÃO de ELETRICIDADE
MESBLA
RUA DO PASSEIO, 48/56
DIVERSOS MODELOS

CASA DE SAÚDE DR. BENAION
OPERAÇÕES E PARTOS
A DISPOSIÇÃO DA CLASSE MÉDICA
Sala de operações com ambiente esterilizado — Sala de partos — Serviço médico permanente — Quartos com higiene e confôrto — Enfermagem — Técnica — Cozinha de primeira ordem
SERVIÇOS DE RAIOS X — FISIOTERAPIA — OXIGENOTERAPIA INCLUSIVE INALAÇÃO DE PENICILINA — PREÇOS MÓDICOS
Direção técnica: Dr. ALBERTO MOACIR BENAION
Rua Afonso Pena nº 54 — Fone 48-4933 — Tijuca

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo:
Rua Álvares Penteado, 180, sala 502
Telefone: 3-2649

A VIDA DE DARWIN

(CHARLES ROBERT DARWIN — 1809-1882)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de P. Alegre)

PASCAL observou uma ocasião que a forma do nariz de Cleópatra mudou a face do mundo. Quase dois mil anos depois, a forma de outro nariz esteve a ponto de mudar a face da história. No outono de 1831 o estudante de teologia Charles Darwin, de 22 anos de idade, aprestava-se a embarcar no navio de Sua Majestade, o "Beagle", como naturalista sem remuneração. Mas o Capitão Fitzroy, que comandava o "Beagle", hesitou em levar Darwin consigo, pois julgava, pela forma do nariz do jovem, que êste não tinha "nem a mentalidade nem a energia" necessárias para ser um bom cientista.

Se Darwin não tivesse embarcado no "Beagle", provàvelmente receberia as ordens sacras, e a ciência perderia uma dessas obras que fazem época — a história da evolução da raça humana. Mas, felizmente para o progresso da cultura, o Capitão Fitzroy mudou de idéia a respeito do nariz de Darwin e êste pôde embarcar no navio. E assim o jovem estudante de teologia se lançou numa aventura religiosa de novo gênero. Saiu a explorar e interpretar a palavra de Deus como foi gravada na Bíblia dos Sêres Vivos. Da aula de teologia, que o estudo de Deus, foi promovido ao sacerdócio da antropologia, que é o estudo do homem. E a sua missão de sacerdote foi relatar aos seus semelhantes a épica, embora ainda incompleta, jornada humana do íntimo ao sublime.

II

Darwin nasceu em Shrewsbury, no mesmo dia que Abraão Lincoln (12 de fevereiro de 1809) — coincidência que levou um dos seus biógrafos a ver nêle "o emancipador do espírito humano aos grilhões da ignorância, assim como Lincoln foi o emancipador do corpo humano aos grilhões da escravidão". O ano de 1809 foi pródigo na sua chuva meteórica de gênios. Só nêsse ano, a humanidade recebeu no regaço uma abada inteira de grandes vultos: — Darwin, Lincoln, Gladstone, Chopin, Mendelssohn, Poe, Tennyson, Oliver Wendell Holmes e Elizabeth Barret Browning, para mencionarmos apenas uns poucos. Cada um dêsses "grandes filhos da família humana" contribuiu com alguma coisa para a perpétua beleza e nobreza do mundo — e a contribuição de Darwin não foi a menor delas.

Provinha de duas excelentes estirpes. Seu avô paterno foi Erasmo Darwin, famoso naturalista que escreveu um poema sôbre os "Amores das Plantas" e um livro em prosa acêrca das "Leis da Vida Orgânica". Seu bisavô materno foi Josiah Wedgwood, o célebre fundador das cerâmicas Wedgwood. Era, pois, de esperar que se manifestasse um salutar interêsse pelas ciências e artes na família Darwin.

Charles Darwin foi um menino dócil, meditativo, e observador penetrante de tudo o que o rodeava. Mesmo quando pôsto em face do perigo, era capaz de prosseguir as suas observações apesar do medo. Um dia, êle caminhava, mergulhado em pensamentos como sempre, pelas fortificações de Shrewsbury, e subiu distraidamente a um parapeito. De súbito viu-se cair do alto, e julgou que ia morrer. Mas o seu espírito continuou alerta. Para um garoto de mentalidade científica, aquilo era apenas uma interessante experiência. "Durante essa queda, breve mas repentina e completamente inesperada, foi espantoso o número de pensamentos que me passaram pela cabeça... o que não parece estar muito de acôrdo com o que os fisiologistas... afirmam acêrca do apreciável espaço de tempo requerido por cada pensamento".

Desde a primeira infância adquiriu o hábito de observar as coisas por si mesmo. Gostava de colecionar e estudar seixos, conchas, moedas, ovos de pássaros, flôres e insetos. Raramente capturava os insetos vivos, preferindo apanhá-los quando os encontrava mortos. Não achava direito matá-los com as suas próprias mãos. No entanto, com a ingênua lógica da infância, nada via de condenável em matar pássaros com espingarda — à distância. Gostava de caçar até que um dia presenciou o estrebuchar de um pássaro ferido e resolveu nunca mais causar sofrimento ou morte a qualquer sêr vivo por mero prazer. "Um coração brando", disse um antigo filósofo, "é sinônimo de imaginação vívida".

Darwin herdou a brandura de sua mãe. Mas não teve muita oportunidade de conhecê-la bem, pois ela morreu quando o filho contava oito anos. Seu pai, o dr. Robert Warnig Darwin, era uma montanha de jovialidade e eficiência — pesava algo assim como trezentas e cinquenta libras — e, na expressão do filho, "um dos homens mais atilados". Todavia, não foi bastante atilado para compreender o caráter de Charles. Considerava o filho um vadio inútil, cuja única missão na vida era "atravancar a casa com suas eternas bugigangas". A fim de meter-lhe na cabeça um pouco de "senso comum à boa moda antiga", o dr. Darwin mandou Charles para um colégio de estudos clássicos. Mas o moço não dava nenhuma atenção ao latim e ao grego. Organizou um laboratório secreto no jardim da casa paterna e deu de fazer experiências químicas e físicas. Isso, tanto na opinião dos colegas como na dos professores, era a "atividade de um cérebro desarranjado". Os companheiros apelidaram-no de "Fumaça"; o diretor do colégio declarou-o "poco curante" — pessoa um tanto negligente; e o pai, aborrecido com os seus experimentos e "caçadas de ratos", tirou-o do colégio e mandou-o estudar medicina na Universidade de Edimburgo.

A princípio, Darwin esteve inclinado a seguir a profissão paterna. Mas em breve as preleções de anatomia começaram a entediá-lo. E quanto às lições de matéria médica, achava-as "algo medonho de escutar-se". Ademais, o seu temperamento compassivo não lhe permitia suportar as demonstrações cirúrgicas. Um dia, quando se realizava uma operação em uma criança, êle abandonou precipitadamente o anfiteatro. Nêsse tempo ainda se operava sem anestesia, e os gritos da criança excruciada perseguiram-no por muitos anos.

Para o pai de Darwin, estava claro que o rapaz não fôra talhado para médico. De maneira que procurou fazê-lo clérigo. Em menino, Charles mostrara decididos pendores religiosos. Ao correr para o colégio tôdas as manhãs depois da primeira refeição, rezava a Deus que o ajudasse a chegar a tempo. Mas — e era uma circunstância que o pai não levava em conta — Charles saía de casa tão tarde que era necessário rezar. O jovem não tinha a natureza fàcilmente adaptável à vida convencional do estudante. Passou três preguiçosos anos seguindo os cursos do Christ's College, de Cambridge — anos "lamentàvelmente desperdiçados", conta-nos êle, "em rezar, beber, cantar, namorar e jogar baralho".

Entretanto, foi ali que travou relações com o eminente cientista, o professor Henslow, por cuja intercessão obteve o lugar de naturalista do "Beagle". Felizmente o dr. Darwin era bastante rico para satisfazer os "caprichos insensatos" do filho. Pelo menos o obstáculo das preocupações financeiras não lhe estorvaria a "improveitosa" busca da verdade científica.

III

Durante cinco anos (1831-1836) o "Beagle" singrou os mares e Darwin teve o privilégio de apreciar com os seus próprios olhos "a redondeza da terra e os mistérios da vida exuberante". Com precisão de cientista e imaginação de poeta — pois todo grande cientista é um poeta — coligiu, observou e classificou os fragmentos esparsos do brinquedo de armar da existência, procurando reuni-los num quadro amplo e inteligível.

Mas até então êle não formara uma idéia definida sôbre o rumo em que o levavam as investigações. Como todo o verdadeiro observador, partia dos fatos e não de uma teoria. Ainda ia levar vinte anos de laboriosas pesquisas para concluir que o seu vasto acervo de fatos, quando examinado imparcialmente, conduzia a uma única teoria — a teoria da evolução.

Para êle o mundo inteiro era um grande ponto de interrogação — um problema de matemática de muitas incógnitas, um teorema de geometria que demonstrar, e não uma obra de arte que admirar. Confessava ter perdido com muito pouca idade o gôsto para a literatura, a arte e a música. Mas encontrara na ciência a outra face das moedas de ouro da literatura, da arte e da música.

E possuía uma coisa preciosa, ainda maior que a paixão pela ciência — o amor aos seus semelhantes. Uma vez, quando o "Beagle" estava ancorado ao largo da costa brasileira, viu uma negra velha, num grupo de escravos fugitivos, atirar-se a um precipício para escapar dos perseguidores. "Numa matrona romana", observou, "isso seria considerado um exemplo de nobre amor à liberdade. Numa pobre negra, não passa de obstinação brutesca".

O barbarismo da escravatura repugnava-lhe extremamente. "Porto do Rio de Janeiro — escreveu no Diário do "Beagle", — morei em frente à casa de uma velha senhora que esmagava com um parafuso os dedos de suas escravas. Hospedei-me em uma vivenda em que um jovem mulato era, a todo o dia e a tôda hora, alvo de injúrias, maus tratos e perseguições suficientes para quebrantar o espírito do mais vil dos animais". Vinte anos antes da Guerra de Secessão, Darwin exprimiu a sua repulsa à escravatura em têrmos tão apaixonados como os que podiam ter brotado dos lábios do mais fervoroso abolicionista norte-americano. "Aqueles que olham o senhor de escravos com benignidade, e o escravo com indiferença, parece que nunca se põem em lugar dêste último... Que perspectiva lúgubre, e sem a mínima esperança de melhoria! Imaginai-vos em situação de sentir pesar constantemente sôbre vós a ameaça de ver a vossa mulher e os vossos filhos — êsses sêres que a natureza leva o próprio escravo a chamar seus — arrancados a vós e vendidos como animais ao primeiro ofertante! E êsses atos", aqui fala o espírito do próprio William Lloyd Garrison, "êsses atos são cometidos e desculpados por homens que professam amar o próximo como a si mesmos, que crêem em Deus e pedem que seja feita a Sua vontade na terra!"

A vida inteira Charles Darwin conservou o coração aberto aos sofrimentos dos homens, assim como manteve os olhos abertos ao problema da descendência dêles.

E o seu coração sensível e olhos argutos estavam alojados num corpo débil. Darwin tinha herdado a estatura, mas não o vigor do pai. Sua viagem no "Beagle" foi um verdadeiro suplício de prolongados enjôos. Além dos padecimentos provocados pela má saúde, havia os desconfortos da viagem, que eram suficientes para solapar a constituição de um homem muito mais forte. O alimento era escasso e indigerível — até o fim de seu dias. Darwin sofreu repetidos acessos de vômito em resultado dos "venenos que absorvera no Beagle". Alternavam-se com frequência os períodos de frio insuportável e calor abrasador. Mais de uma vez, nas regiões pantanosas que visitou em busca de dados científicos, sofreu picadas de insetos venenosos. Em algumas das suas explorações na floresta virgem foi obrigado a passar dias a fio sem beber água. Minado por êsse acúmulo de privações, ao voltar da viagem era um homem alquebrado.

Mas um homem ansioso por enfrentar a aventura da ciência — e a aventura, não menos difícil do matrimônio. Pouco depois do seu regresso, desposou a prima, Emma Wedgwood, comprou uma vasta casa de campo com espaçoso jardim, e ali se estabeleceu para criar uma família de dez filhos e descobrir, se possível, "o segrêdo da nossa verdadeira proveniência".

Como primeiro passo na investigação da proveniência da raça humana, compilou a história das descobertas realizadas durante a viagem no "Beagle" — um tratado científico tão fascinante como um romance. Pois, em tudo o que escrevia, procurava um único fim — tornar a verdade tão clara para os outros como o era para êle. "Simplicidade honesta" foi o seu lema constante. "É uma regra de ouro", dizia, "empregar sempre, se possível, uma velha e curta palavra saxônica. Frases como "tão inteiramente subordinada está a planta incipiente à tendência morfológica específica" não me soam aos ouvidos como bom vernáculo; é preciso traduzi-las... Acho que nunca é demasiado o trabalho que se toma em tornar o estilo transparente e lançar a eloquência às urtigas".

E êle tinha de tomar muito trabalho para tornar transparente o seu estilo. Achava extremamente difícil o trabalho de composição, e só a persistência obstinada lhe permitia elaborar um estilo fácil e interessante. "E' a obstinação que vence", escreveu num cartão, que pregou acima da sua escrivaninha.

Lamentava não possuir gôsto para a poesia, e no entanto a sua "Viagem do Beagle" abunda em trechos poéticos. Note-se, por exemplo, a descrição do Brasil: "A terra é uma grande estufa selvática, desordenada e luxuriante, feita pela natureza para si, mas conquistada pelo homem, que a cravejou de casas alegres e jardins simétricos". A primeira impressão do país foi "um verdadeiro furacão de encanto e assombro... a forma da laranjeira, do coqueiro, da palmeira, da mangueira, da samambaia, da bananeira, há de permanecer clara e distinta; mas as mil belezas que reuniam tudo isso numa cena perfeita hão de extinguir-se. Entretanto, como um conto ouvido na infância, deixarão um quadro cheio de figuras indefinidas mas belíssimas".

(Continua na página 47)

CARLES ROBERT DARWIN

QUAL DOS DOIS ?

(Continuação da página 7)

camas contíguas, cortando o silêncio com seus gemidos. Quando o recém-chegado, pálido, colocou sôbre a mèsa o esperado medicamento e começou a balbuciar as primeiras palavras, instintivamente todos compreenderam. Amália e d. Adelaide paralisaram-se pela emoção. Urgia deliberar. Ràpidamente os dois médicos trocaram opiniões em voz baixa e um dêles emitiu em tom claro o que ali, naquela sala, soava como sentença:

— Morrem os dois, ou salva-se um... o que estiver em melhor estado...

O olhar que as duas mulheres trocaram foi de pavor.

Um quarto de século haviam acompanhado a vida daqueles rapazes e uma vida inteira de cuidados atropelou-lhes a lembrança! Mas a voz da carne e do sangue deu um grito dentro de d. Adelaide. Ela arrebatou o vidro e correu para a porta do quarto:

— Joãozinho está melhor — gritou.

Houve um coletivo movimento na sala para providenciar, mas então Amália, transfigurada, avançou para a prima e para o remédio:

— Moisés tomará isso — disse. — Êle será salvo.

D. Adelaide apertou entre os dedos o frasco e voltou-se, sem compreender. Os argumentos lhe vieram, antes que tivesse consciência:

— Um é nosso — disse. — Vimo-lo nascer. O outro é um infeliz, rejeitado pela própria mãe. Cumprimos nossa obrigação com êle até onde foi possível. Tem paciência, Amália. Sê razoável. Joãozinho tem probabilidades de cura. Tu também o criaste.

Mas a solterona pacata, franzina, estava irredutível. Avançou para a mão da outra, queria desprender-lhe os dedos do frasco, como alucinada.

— Por que fazes isso, Amália? Tem calma, pensa. Moisés está condenado. Como podes preferi-lo. Também criaste o meu! Como podes preferir um estranho?

— Mas êle é meu filho, meu verdadeiro filho — gritou "tia" Amália com um arrebatamento que transmutou sua figura apagada na própria imagem da maternidade. D. Adelaide recuou, estarrecida, julgando que a emoção perturbara-lhe o juízo, fazendo-a convencer-se dum absurdo, devido à dedicação de anos. Mas, aliviado um recalque profundo, a confissão jorrava em catadupas diante da sala, convertida em platéia:

— Meu filho, sim. Tive-o do professor de piano de Francisca, que vocês julgavam namorado da governante. Enganei-os a todos, não foi? Encontrava-me com êle, quando me julgavam na igreja. Fui abandonada depois, é claro. Era casado e tudo impedia nossa união. Eu seria posta na rua, se vocês compreendessem. Não estive doente, sem que soubessem de que e não passei uma temporada em Minas? Ah, — chasqueava ela própria, a desprezada, a ignorada "tia" Amália tinha sangue nas veias, não? E teve astúcia, também... Paguei àquela rapariga da fazenda para vir me entregar meu filho daquela maneira. Segurei-o no ônibus como estava habituada em muitas cenas ensaiadas. Fui esperta, não? Fui inteligente? Não. Fui mulher. Foi o instinto que me ensinou a suprir aquilo que a vida me negara.

Ofegava, de olhos cerrados, encostada no batente da porta. E falava, falava. Os estranhos afastaram-se cabisbaixos, o dr. Tota passou entre as duas e foi atender a um dos doentes, Leonor tapou o rosto com as mãos e Zeca aproximou-se dela, tocando-lhe o ombro com um gesto amigo. D. Adelaide continuava recuada, incapaz de ação, mas serena. Sentindo que não a despediam, como sempre imaginara, sentindo acolhimento, ela passou da exaltação à súplica:

— Dá-me meu filho, Adelaide. Tu tiveste tudo: — dinheiro, posição, marido, prole. Foste dona duma casa, em que sempre fui figura apagada. Tiveste sociedade, netos, nome... Meu amor foi escondido, furtivo, raro. Sofri horrores, mas tive o meu Moisés perto de mim. Criei-o com desvêlo e ralhava-lhe mais para mais rabugenta me acharem. Dá-me meu filho, Adelaide, deixa-o viver. Vamo-nos para longe...

Misturava os fatos:

— Punha, escondido, mais pudim no prato dêle. Dedicava-me a vocês por vê-lo tão cuidado. Está moço, bom e tão lindo. Vai casar com Zilá, vou ter um lar do meu sangue. Se morrer, mato-me. Dá-me meu filho, Adelaide.

A senhora Mendonça estava muda, imóvel. Mil sentimentos, mil reações, convencionais e instintivas ballavam dentro dela. Talvez no seu "habitat", tivesse reagido diferente. Mas ali, no sertão, com a natureza a falar à roda e dentro dela, fez, por fim um simples gesto: abriu a mão da prima e colocou nela a penicilina.

As pessoas ao redor, moviam-se como autômatas. Um dos médicos consultou Zeca com os olhos. Êste apontou para a cama de Moisés e voltou-se para amparar a mãe. O outro médico já fervia a seringa. Mas, então, Joãozinho gemia mais alto falava alguma coisa. O dr. Trota aproximou-se do leito e tomava-lhe o pulso. Moisés não se mexia, como se já não existisse.

Amália, ao ouvir o gemido do primo, compreendeu uma porção de coisas simultâneamente: não podia reconstituir sua vida errada sôbre um remorso. Abdicou dela. Enxugou as lágrimas, aproximou-se serenamente do médico com a seringa pronta e pediu-lhe que a aplicasse no primo. E saiu do quarto, sem mesmo olhar para o lado do filho. Quando viram-na atravessar a sala e trancar-se no quarto contíguo as pessoas da família aceitaram sua renúncia e D. Adelaide levantou-se, amparada pelos filhos e quis ir para junto dos doentes. Afinal, a decisão fôra tomada pela ética médica, até então detida pela ameaça de suicídio: aplicar o remédio no que havia mais esperanças de salvar. João seria salvo dentro do senso comum. Mas pelo olhar do dr. Tota, parado à porta, compreenderam que algo havia sucedido.

— João morreu — disse. — Morreria de qualquer forma. Foi o coração.

.....

Horas mais tarde, d. Adelaide, muito pálida, mas corajosa, entrou no quarto da parenta, donde se ouviam soluços abafados:

— Prima Adelaide — disse — vem cuidar do teu filho salvo. O meu, Deus levou.

MILHARES de ESPÔSAS SÓ USAM O "MÉTODO ROYAL de fazer bolos em casa!"

FÁCIL!... ECONÔMICO!...

Com o *Fermento em pó Royal* você pode fazer dezenas de bolos diferentes, cada qual mais fácil, econômico e gostoso, e centenas de pratos apetitosos sem variar os ingredientes de sempre *e sem gastar mais!* Experimente hoje mesmo e verá!

FAÇA UM SEGURO CONTRA A PERDA DE SUAS RECEITAS!

O ingrediente mais econômico em qualquer receita é o *Fermento em pó Royal.* No entanto é uma garantia contra fracassos, *salvando* assim todos os ingredientes mais caros!

Todo o mundo come dêste delicioso "BOLO AMARELO" e pede mais!

RECEITA:

- ¼ xícara de manteiga ou outra gordura
- 1 xícara de açúcar
- 1 colher (chá) essência
- 2 ovos
- 1 ½ xícaras de farinha
- ½ xícara de araruta
- 4 colheres (chá) Royal
- 1 colher (chá) sal
- ½ xícara de leite

Amasse a manteiga até ficar um creme. Junte aos pouco o açúcar, batendo bem. Junte a essência e os ovos inteiros, um a um, batendo bem depois de cada adição. Peneire separadamente a farinha e a araruta. Meça as e adicione o *Fermento em pó Royal* e o sal Peneire tudo 3 vezes. Junte aos poucos os ingredientes peneirados, alternados com o leite, batendo sempre. Unte a fôrma ou forminhas e deite-lhes a massa. Para fôrma grande, use forno regular cêrca de 50 minutos. Para forminhas ou fôrmas rasas, use forno quente cêrca de ½ hora.

GRÁTIS Peça o livro de receitas Royal, escrevendo para a Caixa Postal 3215. Aí encontrará centenas de receitas para variar quase ao infinito o menú de cada dia... e sem gastar mais!

Produto da STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC. — Rio de Janeiro

O QUARTO N.º 25

(Continuação da página 42)

resultara menos das alterações visíveis do que uma sutil e profunda melancolia que a agarrara inteira. Os olhos vermelhos indicavam que lágrimas tinham corrido. Seu silêncio, impenetrável, infundia respeito. Uma semana vivemos e sofremos com D. Melita sua tragédia. Uma semana inteira, numa tácita solidariedade, conversávamos quase em voz baixa e nos preocupamos com ela. Ninguém mais ousou fazer piadas fantasiosas, nem comentar com sorrisos as visitas ao quarto. D. Melita emagrecera visivelmente. Olheiras tomaram conta de seus olhos e os passos, outrora firmes, tornaram-se trôpegos como de uma velha. Exatamente dez dias depois da carta a história teve seu ponto final. Estávamos conversando à tarde, como de costume, quando um mensageiro apareceu com um telegrama para D. Melita. Nem sequer necessitamos chamá-la. Ela surgiu talvez por intuição, os olhos brilhantes e, quase correndo, levou o papel na direção do corredor, para o "quarto 25". Nunca acontecera isso das outras vêzes. Os aposentos de D. Melita ficavam no extremo oposto ao quarto que ela elegera como esconderijo ou santuário. Movidos pela mesma curiosidade, todos nós levantamos e indiscretamente nos aproximamos da porta. Ouvimos um ruído surdo, como se algo tivesse caído e depois, mais nada. Durante alguns minutos comoventes ficamos ali, não sabendo que atitude tomar. Mas a tensão coletiva de que estávamos possuídos, não permitiu mais delongas. Eu me adiantei e bati na porta com violência. Ninguém respondeu. Logo, numa ânsia desordenada, batemos e chamamos todos nós, mas não veio de dentro nenhum ruído. Temos de arrombar a porta, exclamei, e os outros concordaram. Na porta de saída havia uma tranca de ferro que trouxemos para usar como alavanca. Após quinze minutos de confusão onde, por vêzes, nossos esforços se anulavam, a porta cedeu. Finalmente escancarada, nos precipitamos para dentro. O que vimos foi doloroso e decepcionante. No centro, uma cadeira velha, nada mais. Nem móveis, nem cortinas, as paredes nuas, o assoalho empoeirado. D. Melita, morta num canto. Na mão direita um papel com um pó branco, talvez cianureto, resto do veneno que tomara direta-

E' UM EXEMPLAR DO "ALMANAQUE EU SEI TUDO", **O MARAVILHOSO LIVRO DOS MIL ASSUNTOS, PARA 1949**

★

Dez Contos, Duas Lendas, Um Romance Completo — tudo ilustrado.

★

Os Centenários do Ano, Calendário, Notas e Informações.

O ANO CINEMATOGRÁFICO

Histórias e Narrativas. Homens e Coisas da História. Arte e poesia.

★

Charadas e enigmas. Quadros em côres

ASSUNTOS DO LAR E DA MULHER

O ALMANAQUE EU SEI TUDO é o companheiro ideal para férias, viagens, o livro de cabeceira por excelência. Trezentas e tantas páginas ilustradas por Cr$ 15,00.

★

À venda em tôdas as bancas de jornais de tôdas as cidades do Brasil.

★

Pedidos mediante vale do Correio ou pelo Reembolso Postal à CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Visc. de Maranguape, 15 — RIO.

mente, sem líquido algum. Ao lado da cadeira, o telegrama. Meio entreaberto, nem pensamos na ética quando o tabelião curvou-se para ler. Dizia: "Virtude recomendação escrita do sentenciado 1.357, lamentamos comunicar seu falecimento, quarta-feira". Abaixo da assinatura estava: "Diretor da Penitenciária Estadual".

Não gostaria de acrescentar mais nada à história de D. Melita e de seu quarto vazio. Outras circunstâncias vieram se juntar à natural confusão provocada com sua morte e logo após mudei-me de sua pensão. Há dias encontrei-me com o advogado funcionário público e nada êle disse ao que eu já sabia da tragédia. E o mistério daquele quarto fechado, que esperou inutilmente mais de oito anos pela volta do amante, marido ou filho preso, ficará para sempre na memória, e D. Melita como o exemplo de constância mais desesperada que já pude observar na minha vida.

A AMIZADE FRANCO-AMERICANA

(Continuação da página 5)

mais importante problema no mundo do que encontrar um meio para que os povos pudessem andar satisfeitos um ao lado do outro, especialmente quando certas circunstâncias favorecem mais a uns do que a outros. Disse-lhe que havia na América muitos americanos que acreditavom que milhares europeus não teriam morrido de doenças e de fome, se os Estados Unidos os houvessem socorrido a tempo, logo ao findar a guerra, olhando tal situação como mais importante do que a da própria vitória. Disse a Paul que os americanos não tinham sido muito felizes, pois os Estados Unidos haviam esperado quase três anos com a inatividade do Plano Marshall, em virtude de um dos argumentos dilatórios discutidos no Congresso, ter sido o caráter militar do mesmo Plano. Mas, é importante saber-se que alguma coisa está sendo feita agora, e que tôda a América se interessa pelo bem estar geral. Agrada saber que a Europa está-lhe seguindo as pegadas, e que, se nós pudermos resolver os problemas da guerra, todos os povos do mundo terão a chance de fazer progresso que ainda não vira a raça humana. Para isso é indispensável que todos êsses países se esforcem para proteger suas terras e fontes de riqueza como nunca o fizeram, bem como lutar para evitar catástrofes como outra guerra.

— Agora, Paul, disse-lhe eu fitando-o com atenção para ver se estava fazendo algum progresso pedagógico. Quando chegamos a tais assuntos económicos, receio que defrontamos um nó difícil de desatar. Porém, quando você estava a falar sôbre dinheiro, a princípio, raciocinava com muito mais clareza do que certos povos que dizem perceber a função do dinheiro, mas que complicam tudo pelo fato de não estarem seguros, êles mesmos, do assunto em questão.

O olhar de Paul se iluminou.

— *Mister Cusans*, disse êle. Compreendo agora. O senhor respondeu às minhas perguntas. O senhor fala como se ainda estivesse com seus onze anos de idade.

E eu aceitei êsse conceito como real delicadeza.

O CAIXEIRO IMAGINOSO

(Continuação da página 21)

Calvário é Calvário, tanto para subir como para descer. Teve de vir de costas, equilibrando — se caissem as caixas? Mas não caíram. E aproximou-se, a concertar o nó da gravata, para prevenir um pescoção.

A diva envolveu-o no mesmo olhar de féra lambida e entonou a voz.

— "Seu" Silveira, o senhor tem dêsta sêda? Foi comprada aqui, uma amiguinha...

— Temos, sim, senhorita, temos... E num realce desdobrou a peça fascinado por entrevê-la naquele delicioso mar de sêda verde — verde como orla de praia... Ela entregou-se, mergulhando os braços nas ondas...

— Que... deixe-me ver... três... cinco metros.

Ao lado o Cel. Teixeira não tirava os olhos do poeta.

— Quanto é?...

— Para a senhorita? Trinta mil réis...

O Habib estava distante. Sempre, nestas ocasiões...

Feito o embrulho e pago despediram-se — Josefino com um "muito obrigado" comprido e macio como os cinco metros de sêda — ela com um "até loguinho" sorrateiro como os trinta mil réis. E o olhar do pai levou a filha embora.

Então Josefino respirou e exultou. Mas vendo o Habib sacudiu o serviço afim de espantar o remorso. Radiante como estava prometeu escorchar outros fregueses para recuperar ao Habib. Tão bom o Habib!

★

Nessa noite, aí pelas oito horas, estava o poeta em mangas de camisa no quarto e despejado o baú revia as suas produções com o fito de atualizar e personalizar alguma para o próximo domingo quando ouviu um toc-toc na porta. Abriu-a.

Era um preto, que lhe entregou um papel dobrado. Papel dobrado é bilhete, mas aquêle era uma verdadeira intimação! Senão vejamos:

Senhor Silveira de Abreu. Necessito seu comparecimento o mais breve em minha casa. (a) Teixeira. P. S. Traga algumas das suas composições literárias, as melhores. O mesmo.

Quando Josefino terminou a leitura o preto já se tinha misturado com a noite.

Desandou a ir e vir, atenazado por todos os espinhos da corôa da dúvida. E esta! Na realidade, não reparara no Cel. Teixeira. Só vira e atendera Regina. Mas acreditava que o caso lhe dizia respeito. Casório com certeza. O velho lera o soneto, gostara, fôra conhecer o autor e agora era o "casa ou morre!" Iitimação, que doce palavra! "Sê feliz vamos, ou te mato!" Mas, "traga algumas das suas composições literárias, as melhores". Isso que diabo tinha com casamento? Ah! Talvez fosse para lecionar literatura à pequena? Ensinar aquela travessinha! Um céu! Outra hipótese: em agradecimento à dedicatória do soneto e ao abatimento da sêda — quem sabe — ia ter o seu editor?

E podia ser esta, aquela ou aquela outra, razões porque Josefino atravessou a noite em claro e no dia seguinte em vez do balcão correu à casa do misterioso Cel., sobraçando a encomenda.

— Dá licença?

— Ora viva!

— O Cel. honrou-me com seu chamado...

— Perfeitamente, meu caro homem de letras. Chamei-o, sim. E aqui está. Vejo que entraremos em acôrdo.

Josefino olhou em redor. Não havia bengala, estatueta, castiçal, vaso... Tudo transcendia a delicadezas. Sôbre a mezinha do centro um fino bordado — trabalho "dela" com certeza.

O Cel. era um homem de rosto largo, bastos bigodes, voz marcial, gestos decisivos. O olhar era tão fino que atravessaria o buraco de uma agulha.

— Meu amigo é um moço inteligente, tive provas (Josefino lembrou-se do *Ad eterna*) e eu, como vê, um homem de luta, um batalhador.

— Se eu puder...

— Pode sim. Deve. A fôrça vence, mas a inteligência vence bonito.

— Sim, senhor. Farei...

— Pois quero que faça isto.

Chegou a cadeira. Diminuiu a voz, como um rádio.

— Conhece o ambiente. Sabe que vamos eleger os vereadores. O govêrno tem doze candidatos — uma maioria e tanto — mas não podemos, *nós* da oposição, perder o páreo.

Foi a uma gavetinha e sacou um papel.

— Eis os cavalos.

Era nada mais nem menos que os figurões da política dominante, e a Josefino aterrado pareciam grandes como os doze Pares de França.

— Conheço os pôderes de cada um. Mas (aqui desmoronou o semblante) que pode a minha pena? Sou a fôrça. Na eleição achato-os todos a guatambú. Mas, e a finura para o ridículo? Não a tenho, que quer? Tiro-lhes a pele, mas não a roupa. Deixo-os em carne viva e não posso deixá-los em pêlo!

Josefino quis secundar a gargalhada do Cel., mas a garganta secara — porisso simulou uma tossezinha.

— Eu penso que...

(Continua na página 47)

DRAGO

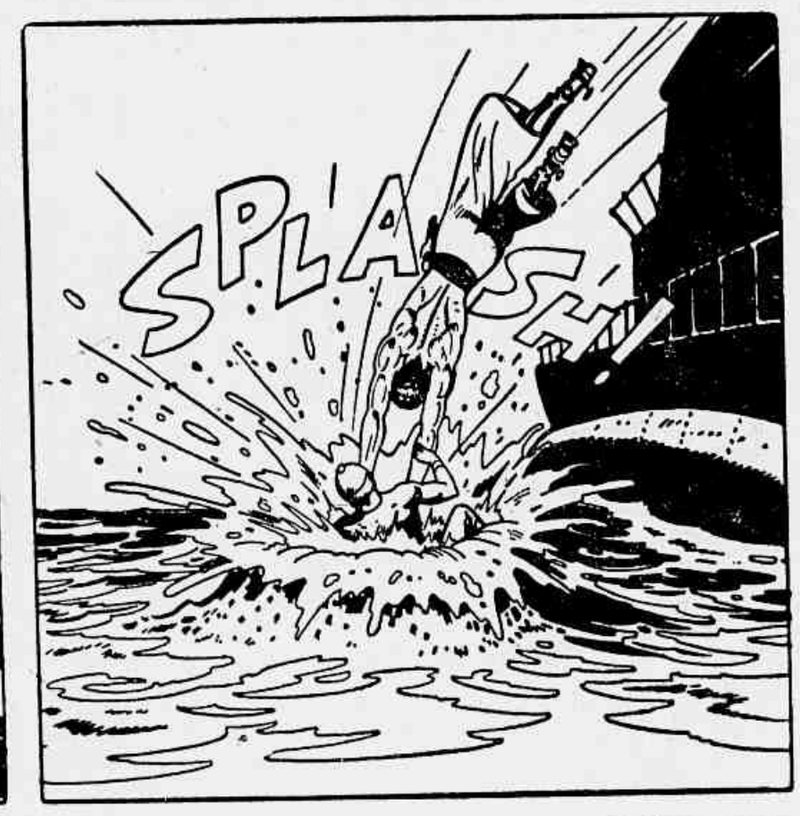
Nº 31

Por Hogart

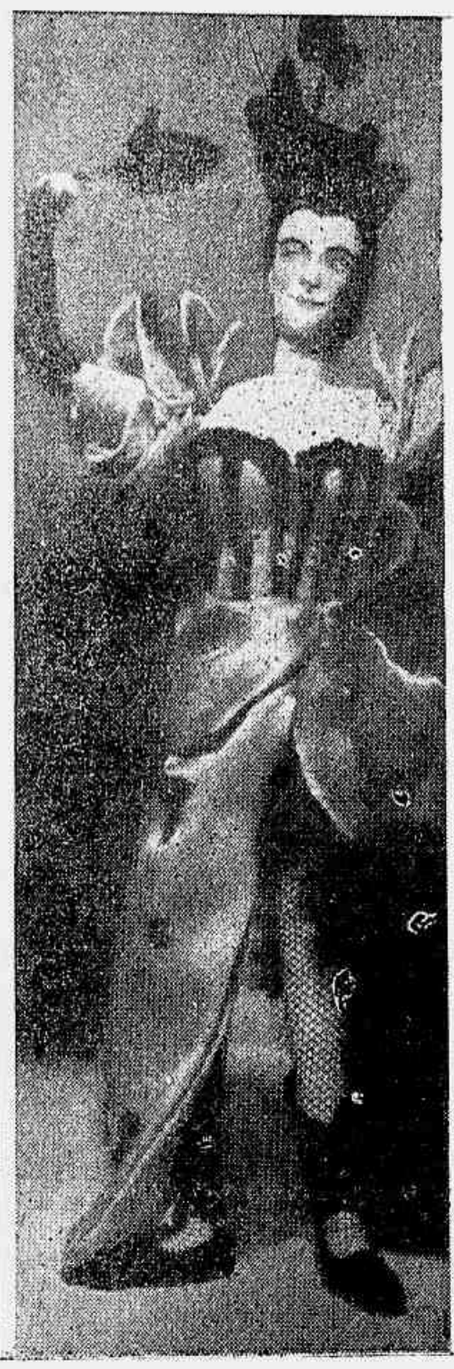
DRAGO

Nº 32

Por Hogart



ETHEL BARRYMORE
(The Corn is Green)



BEATRICE LILLIE
(Inside U.S.A.)

HELEN HAYES
(Victoria Regina)

TALLULAH BANKHEAD
(Litle Foxes)

LAURETTE TAYLOR
(Peggy-ó-My-Heart)

Não se pode negar que o espírito norte-americano é fértil em inovações interessantes máxime no que diz respeito à seara da cultura.

Agora mesmo Mary Green teve a idéia de modelar nada menos de 150 bonecos-miniaturas de artistas famosos do cinema e do palco, dando-lhes indumentos e traços fisionômicos dos seus originais, despertando a novidade a mais intensa curiosidade.

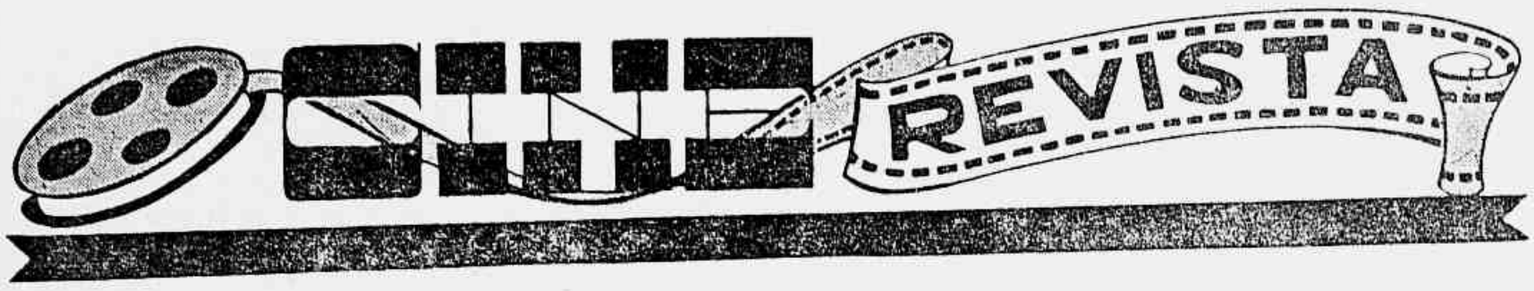
Essa coleção pertence ao escritor teatral Daniel Blum, de Nova York, e se acha em exposição no Museu daquela cidade, e é

O que mais caracteriza essa realização original, é que a sua criadora teve a feliz lembrança de modelar e vestir bonecos na interpretação de papéis conhecidos de cada um dos artistas homenageados. Aí está uma inovação que deveria merecer atenções dos próprios govêrnos, os quais deviam adotar êsse processo de fixar épocas na vida artística dos respectivos povos, organizando Museus de Arte com êsses modelos-miniaturas dos seus mais festejados artistas. Aqui damos alguns dos bonecos do Museu da Cidade de Nova York.

DOROTHY STICKNEY e HOWARD LINDSAY (Life with Mothers)

BONECOS DA BROADWAY

KATHARINE CORNELL (The Barrets of Wimpole Street)



Por **FRANK STEIN**

DENTRO ou fora dos estúdios, onde quer que se encontrem, Humphrey Bogart e sua encantadora espôsa Lauren Bacall, põem sempre uma nota de vívido interêsse em quantos os rodeiam, pois sentem-se felizes em conviver com aquêles que cultivam a sua amizade. Êles formam, evidentemente, o casal mais feliz e, por isso mesmo, mais comentado de Hollywood. Possuem um iate — "Santana" — no qual fazem diversos passeios juntos. Mas um fato estranho se dá com êles: não é só na vida real que se dão bem, pois já filmaram juntos diversas películas, consagrando-se, talvez, a dupla mais querida do cinema americano. Se analisarmos bem os fatos, veremos que isso é uma grande vitória para ambos, pois raríssimos são os casais de Hollywood que enfrentam juntos a câmera depois do matrimônio. Vivien Leigh e Lawrence Olivier foram separados pela guerra.. Tyrone Power e Anabela só fizeram uma película depois de casados... Robert Taylor e Barbara Stanwyck também só apareceram juntos no cinema uma vez depois de unirem-se na vida real... Mas Bogart e Lauren continuam firmes, aparecendo juntos, conquistando um êxito após outros, como "Uma Aventura na Martinica", "À Beira do Abismo" etc. Quando Humphrey foi ao México, para filmar algumas cenas de "O Tesouro de Serra Madre", apesar de não haver no seu "cast" uma única mulher, Lauren Bacall não deixou de acompanhá-lo, pois não podia ausentar-se do marido por várias semanas. E novamente a Warner indicou os seus nomes para figurarem juntos, mais uma vez, em "Paixões em Fúria" ("Key Largo"), sob a direção do notável John Huston. "Paixões em Fúria" é uma película baseada numa obra teatral em que Paul Muni obteve assinalado triunfo, e conta com os nomes de Edward G. Robinson, Claire Trevor, Lionel Barrymore e outros, e marcara, indiscutivelmente, outro grande triunfo na carreira vitoriosa dêsse simpático casal de Hollywood.

Bogart e Bacall, uma das duplas mais aplaudidas do cinema

"Key Largo", dirigido por John Huston, nos traz de volta o mais simpático casal de Hollywood

Bogart, Trevor e Bacall, numa cena de "Paixões em Fúria", da Warner

nossa opinião

"CAÇULA DO BARULHO"

Lívio Bruni, um rapazinho esperto que vinha ludibriando várias pessoas, na qualidade de representante da Lux-Mar-Film no Brasil, resolveu ludibriar as massas, em grande quantidade, de vez que êsse negócio de enganar a um e a outro seria muito demorado e talvez nem sempre desse certo, correndo o risco de enfrentar, pelo lado de dentro, as grades de uma cadeia. Rapazinho esperto, como já frizamos acima, e levando-se em conta que esperteza, nêsse grande país, é sinônimo de malandragem, Lívio empregou grande capital, conseguido à custa de sua esperteza, e após vários desentendimentos com vários estúdios da capital, entrou num acôrdo com a Atlântida para financiar um filme que denominaria "nacional", porque, afinal de contas, fazer um filme nacional é a única forma de se enganar o público sem o menor receio de estar infringindo a lei. Lucro honesto, amigos. Ricardo Fredda, o Cecil B. de Mille italiano, foi contratado para escrever e dirigir a película. Com êle, veio sua espôsa, Giana Maria Canalle, consagrada "Miss Itália" por alguns juízes neuróticos. Os nomes de Oscarito, Grande Otelo, Anselmo Duarte, Luís Tito e Sérgio de Oliveira foram incluídos para garantir o sucesso de bilheteria. E Lívio Bruni, dentro de sua vaidade natural, mandou colocar o seu nome em letras garrafais, como produtor, certo de que, com esta película seria incluído no grupo dos "cineastas" brasileiros que fizeram fortuna fabricando abacaxis. Esta foi a única vez, me parece, que Lívio agiu com honestidade. Estava disposto a fazer uma péssima película — e conseguiu o seu intento. O conteúdo é paupérrimo, uma banal história policial calcadas nas centenas que Hollywood exporta para o mundo. Com a diferença que é muito pior. Não há o mínimo vestígio de direção. E isso nos faz pensar no tremendo sucesso que os Fenelon e os Burle cá de dentro fariam lá em Roma, caso fôssem convidados para dirigir uma película na península. Quanto às interpretações, Giana Maria Canalle deve contentar-se com o título de "Miss Itália", posando para fotografias de propaganda e nada mais. Mas nunca abrir a bôca para falar, e muito menos em português. Anselmo Duarte não tem curso de cinema e faz do filme brasileiro a sua escola. Está aprendendo, mas falta muito para ser um ator. A primeira fase está vencida: tem boa estampa. Oscarito repete os seus trejeitos e faz rir aos mais tolerantes. Sérgio de Oliveira pode ser aproveitado em outros filmes mais sérios. Luís Tito, que consideramos o melhor do "cast" tem qualidades, bom jôgo fisionômico e sabe falar diante da câmera. Faltou-lhe direção. E o resultado aí ficou: foram importados diretor e "estrêla" italianos para fazerem um filme americano no Brasil. Que os entendidos venham de fora para nos "ensinar" cinema, admite-se, pois nada entendemos disso. Mas que venham aprender, não é justo nem racional. Enfim, o cruzeiro, ainda que desvalorizado atrai muita gente. "O Caçula do Barulho", sejamos sinceros, foi o filme nacional mais bem feito, tècnicamente, ao lado de "Poeira de Estrêlas", a que já assistimos. Mas foi só isso.

"CARTA DE UMA DESCONHECIDA"

Possivelmente, o "screen-play" dêsse celulóide poderia ter sido melhor, conter menos diálogos, ser mais cinematográfico, de vez que foi adaptado de um conto pequeno de Stefan Zweig. O diretor Max Ophuls, entretanto, consegue contornar perfeitamente as dificuldades, não deixando que o filme se arraste, embora algumas cenas não possam fugir à monotonia. Sua narrativa é serena, mantendo um bom ritmo e demonstrando qualidades de bom cineasta, apesar das dificuldades do roteiro, ampliado para atingir as proporções de um filme de longa metragem. E' uma história de amor muito ao gôsto do público. Joan Fontaine está esplêndida, conseguindo mais um sucesso em sua carreira artística. Louis Jourdan é um novo galã que estrêla com agrado, tendo um desempenho razoável com possibilidades de melhora em filmes posteriores. (Produção Rampart-International).

"ARCO DO TRIUNFO"

Não é esta a primeira história de Eric Maria Remarque ("Sem Novidade no Front", "Náufragos", "Três Camaradas") que foi transportada para a tela. Todavia, foi a que mais sofreu os cortes da censura. Apesar de os nomes que tomaram a responsabilidade de sua elaboração serem de primeira categoria, a influência da tesoura prejudicou o grosso volume do grande escritor contemporâneo, que se especializou em focalizar os dramas da guerra e suas consequências, com o seu poder profundo de penetrar nos fatos e analisá-les à luz da razão, onde Remarque focalizava a tragédia dos refugiados, restou, ainda assim, uma história de amor interessante, até certo ponto, pois, apesar dos cortes, muito bem feitos, aliás, pode-se acompanhar de perto a vida agitada de Jean Madou, que colocava o luxo e a riqueza à frente de qualquer outra coisa, mas que, apesar de tudo, não podia escapar às garras do amor, dêsse amor que lhe fazia falta e onde ela encontrava um refúgio para os seus sofrimentos de mulher perdida, transformando-se numa verdadeira escrava. Ingrid Bergman, sempre linda e muito bem fotografada, tem um desempenho bom, que não lhe exige muito. Charles Boyer, correto como sempre, formando uma dupla com Ingrid que foi consagrada em "À Meia Luz". Lewis Milestone, um dos melhores diretores de Hollywood nos dá um trabalho apreciável, longe, no entanto, daqueles que nos deu em "Um Passeio ao Sol", "Mais Forte que a Vida" e "O Tempo Não Apaga". A planificação de William Cameron Menzies é a responsável pelas boas cenas e pela brilhante composição fotográfica, muito bem entrosada com a partitura musical, que é de primeira linha. E tudo isso faz de "Arco do Triunfo" um filme aceitável, apesar dos pesares.

ASSIM como os filmes de "far-west", explorando as regiões do oeste americano, as cidades sem lei, onde o melhor atirador impõe suas vontades e a justiça impera à fôrça da bala, os celulóides policiais também caíram na rotina, criada pelo excesso de produção no gênero. A principal fórmula é a do detetive amador que descobre um cadáver, e resolve solucionar o crime, onde se acham envolvidos vários indivíduos, todos êles suspeitos, inclusive uma formosa senhorita, na maioria das vêzes uma jornalista que procura um "furo" para sua revista, e por quem o detetive acaba se apaixonando. No final, como todos estão fartos de saber, o assassino é "o menos suspeito" — o mordomo ou a criada — para surpresa de todos os personagens

UM NOVO POLICIAL

do filme, menos dos espectadores. E assim o gênero policial vem perdendo o seu prestígio, e o interêsse do público vai caindo lentamente. Vez por outra, aparece uma película original, elaborada com inteligência, com noção de cinema, com bom argumento. "Crime em Paris", "Trágica Inocência", oriundos de França, e "O Relógio Verde", de Hollywood — para citar os mais recentes. Depois tudo volta ao ritmo normal, até que um cineasta de valor, do quilate de um Hitchcock, um Fritz Lang ou um Siodmak, resolvam dirigir um espetáculo dêsse atraente gênero de mistério. E foi justamente o que aconteceu, quando Anatole Litvak se dispôs a dirigir "A Vida Por um Fio" ("Sorry wrong number), produzido por Hal Wallis para a Paramount. A história é, realmente, fascinante e original, e a película, após exibida nos Estados Unidos, foi unânimemente aplaudida pelo público e pela crítica. Trata-se de uma mulher cardíaca-neurótica que se acha acamada há longo tempo, não podendo sair de casa. Ao telefonar para seu marido, que se atrasara muito àquela noite para o jantar, dá-se um cruzamento de linhas e ela pôde ouvir a conversa de dois homens que planejam o assassinato de uma mulher para as 11,15 daquela mesma noite. Nervosa, ela liga imediatamente para a polícia para comunicar o fato, mas, ao descrever detalhadamente o local, a hora e a residência onde se cometeria o crime, toma-se de verdadeiro pânico e pavor — pois a vítima seria ela própria. A polícia não lhe dá crédito e muito menos o seu médico que acreditava ser mais uma das habituais crises de sua paciente. E os ponteiros do relógio avançam, fazendo uma sombra sinistra e trágica, marcada pelo "tic-tac" irritante que anunciava uma tragédia próxima... Como se vê, um diretor da linha de Litvak poderia obter ótimos resultados com semelhante história criando uma atmosfera de tensão e expectativa, oferecendo-nos um genuino espetáculo de "suspense". Os "astros" principais são Barbara Stanwyck e Burt Lancaster. E assim, de quando em quando, é salvo da mediocridade e do esquecimento um dos mais brilhantes e absorventes gêneros de filmes, que é o gênero policial.

Barbara Stanwyck e Burt Lancaster em alguns momentos emocionantes de "A Vida por um Fio", um original filme policial dirigido por Anatole Litvack

A. MIGUEIS

A'INT GOT A DIME TO MY NAME

Ain't got a dime to my name
What a terrible shame
Ho, hum!
Ho, ho, ho, hum!
Junst found a hole in my shoe
And my stocking shows through,
Ho, hum!
Ho, ho, ho, hum!
I know that when you're as free
As a bird in a tree
Life is wonderful him
Look at the crank
With his dough in the bank
Don't you feel sorry for him?
Rolling along at a loss
Never gathering moss
Ho, hum!
Ho, ho, ho, hum!

★

CASINHA BRANCA

(Marcha)

Roberto Roberti e Arlindo Marques Júnior — Gravada por Dircinha Batista

Uma casinha branca
Um amor sincero
Sem despedida
Uma porção de sonhos, meu bem
Assim é que eu vejo a vida.

Oh! felicidade, eu sei
Que todo o mundo cansa
De te procurar
E, afinal, felicidade,
Não és tão difícil
De se conquistar

★

UM POUQUINHO E NADA MAIS

Um pouquinho de amor
Um poquinho e nada mais
Um doce beijo dos seus lábios mo-
[renos,
Uma carícia e nada mais.

A beira-mar
Em noite de luar
Quero contigo
Sòmente sonhar

Sinto prazer só em pensar
Que ainda um dia
Eu hei de te amar.

O MESMO CESAR

Voltamos a ouvir Cesar Ladeira. Desta vez, ao microfone da Rádio Nacional, com quem firmou vantajoso contrato. E' o mesmo Cesar de trinta e dois anos. Sóbrio no dizer, seguro na pronúncia e inigualável na interpretação do que lê. Ao contrário do que imaginávamos, o egresso da Mayrink Veiga, não perdeu a classe, nem tampouco desceu ao comodismo dos programas açucarados para se manter, ainda, no rádio. E' senhor absoluto de "Erros de Todo o Mundo", que Gastão Pereira da Silva escreve. Sem fugir ao estilo que o tornou admirado entre o grande público, Cesar conduz, com agrado, êsse interessante passa-tempo da PRE-8. E, quando o mesmo chega ao fim, é contrariada que a maioria desliga o receptor. Isto, porque a voz do ex-locutor mairinquiano, não cansa. Êle, na leitura do "script", nos deixa a impressão de uma agradável palestra familiar, em que os mais variados assuntos são tratados. Também, na leitura do comentário político da PRE-8, Cesar Ladeira mostra sua firmeza na arte de dizer ao microfone. Sem titubeios, interpretando à altura os conceitos emitidos pelo sr. Ernani Reis, êle consegue atrair para a aridez de uma página política, a atenção de quantos são francamente das novelas e das melodias carnavalescas. E, tanto isso é verdade, que boa parcela de rádio-ouvintes, ao se aproximar as vinte e uma horas, fica atenta à palavra de Cesar Ladeira, seguindo-lhe tôdas as entonações.

Criador de tantas iniciativas úteis ao "broadcasting" brasileiro, o egresso do "cast" mairinquiano, é, nos dias que correm, aquela mesma figura de prôa que ajudou a conduzir a nau radiofônica pelos mares encapelados da indiferença. Lutando por um ideal, Cesar Ladeira atinge sua maioridade artística conservando o mesmo estado de ânimo, de quando enfrentou, pela primeira vez, um microfone. Nêsse ponto, está explicada a razão dêle continuar desfrutando da mesma simpatia, com que o recebeu o público-ouvinte.

RÁDIO-FLASHES

Aconteceu no rádio

Décio Luís deixou mesmo o microfone PRE-3, ingressando nas hostes "associadas", onde já está atuando. O egresso da Globo, de há muito vinha sendo tentado pela cifra com que lhe acenava a Tupi, daí sua resolução final, após uma temporada de meses na PRE-3. ★ Tito Leite, ora trabalhando no setor brasileiro da NBC, esteve no Rio para uma ligeira visita a parentes e amigos. Mas, na segunda semana dêste mês, tomou o avião rumo a N. York, a fim de assumir seu pôsto. ★ Também está de viagem marcada para Londres, a srta. Maria Helena, irmã de Luís e Ramos de Carvalho. Redatora da BBC, ela veio passar as festas no seio da sua família. ★ Acyr Boechat produtor da Nacional e responsável pela seção radiofônica de "A Noite", acaba de voltar às suas atividades radiofônicas, após merecidas férias. ★ Georges Boulanger e Elvira Rios, são os dois novos cartazes internacionais com que conta a PRE-8 nêste momento. Fala-se, ainda, na chegada de famosa artista francêsa, cuja estréia está marcada para os primeiros dias de fevereiro.

Ela preferiu a música

Jovita Luna, essa insinuante vedeta argentina, que no decorrer de 1948 alcançou sucesso "estrelando" o conjunto de revistas do Teatro Recreio, além de participar de alguns programas da PRE-8 vem de organizar uma grande orquestra de ritmos norte-centro-americanos, com a qual seguirá, em março, para a Europa.

O roteiro dessa excursão de Jovita Luna, conforme declarações que nos fez será: Madrid, Lisboa, Paris, Bélgica e Inglaterra. A Orquestra Pan-Americana (êsse é o nome do conjunto) é integrada, em sua maior parte, por músicos brasileiros.

O teatro os chamou

Com Rei Momo às portas da cidade, voltam-se as vistas dos empresários teatrais para os cartazes do "broadcasting" carioca. Dêsse modo, numa ligeira espiadela pelos luminosos das companhias que ora ocupam os teatros do Rio, deparamos com o nome de Linda Batista, no elenco de Walter Pinto; com os de Dircinha, Badu e Silvino Neto, no de Derci Gonçalves; Ronaldo Lupo, Colé, Celeste Aida e Lídia Bastiani, no Teatrinho Jardel, e finalmente, Carmen Costa, no conjunto de Chianca de Garcia.

Também o teatro de comédia está lançando mão de alguns "medalhões", haja vista que o nome de Luís Tito figura no elenco de Sandro, enquanto o de Graziela Ramalho, está no do conjunto do Ginástico.

Popularidade e dinheiro

Abelardo Barbosa é o que se pode chamar de sujeito de sorte. Com um cassino imaginário, onde o dinheiro corre, ùnicamente do patrocinador do programa, êle conseguiu atrair para sua pessoa, a atenção de milhares de ouvintes. Hoje, usufruindo do prestígio dessa popularidade, Abelardo Barbosa tem um lugar garantido em qualquer emissora do país, isto, sem ser necessário recorrer à palhaçada ou mesmo às comuns piadas de alcova. Tanto isso é verdade, que o dono do "Cassino da Chacrinha", no festival realizado no Carlos Gomes, recebeu livre de despesas, a importância de trinta mil cruzeiros. A casa esteve super-lotada, sendo vendidos quatorze ingressos a pessoas que não fizeram questão de assistir o espetáculo em pé.

Vai fazer cinema!

Victor Lima, que durante algum tempo dirigiu o programa "Cine-Reportagens A-9", encontra-se em Nova York, na qualidade de presidente da Telefilmes do Brasil S.A.

Victor Lima, além de grande idealista, é uma figura de real dinamismo, produto da geração nova, que pelo esfôrço de sua inteligência e pela sua indiscutível capacidade em assuntos cinematográficos e radiofônicos, promete até então indecisa indústria do filme nacional, filmar projetos e assentar bases positivas, a fim de situar o Brasil num ponto concreto, na produção de películas.

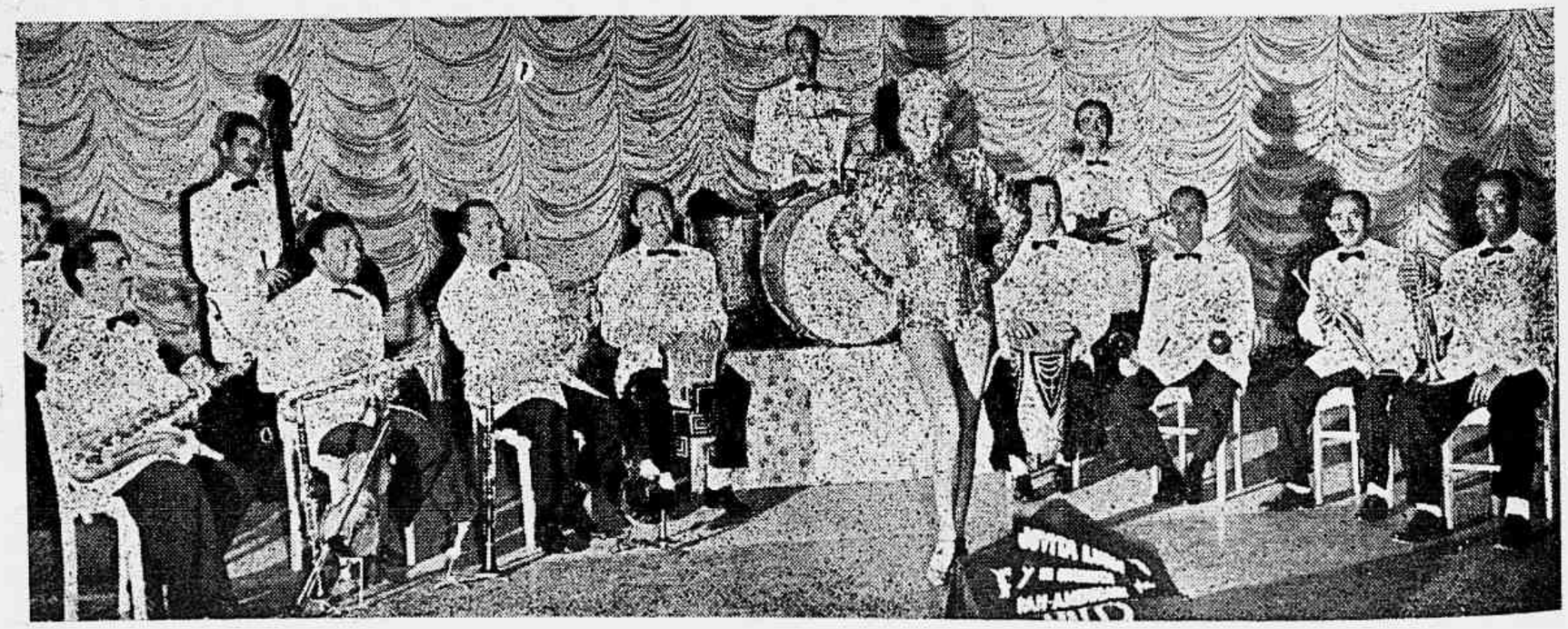
O presidente da Telefilmes do Brasil S.A. foi convidado por um grupo de financistas norte-americano, que prometeu, com vivo interêsse, patrocinar a elevada campanha em prol do cinema brasileiro.

ZILAH FONSECA

Retratando

Zilah Fonseca, ora cantando com exclusividade ao microfone PRE-3, é paulista de nascimento. Sua estréia no "boadcasting" nacional, deu-se por intermédio da Rádio Educadora Paulista. Mais tarde, transferindo-se para o Rio, veio a ingressar no "cast" das "emissoras associadas", onde travou conhecimento com o locutor Osvaldo Luís, de quem se tornou espôsa. Intérprete de música popular, a jovem artista já atuou ao microfone da maioria de emissoras do país, sendo bastante conhecida entre os rádio-ouvintes patrícios.

Zilah Fonseca possui um esperto garoto, que na pia batismal recebeu o nome de Osvaldo Luís Filho. Segundo os entendidos, o garoto promete fazer concorrência ao pai, tal a facilidade com que se exprime.



Jovita Luna e a Orquestra Pan-Americana

★

MODERNO E AGRADÁVEL

As cortinas, de linho inglês estampado, em desenhos modernos e graciosos, dão uma nota alegre ao ambiente claro; forração em passadeira aveludada beije, harmonizando com o grupo, estofado com veludo ouro-velho; as cadeiras e a mesinha, de linhas originais, em tom havana; finalmente as estantes e o "abat-jour", brancos, dão ao conjunto êsse ar suave e repousante, em que apetece viver

★

ORÇAMENTOS · E · PROJETOS · SEM · COMPROMISSO

· 65 · RUA DA CARIOCA · 67 ·
· RIO ·

Hollywood - Calif. — Está despertando o maior interêsse em Hollywood o novo filme da Metro Goldwyn Mayer — "Sua Espôsa e o Mundo", com Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson, Angela Lansbury, Adolphe Menjou e Lewis Stone. O filme é dirigido por Frank Capra e será brevemente lançado no Brasil.

Quando artistas como Katherine Hepburn, Spencer Tracy, Van Johnson ou Angela Lansbury escolhem um cigarro, não é o preço que os atrái, mas a *qualidade!* E é por isso que preferem cigarros onde entra a mesma alta qualidade de tabaco que você encontra nos cigarros Hollywood. Você está certo escolhendo Hollywood!

CIGARROS

Hollywood

Cada cigarro Souza Cruz é sempre o melhor em sua classe.

CIA. DE CIGARROS

Souza Cruz